

Convergência

Abril, Maio e Junho • 2024 • ANO LXIX



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

EDITORIAL.....	5
ARTIGOS	9
CRB: Elementos de sua memória (I) <i>Henrique Cristiano José Matos.....</i>	<i>9</i>
“Vamos fazer um filme”: inferências sobre as juventudes, trinta anos depois <i>Frei Oton Júnior</i>	<i>25</i>
Realidades juvenis brasileiras: impactos contemporâneos e perspectivas para a ação eclesial <i>Patrícia Espíndola de Lima Teixeira.....</i>	<i>37</i>
Inquietações e reflexões sobre a VRC e sua atratividade <i>Ir. Joilson de Souza Toledo.....</i>	<i>51</i>
Perspectivas de atuação com jovens: impreteríveis alinhamentos <i>Patrícia Espíndola de Lima Teixeira.....</i>	<i>59</i>
Quem nos busca e o que encontramos. Alguns dilemas da pastoral vocacional <i>Ir. Afonso Murad.....</i>	<i>69</i>
Na sinfonia vocacional, notas para o acompanhamento <i>Ir. Maristela Ganassini</i>	<i>77</i>
O projeto de vida e a vocação na vida religiosa consagrada: um encontro de significados e caminhos <i>Renato Correia Santos.....</i>	<i>87</i>

Depressão e ideação suicida na vida religiosa consagrada. (Segunda Parte)	
<i>Frei Rubens Nunes da Mota</i>	
<i>Marta Helena de Freitas</i>	99
Tecendo a cultura do cuidado: espiritualidade, saúde mental e autocuidado	
<i>Gleison Silva Pereira</i>	115
Sinodalidade e novas gerações: a esperança desponta já!	
<i>Pe. Josky Menga Makanda</i>	
<i>Fr. Alisson Mesquita de Souza</i>	125
Orientações para os/as colaboradores/as	133

Estamos em Ano Jubilar! Em 2024, a CRB Nacional completa 70 Anos de existência. Dentre as muitas atividades programadas para manifestar nossa gratidão a Deus e alegria de viver como irmãos e irmãs, o final do mês de maio e início de junho, em Fortaleza, Ceará, nos encontraremos para festejar juntos esta data tão importante. O Congresso que acontecerá de 30 de maio a 02 de junho, terá como Lema *Memória, Profecia e Esperança*. Nele buscaremos retomar nossas origens e, juntos e jutas, discernir sobre o sentido presente e futuro da opção que, como pessoas e comunidades, decidimos um dia fazer e ao qual queremos viver na fidelidade.

Preparando este importante evento, trazemos nesta edição um primeiro texto escrito por *frater* Henrique Cristiano de Mattos onde, de forma sucinta e eloquente, descreve o contexto histórico e eclesial do surgimento da CRB Nacional e seus primeiros anos de estruturação e caminhada. Uma memória importante para quem viveu este tempo de reconfiguração da Igreja e, nela, da VRC, na

dinâmica do Concílio Vaticano II. Mais importante ainda para os que não vivemos este tempo e precisamos recordar de nossas origens para poder caminhar para o futuro com segurança.

Na sequência, temos uma série de textos resultantes de um eixo de reflexões tomado como fundamental neste triênio jubilar. São os cenários e desafios que brotam dos contextos juvenis para a VRC. A reflexão nasceu da constatação de que, de formas diversas e com intensidades variáveis, a maior parte das instituições de Vida Religiosa Consagrada (VRC) têm vivenciado a redução de pessoas que buscam suas casas de formação ou uma mudança na geografia das vocações de suas províncias.

Para pensar esta realidade e buscar caminhos em meio a contextos nem sempre muito tranquilos, a Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional constituiu uma equipe que se debruçasse sobre o tema. Já nas primeiras conversas, surgiu uma imagem do Evangelho: a *porta estreita* (Mt 7, 13-14). Encarada em todo processo com o bom humor que torna os desafios da vida mais leves, a porta estreiti-

ta foi a imagem que acompanhou todo o processo de reflexão e construção destes textos.

Ela nos remete ao seguimento de Jesus que é um convite a atravessar uma “porta estreita” rumo a um caminho de gerar a vida (Mt 7, 14). A 26ª AGE nos convidou a ressignificar a VRC numa Igreja Sinodal, um caminho que conduz a vida. Nossas congregações e cada religiosa e religioso em particular, são desafiadas, em várias dimensões, a “entrar pela porta estreita”, abraçar com paixão e esperança exigências inerentes desta empreitada.

Dentro deste amplo contexto que esta temática nos desafia, a reflexão teve como pano de fundo a dimensão da animação vocacional. Como tocar nossos jovens e jovens adultos a passar pela porta estreita para ganhar a vida? O que é preciso “deixar para trás” para “passar”? Que posturas são fundamentais para a travessia?

Os primeiros três textos focam em aspectos diversos da realidade juvenil. No primeiro, Frei Oto, com o provocativo título *Vamos Fazer um Filme: Inferências sobre as juventudes 30 anos depois*, tomando por base uma música do Legião Urbana e em diálogo com o magistério do Papa Francisco, apresenta um olhar panorâmico sobre a realidade juvenil. Na

sequência, Patrícia Teixeira nos apresenta as *realidades juvenis, perspectivas e impactos*, apontando mudanças democráticas nas realidades juvenis brasileiras. Ainda nessa dimensão do *escutar a realidade*, Irmão Joilson levanta algumas *inquietações e reflexões sobre a atratividade da VRC* reconhecendo as implicações e complexidades presentes em um projeto de animação vocacional que, de fato, contribua na Igreja sinodal que sonhamos construir.

Os outros três enfocam aspectos do trabalho com os jovens. Em um segundo texto, Patrícia Vieira aborda as *perspectivas de atuação com jovens: impreteríveis alinhamentos*. Nele, são oferecidas ferramentas para o trabalho com jovens na contemporaneidade. No quinto capítulo o Irmão Afonso Murad aborda o *perfil dos jovens que têm procurado a vida religiosa*. Reconhecer os traços de quem nos procura nos ajuda a repensar os processos de acompanhamento e das casas de formação. Concluindo a Irmã Maristela nos brinda com o sexto capítulo enfocando o *perfil de quem acompanha as juventudes*.

Consagradas e consagrados somos convidados a escolhas corajosas para “atravessar” rumo ao caminho que gera vida. Algumas portas talvez não permaneçam

muitos anos... Quando estiverem celebrando o primeiro centenário da CRB o que dirão das escolhas que fizemos neste momento? Empenhamo-nos em atravessar pela porta estreita para gerar processos de vitalidade? Ou nos contentamos com uma pastoral da manutenção? Ou fizemos escolhas que mais remetem as contradições deste tempo no lugar do Evangelho?

Ainda com o pano de fundo da preocupação vocacional, temos o texto de Renato Correia Santos que nos apresenta o Projeto de Vida como um lugar de encontro de significados e caminhos no discernimento vocacional.

Outros dois textos que convidam a refletir sobre a saúde mental de religiosos e religiosas. No primeiro deles, Frei Rubens Nunes Mota e Marta Helena de Freitas, em continuidade com o texto publicado na edição anterior, chama a atenção e apresentam elementos para compreender

a depressão e a ideação suicida no âmbito da VRC. No segundo, Gleison Silva Pereira, nos convida a tecer uma cultura do cuidado com base na espiritualidade como forma de garantir a saúde mental.

Concluimos esta edição com o texto elaborado por Pe. Josky Menga e Frei Alisson Mesquita de Souza onde se faz um relato reflexivo sobre o V Congresso Nacional das Novas Gerações da VRC que aconteceu em Fortaleza, no ano de 2022, tendo como pano de fundo o sonho de uma Igreja sinodal proposto pelo Papa Francisco e testemunhado, em muitos espaços eclesiais, por nossas comunidades.

Uma boa leitura e uma jubilar caminhada em direção ao Congresso da VRC!

Frei Vanildo Luiz Zugno
OFM Cap.
Irmão Joilson de Souza Toledo
fms

**VRC E ENVELHECIMENTO:
GUIDANDO DE QUEM
GUIDA**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros Coração de
Jesus - Florianópolis, SC*

*De 16 a 21 de junho de
2024*

CRB: ELEMENTOS DE SUA MEMÓRIA (I).

frater Henrique Cristiano José Matos, cmm¹

Resumo: No ano de 2024, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) completa 70 anos de existência. O objetivo deste texto é fazer memória das origens e desenvolvimento desta instituição tão significativa para a vida dos consagrados e das consagradas no Brasil com imensa contribuição para a Igreja e a sociedade. De forma narrativa o autor descreve, de forma sucinta, os principais passos e eventos que marcaram as duas primeiras décadas de sua existência.

Palavras-chave: Conferência dos Religiosos do Brasil; Vida Religiosa Consagrada; Igreja.

Introdução

A pedido da CRB Nacional apresentaremos, numa sequência de breves textos, elementos significativos para a história da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Serão apenas apontamentos, sem preocupação com o aparelho técnico de citações das fontes, tendo em vista oferecer uma

visão panorâmica do nascimento e evolução inicial da CRB.

No ano de 2024 a CRB completará 70 anos de fundação. É importante “fazer memória”, pois isso tem tudo a ver com nossa “identidade” como consagrados e consagradas no Brasil. Dizia o Papa Francisco: “Sem memória nunca se avança; não se evolui sem memória íntegra e luminosa”.

¹ Religioso da Congregação dos Irmãos (Fráteres) de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia. Graduado em História e Pedagogia. Mestre e Doutor em Teologia. Endereço para contato: fraterhenriquecmm@gmail.com

Quanto ao material disponível para a elaboração desses despretensiosos textos (na realidade apenas “apontamentos”) devemos confessar que não foi possível consultar fontes primárias, na contramão daquilo que afirmara Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, por ocasião do Jubileu de Prata da CRB, em 1979: A Conferência “dispõe em seus arquivos de amplo material para documentar sua história”. Também não podemos mais consultar pessoalmente o prestigioso historiador, Professor Riolando Azzi (1928-2023), que nos deixou em herança inúmeros e valiosos estudos sobre a VRC. O que sempre admirei nele era a simplicidade de sua pessoa, a seriedade de suas pesquisas e a linguagem inteligível de suas publicações, também por parte daqueles não familiarizados com assuntos históricos sobre Igreja e Vida Consagrada. Além disso, também é inegável que nunca escondeu as raízes salesianas de sua rica personalidade, tão bem dotada, humana e intelectualmente.

O contexto social e eclesial

A criação da CRB, em 11 de fevereiro de 1954, só pode ser entendida num contexto histórico mais amplo. Os anos 50 do século passado são marcados por notá-

veis mudanças no cenário sócio-político e econômico-cultural. Estamos no período imediatamente pós-guerra (II Guerra Mundial, 1939-1945) e a reconstrução da Europa. Assistimos a uma rápida expansão do capitalismo. Igualmente há a “guerra fria” entre dois blocos políticos antagônicos: os EE.UU. e a União Soviética. No Ocidente surgem regularmente manifestações por regimes genuinamente democráticas, movimentos que andam de mãos dadas com um forte crescimento econômico. Simultaneamente vemos o incremento do movimento da descolonização, tanto no Continente africano quanto asiático. No Brasil houve tentativas de estabelecer um regime que atenderia aos anseios democráticas, embora mantivessem um forte colorido nacionalista. Estamos no último período de governo de Getúlio Vargas (1951-1954), seguido pelo governo de Juscelino Kubitschek (1955-1961), com seu ousado programa desenvolvimentista: “Cinquenta anos (*de progresso*) em cinco (*de governo*)”! Forte é o sentimento anticomunista, artificialmente apoiado pelos EE.UU. A industrialização e o urbanismo marcam significativamente esses anos.

Na Igreja estamos nos anos finais do pontificado de Pio XII (1939-1958), período assinalado

por incipientes movimentos de renovação da Igreja, prudentemente apoiados pelo Papa. Destacam-se aqui o Movimento Litúrgico, bíblico e teológico. Mas o que chama a atenção é a Ação Católica (AC), o grande movimento do laicato católico, iniciado no pontificado de Pio XI (1922-1939), que agora se desdobra em “Ação Católica Especializada (ACE). Particularmente atuantes serão a JOC (Juventude Operária Católica), fundada pelo Padre Joseph Cardijn (1882-1967), na Bélgica, e a JUC (Juventude Universitária Católica). É na JOC (posteriormente integrada na ACE) que nasce o famoso método do VER, JULGAR e AGIR, que marcará profundamente a pastoral na América Latina e no Brasil. Nesse contexto de uma Igreja em processo de renovação, também não pode ser esquecida a contribuição singular do Movimento por um Mundo Melhor (MMM), como também a renovação catequética do Padre Álvaro Negromonte (1901-1964) e as experiências catequéticas populares de Barra do Piraí, RJ.

No Ano Santo de 1950, quando Pio XII promulgou o Dogma da Assunção de Nossa Senhora (1-11-1950), o próprio Papa convocou, em Roma, os Religiosos e as Religiosas para um Congresso Internacional, entre 26 de novembro e 7 de dezembro. O evento ti-

nha como finalidade “a motivação dos estados de perfeição, acomodada aos tempos e condições presentes”. Os organizadores sintetizaram a meta do Congresso no seguinte texto: “Nossa renovação adaptada deve ser tal que nos leve, com fidelidade filial, a fazer, em ascética, em formação e em apostolado, tudo aquilo que nossos Santos Fundadores, precursores em seus tempos, generosos e audazes, teriam feito e fariam, se voltassem a se colocar à frente de nosso Instituto”.

Na sessão de encerramento, Pio XII pronunciou importante discurso, em que chamava a atenção para questões relevantes acerca da Vida Religiosa, levando em consideração as novas circunstâncias de vida. Tratou concretamente dos seguintes pontos: O lugar das Ordens e Congregações religiosas na Igreja; a tendência à perfeição; as razões para optar pelo estado religioso; obras externas e vida interior; a adaptação às mudanças do tempo.

Não obstante as limitadas condições da época e a visão da Igreja então vigente, o Congresso trouxe em seu bojo sementes fecundas de renovação, primeiros sinais de um futuro *aggiornamento* da Vida Consagrada no interior da Igreja. A “Sagrada Congregação dos Religiosos” (como era ainda a denominação daquele Dicasté-

rio Romano) estimulava a realização de Congressos nacionais nos diversos países. No caso do Brasil, foi organizado o Primeiro Congresso de Religiosos em 1954, pouco tempo depois da fundação da CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil), em 1952. Na realidade os dois organismos tornar-se-iam inseparáveis um do outro.

A CNBB fora criada em 14 de outubro em 1952, precisamente dez anos antes da abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965). O Brasil foi um dos primeiros países do mundo que tomou a iniciativa de unir os bispos espalhados no imenso território nacional. A partir desse momento é que começam a consolidar-se a aproximação e cooperação entre bispos e dioceses, resultando num trabalho pastoral integrado, expresso em sucessivos “Planos de Pastoral de Conjunto”. Assim, os bispos brasileiros podiam levar ao Concílio uma rica experiência de “colegialidade episcopal”.

O nascimento e rápido desenvolvimento da CNBB não podia deixar de ter reflexos em outros setores da vida da Igreja no país, entre os quais particularmente as variegadas formas de Vida Consagrada.

Houve um impressionante crescimento do número de religiosos e religiosas entre 1890 e 1930.

Este fato tem uma explicação histórica. Logo após a Proclamação da República (15-11-1889), o Governo Provisório, pelo Decreto 119-A, de 7 de janeiro de 1890, declarou a separação de Igreja e Estado e, com isso, a liberdade religiosa. Com esta medida colocou-se um fim ao secular regime do padroado e do regalismo, sistemas que submetiam a Igreja aos interesses do Estado (e vice-versa!). O mencionado decreto, logo depois incorporado na primeira Constituição Republicana (24-2-1891), proporcionou a restauração das antigas Ordens presentes no país, mas em estado de agonia por causa de uma “Medida” do Governo Imperial de 1855, que proibia a aceitação de noviços. Além disso, ficou livre a entrada de outras Famílias Religiosas. Em apenas 40 anos (1890 a 1930) chegaram do exterior 31 Congregações masculinas, sendo uma fundada no Brasil, e quase o triplo de Congregações femininas: 71 de origem estrangeira (principalmente europeia) e 22 fundadas no Brasil. Em meados do século XX havia no país aproximadamente 36.000 religiosos e religiosas. São registrados 183 Institutos religiosos femininos e 72 masculinos. Assim existia um total de 255 Institutos, entre Ordens, Congregações e Institutos Seculares, distribuídos sobre 234 províncias de religiosas

e 132 de religiosos, somando 366 províncias, incluindo vice-províncias, regiões e mosteiros autônomos. O total de casas religiosas (ou conventos) era 3.851: 2.563 femininas, e 1.288 masculinas. No Brasil viviam e trabalhavam na época 26.000 irmãs religiosas, 3.000 irmãos religiosos, 6.910 religiosos presbíteros.

A Vida Religiosa Consagrada

A iniciativa de unir as diversas Famílias Religiosas, espalhadas sobre o imenso território, numa entidade específica, partiu de Roma. Em carta circular de janeiro de 1952, dirigida aos Núncios e Delegados Apostólicos, a Sagrada Congregação dos Religiosos, após ter elogiado a organização dos religiosos da Itália, fez a seguinte solicitação: “Esta Congregação se dirige a V.S. pedindo informá-la se existe, ao menos, um organismo qualquer ao qual pertencem os vários Institutos de Irmãs (sic.), que se dedicam ao apostolado. (...) Não para tirar a liberdade e autonomia... mas, numa época como a presente, em que os inimigos da Igreja se unem numa unidade de força e de finalidades, é necessário procurar a maior unidade possível também na ação apostólica das Religiosas”. Vê-se claramente que o texto reflete uma conotação apologética, bem ao estilo da

época, mas, de outro lado mostra o interesse de Roma em unir e articular os membros de diferentes Institutos Religiosos. É neste contexto que, a partir do ano de 1953, são realizados diversos “Congressos Nacionais de Religiosos”. Notamos que o respectivo Dicastério romano dirige a preparação, a composição de Comitês organizadores, determinando também os conteúdos das colocações e debates, de acordo com os representantes pontifícios, com os bispos diocesanos e, na medida do possível, com os Superiores Maiores das Ordens e Congregações. Quase sempre a Santa Sé enviava um representante seu ao Congresso dos Religiosos de determinado país.

No caso do Brasil sabemos que o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (1943-1971), Dom Jaime de Barros Câmara (1894-1971), recebeu uma carta do Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, o Cardeal Valerio Valeri (1883-1963), sugerindo a realização de um Congresso Nacional de Religiosos. Na reunião convocatória de superiores de Ordens e Congregações residentes na arquidiocese do Rio de Janeiro — cidade que naquele tempo ainda era a capital da República — constituiu-se a Comissão Executiva do planejado Congresso, sendo nomeado o Padre Irineu Leopold-

dino de Souza, SDB (1921-2004), como seu secretário geral. A Igreja da Santa Cruz dos Militares cedeu uma sala para a instalação e funcionamento da Secretaria Executiva. Foi neste local que se coordenou toda a preparação do mencionado Congresso.

O Primeiro Congresso da VRC

Depois de um ano de intensos trabalhos preparatórios, o Congresso dos Religiosos realizou-se de 7 a 13 de fevereiro de 1954, na cidade do Rio de Janeiro, tendo como objetivo principal a atualização da VR e a organização do apostolado das respectivas Famílias Religiosas.

A temática articulou-se em torno de três eixos: o ideal da Vida Religiosa perante as novas condições da vida moderna; vocações e formação; os campos do apostolado. Da parte da Sagrada Congregação para os Religiosos esteve presente também seu secretário, Padre Arcádio Larraona, CMF (1887-1973), que presidiu a quase todas as sessões. A CNBB mostrou grande interesse pelo Congresso e enviou seu Secretário Geral, Dom Hélder Câmara (1909-1999), para representá-la.

Embora entre os objetivos do Congresso não se citasse expli-

tamente a criação de uma Conferência de Religiosos, na realidade isso se tornaria seu intuito principal.

Interessante saber que os trabalhos em plenário se desenvolveram em locais diferentes para homens e mulheres religiosos!

Uma das finalidades específicas do Congresso era promover uma maior aproximação e unidade entre as diversas Famílias Religiosas presentes no Brasil. A Comissão Executiva elaborara neste sentido um anteprojeto de Estatuto para um organismo permanente que poderia garantir a realização deste objetivo.

Cada congressista tinha recebido uma cópia deste documento já no primeiro dia dos trabalhos. Autor e relator do anteprojeto, na Comissão do Congresso, foi Padre Irineu. Lemos na Ata de Fundação do organismo que receberia o nome de “Conferência dos Religiosos do Brasil” (CRB): “Os critérios que presidiram a nossa elaboração foram os seguintes: Não legislar primeiro e depois fazer, mas seguir o caminho contrário, que foi sempre o de todos os fundadores religiosos. Criar a Conferência, com o mínimo indispensável de disposições estatutárias em sua carta fundamental, e pô-la em movimento. As circunstâncias e oportunidades é que irão corpo-

rificando seus estatutos. Por isto mesmo o anteprojeto, na maior simplicidade e sobriedade das linhas mestras da organização se resume apenas a 14 artigos ...”.

A Criação da CRB e seus primeiros anos

Na **primeira sessão** plenária do I Congresso Nacional de Religiosos, no dia 8 de fevereiro de 1954, o Secretário da “Sagrada Congregação dos Religiosos”, **Padre Arcádio Larraona**, CMF (1887-1973; seria criado Cardeal em 1959, por João XXIII), fez um importante **Discurso sobre “Atualização e Organização” da VR**. Referindo-se ao “Conteúdo” da “Atualização ou Adaptação”, dizia: “A Igreja deve ter em seus corpos de perfeição as grandes reservas de amor e de apóstolos. Não é religioso quem não tem coração de apóstolo, e, conforme sua vocação particular, não tem vida de apostolado, genérico ou específico. A caridade impele, e se não impele, não é caridade autêntica e legítima”. (...) Não esqueçamos que o apostolado dos religiosos exige “revisão constante dos métodos, feita com inteligência, seriedade, clarividência, com humildade, com ordem e submissão”.

Quanto à “Organização”, Padre Larraona afirmava: “A reno-

vação da ação dos religiosos, que, há poucos anos atrás parecia um sonho, tão lindo quanto distante, deve começar por dois sentimentos básicos: o sentimento da unidade do exército que combate as batalhas de Deus e das almas, e o sentimento da unidade da batalha, na qual todos cooperamos. Estes dois sentimentos penetram e transformam a mentalidade e os afetos, dispõem à colaboração, na medida em que nos persuadimos de sua necessidade e eficácia. Quantas coisas poderemos fazer unidos, que não poderíamos fazer sozinhos”. E termina seu discurso, dizendo: “A Igreja nutre grandes esperanças para o Catolicismo em vossa Pátria. E estas esperanças repousam, em máxima parte, sobre o trabalho organizado e atualizado dos religiosos”.

No Congresso houve uma sessão reservada aos 53 Superiores Maiores presentes para examinar mais detalhadamente o **anteprojeto da projetada “Conferência dos Religiosos do Brasil”** (CRB). Em 10 de fevereiro o texto foi levado ao plenário para votação, tendo sido aprovado com ligeiras emendas. No artigo 2º declara que a Conferência tem por finalidade principal a coordenação e articulação das diversas comunidades religiosas, o estudo dos problemas e criação de serviços de interesse comum, visando

uma colaboração mútua sempre mais eficaz.

A **primeira Diretoria**, com mandato de três anos, constava de 7 religiosos, sendo Dom Martinho Michler (1901-1988), Abade do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, eleito presidente (ele será sucessivamente reconduzido ao cargo até 1965), e o Padre Irineu Leopoldino de Souza, SDB (1921-2004), secretário-geral, personalidade com invulgar capacidade de trabalho e de organização, que marcará profundamente a fisionomia técnica e jurídica da CRB nos primeiros seis anos de sua existência.

No dia **11 de fevereiro do ano de 1954**, na festa litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, dentro do Ano celebrativo do Centenário do Dogma da Imaculada Conceição (1854), a nova Diretoria tomou posse. Esta data foi escolhida como a **fundação oficial** da CRB. Um imóvel ao lado do Colégio Santa Úrsula, cedido pelas Irmãs, passou a ser a sede da recém-criada Conferência.

Nos Estatutos aprovados são mencionados oito Departamentos, ou seja, órgãos operativos da nova Conferência: 1) o jurídico; 2) de estatística (núcleo do futuro CERIS, Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), confiado à Congregação das Mis-

sionárias de Jesus Crucificado; 3)- de educação e ensino (que na realidade funcionaria através da já existente AEC, Associação de Educação Católica); 4) de catecismo (que posteriormente daria espaço ao ISPAC, Instituto Superior de Pastoral Catequética); 5) de assistência à saúde (operando através da “União de Religiosas Enfermeiras do Brasil”); 6) de serviço e assistência social; 7) de obras diversas; 8) de missões populares (posteriormente transformado no “Departamento de Pastoral”).

Estavam lançadas as bases do novo organismo eclesial que, no decurso do tempo, teria uma influência notável na Vida Religiosa e, por extensão, na própria Igreja no Brasil. Dom Hélder Câmara (1909-1999), secretário da CNBB, disse: “O acontecimento tem para os Religiosos do Brasil o mesmo alcance que teve para a Hierarquia a fundação da CNBB. Os dois secretariados deverão, aliás, atuar sempre dentro da mais completa sintonização”.

Com data de 26 de março de 1955, a Sagrada Congregação para os Religiosos expediu o **Decreto de aprovação canônica** dos Estatutos da CRB.

Lemos no texto, assinado pelo Prefeito do Dicastério Romano, Cardeal Valério Valeri: *A Sagrada*

Congregação dos Religiosos, solícita do bem espiritual dos que, no Brasil, em estado de perfeição, se vincularam a Deus, para estimular mais eficaz incremento dos ministérios a que se dedicam, para incentivar fraterna e cada vez mais estreita cooperação entre si, como ainda com o Venerável Clero diocesano e as Associações Católicas, e finalmente para alcançar mais digna e solerte representação junto das autoridades legítimas, tudo maduramente pensado, com o presente e formal Decreto, a mesma Sagrada Congregação:

1) Aprova a federação ou Conselho dos Superiores Maiores dos Estados de Perfeição, no Brasil, sob o nome de Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil, erigindo-a em pessoa moral colegial de pleno direito, de acordo com os Sagrados Cânones, e a declara ereta, desde a data do presente Decreto.

2) Ficam aprovados os Estatutos, pelos quais, ressalvadas as normas comuns do Direito, se rege e ordena a Conferência, por um Quinquênio, em caráter de experiência, devendo os mesmos, ao terminar este prazo, ser de novo submetidos à Sagrada Congregação, para revisão e ulterior confirmação”.

Roma, 26 de Março de 1955.

Interessante notar que desde suas origens a Conferência dos Religiosos do Brasil se via, a si mesma, não como um organismo puramente jurídico de Superiores Maiores, mas como um serviço prestado a todos os religiosos e religiosas do país.

Na Ata de Fundação da CRB já se observara: “Os estatutos projetam uma organização única, com uma única diretoria, para religiosos e religiosas. Oportunamente os dois ramos poderão ter cada qual sua diretoria própria, que se articulará com a outra num conselho superior comum. Agora, nos inícios, é mais conveniente uma organização só, para dar-lhe mais pujança”.

Conferência “única” era uma exceção na época. Em geral existiam, nos outros países, duas Conferências de Religiosos distintos, quando não três — com uma especialmente para os Irmãos — relacionando-se institucionalmente mediante um Conselho Superior. Era este o modelo preferido por Roma durante muito tempo.

No artigo 24 dos Estatutos originais é formulado como se entendia, em 1954, o papel próprio da CRB: “As determinações da Conferência terão o caráter de orientação e coordenação, de considerável força moral, e, por isto, serão acatadas por todos os mem-

bros, no intuito de se alcançar eficaz unidade de ação”.

Refletindo sobre o pioneirismo da CRB no cenário da Igreja, o Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ (1927-2010), o terceiro Presidente Nacional do Organismo (1968 a 1977), escreveria, no Jubileu de Prata da CRB (1979): “A CRB foi das primeiras Conferências de Religiosos criadas no mundo. Já bem antes do Concílio Vaticano II que as recomendou, ela se havia organizado e adquirido fisionomia própria. Foi assim um elo a mais na evolução da Igreja no Brasil, principalmente após a criação da CNBB, dois anos antes. Muitas Conferências restringem-se aos *Superiores Maiores*. A CRB, mantendo a representação oficial dos institutos religiosos através de seus superiores maiores, orientou-se, desde o seu início, para um serviço muito mais amplo a todos os religiosos no Brasil. Isto já vem expresso no seu nome. Mas sobretudo na consciência dos religiosos que, dificilmente, imaginariam a sua Conferência limitada apenas à instância daqueles que os dirigem e representam. A isto se deve muito da vitalidade, da pluralidade de atuações, da riqueza de enfoques e da complementariedade de programas que sempre caracterizaram a CRB. Em contraste também com outros países, cujas

Conferências procuram atender à especificidade de cada linha vocacional dentro da VR — vida contemplativa, institutos não-clericais — a CRB foi, desde o começo, Conferência única para todas as formas de VR no Brasil, inclusive para as religiosas contemplativas, com as quais desenvolve há anos um programa sugestivo de formação e informação. A CRB constituiu-se também, já desde o início, como uma só Conferência para religiosos e religiosas. A longa experiência destes 25 anos e o depoimento quase unânime de Bispos e Religiosos/as no Brasil, confirma o acertado desta fórmula, tantos foram os benefícios que dela procederam para o crescimento das pessoas, dos institutos e da presença da VR no contexto da Igreja no país. A própria desproporção entre o número de religiosas e o de religiosos, aduzida, às vezes, como uma das razões para a separação de Conferências de homens e de mulheres, revelou-se, no Brasil, ser um fator de mútua ajuda, decisivo para tornar mais integrada a renovação da VR e sua atuação apostólica antes e depois do Concílio”.

Outras iniciativas

A fim de atingir, efetivamente, os religiosos e as religiosas de regiões muito diferentes do imenso

território brasileiro, houve, uma **descentralização por Estado**, iniciada já no ano imediatamente posterior à fundação. A primeira “seção estadual” surgiu em Salvador da Bahia (1955). A de Belo Horizonte data de 3 de abril de 1957, sendo seu primeiro presidente o Padre Joaquim Parreira, barnabita. Naquele ano havia no Estado de Minas Gerais 420 casas de religiosos e religiosas. Na reunião da Diretoria da CRB-mineira, de 4-8-1957, falou-se sobre a conveniência de criar Núcleos nas diversas partes do Estado para poder chegar às bases da Vida Religiosa, nas subdivisões dos grandes centros urbanos ou zonas rurais mais remotas.

A Assembléia da CRB-Nacional de 1965 substituiu a divisão por Estado pela **regionalização da Conferência**, seguindo nisso o modelo geográfico adotado pela CNBB, com a esperança de esta semelhança poder contribuir para aprimorar o entendimento e o entrosamento das duas Conferências.

No dia 10 de julho de 1955 veio a lume o **primeiro número da Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil**. Na apresentação Dom Armando Lombardi (1905-1964), Núncio Apostólico no Brasil (de 1954 até sua morte), escreveu: “A revista quer ser um meio eficaz de união entre as várias Ordens, Congregações

e Institutos religiosos presentes neste imenso país: vive-se com os mesmos ideais, trabalha-se pela mesma causa, combate-se com as mesmas armas, e nos conhecemos tão pouco, e, às vezes, nos amamos tão pouco! De estímulo e auxílio. Enfim, quer ser ainda a Revista, para o trabalho específico de *atualização*, tão vivamente recomendado pelo Santo Padre: *atualização* nos fins particulares, nos métodos, nos usos e costumes, para que os Institutos religiosos se tornem instrumentos sempre mais eficientes, ágeis e eficazes nas mãos da Santa Igreja, que de seu Divino Fundador recebeu o mandato de salvar os homens, todos os homens, os que se reuniram ao redor do Cenáculo, no dia de Pentecostes, como aqueles outros dos séculos de ferro, e os da civilização do motor e da era atômica”.

O Secretário Geral especificou ainda a finalidade da nova Revista com os seguintes dizeres: “Desde os dias do Congresso, a ideia da revista era um desejo acalentado por muitos, irrompendo agora em júbilo, traduzido em numerosas cartas que recebemos, quando anunciamos o primeiro número. A Revista deseja refletir, em suas páginas, a vida e atividade da Conferência. Qualquer interesse das Comunidades religiosas, é também interesse da

Conferência. Desde o aprimoramento da formação dos religiosos e sua santificação, até problemas miúdos de administração. A vida das Comunidades, tomada como é objetivamente, sem abstrações nem sonhos sem consistência, as dificuldades encontradas no desempenho do próprio apostolado, as facilitações e vantagens que podemos alcançar, utilizando a força que vem de nossa união e organização: este é o campo onde se move a Conferência dos Religiosos”.

O Segundo Congresso

De 16 a 21 de julho de 1956 - com antecipação de meio ano, a fim de fazê-lo coincidir com a realização do Congresso da AEC (Associação de Educação Católica) - teve lugar, em São Paulo, o **II Congresso dos Religiosos do Brasil**, tratando mais especificamente do tema da colaboração entre os religiosos e religiosas por um lado, e a paróquia e diocese por outro. Esteve presente o Cardeal Valério Valeri (1883-1963), na época Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos (desde 1953), de Roma.

No Discurso de abertura, o titular do Dicastério romano para os Religiosos começou a dizer que a VR tem por “fim último a per-

feição evangélica”, renunciando o religioso às coisas da terra para “unir-se à Pessoa Divina de Cristo, com um amor total e sem reservas”. Em seguida falou da importância de uma adequada formação intelectual e profissional dos religiosos, tanto clérigos quanto não clérigos. Refere-se aqui mais especificamente à Constituição Apostólica *Sedes Sapientiae* (31-5-1956) de Pio XII, onde o Papa ressalta “a necessidade da formação sob o aspeto sobrenatural, tão urgente nestes tempos de descobertas científicas e de grandes agitações”.

Na sua alocução chama nossa atenção a passagem referente aos Irmãos Educadores de Congregações laicais. Cita o texto de um Autógrafo de Pio XII de 31 de março de 1954, onde o Papa dizia: “Na realidade, tais Institutos docentes, embora constituídos exclusivamente por quem — por especial vocação de Deus — renuncia ao sacerdócio e às suas vantagens [sic], são tidos em grande estima na Igreja e prestam aos mesmos ministros do Senhor poderosíssima ajuda na formação cristã da juventude”. Nota-se o espírito da época com a exaltação do presbítero em detrimento da vocação específica do consagrado e da consagrada, como também do “estado laical”.

No que se refere à VRC feminina o Cardeal menciona a Encíclica *Sacra Virginitas* (25-3-1954), dizendo que “a virgindade consagrada é, com efeito, uma das mais belas manifestações da conquista evangélica, de tal maneira que se pode afirmar com muita razão que ela transformou, juntamente com a caridade dos primeiros cristãos, o clima de nossa civilização”. E mais adiante acrescenta: “A Igreja deseja ardentemente que o nível cultural das religiosas esteja cada dia mais à altura da sua nobilíssima e alta missão. Não se pode hoje ensinar ou cuidar dos doentes como se fazia há uns anos atrás. Foram inventados novos métodos de ensino, mais apropriados à psicologia da juventude dos nossos dias, e criados novos meios técnicos que é necessário conhecer se queremos do nosso apostolado os profícuos frutos que desejamos”.

O II Congresso de Religiosos funcionou com **sessões separadas para homens e mulheres**, inclusive em locais diferentes na cidade de São Paulo. No total houve uma participação de aproximadamente três mil religiosos e religiosas. Lemos na crônica: “Todos participaram do Congresso, unidos numa só família, para, no estudo e na oração, atingir mais seguramente a sublimidade de sua

vocação”. Como era de esperar, numericamente dominaram largamente as mulheres, reunidas no Colégio Sion da capital paulista. “O vasto salão do auditório — anota o cronista — tornou-se de veras pequeno para conter o inesperado número de Congressistas: 2.500 Irmãs. Espetáculo inédito, para São Paulo e para o Brasil, uma tal reunião de Religiosas. E se a variedade de hábitos recreava os olhos e excitava a curiosidade, maior admiração causava ver este imenso batalhão, movido por um só e mesmo ideal”. E ainda observa: “Aqui tudo se torna mais amplo e grandioso; são os números que falam. Sessões plenárias: de 2.000 a 2.500 religiosas; Sessões para enfermeiras diplomadas, 150; auxiliares, 150; Mestras de Noviças, 300; Serviço Social, 120; Administração de Obras, 60; Economia doméstica, 90; Catecismo, 650; Superioras locais, 300; Superioras Gerais e Provinciais, 100”.

Na reunião da tarde de 20 de julho de 1956, foram reeleitos os membros da Diretoria cessante, com acréscimo de um novo membro, contando assim nove integrantes: seis homens e três mulheres.

No último dia do Congresso, 21 de julho, foram apresentadas as “**Conclusões Gerais**”:

- 1) *Criar um organismo permanente para articular e atualizar o apostolado dos religiosos no setor da boa imprensa;*
- 2) *Desenvolver o Departamento de Missões Populares, já iniciado, com o duplo objetivo de atualizar e dar maior organização ao planejamento das missões, sobretudo nos grandes centros;*
- 3) *Criar, no quadro geral da Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil, uma seção especial para as Congregações de Irmãos;*
- 4) *Dar todo o apoio à criação e desenvolvimento de um Centro Missionário, para atender aos inúmeros Religiosos e Religiosas que trabalham nas missões indígenas;*
- 5) *Renovar periodicamente o curso de Mestras de Noviças na sede da Conferência e nas Seções Estaduais;*
- 6) *Desenvolver as Seções Estaduais da Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil, para que o movimento de atualização e organização percorra todos os pontos do país.*

Por fim, tomou a palavra o Cardeal Valério Valeri, enfatizando a colaboração do Clero secular e regular no campo apostólico, ao qual todos os Religiosos são chamados, mesmo as Religiosas que operam um bem imenso nas obras paroquiais às quais se dedicam. Expunha os princípios do estado religioso que merece a admiração de todos, pelo espírito de sacrifício com o qual se inicia e se vive, e pela sua especial posição de estado público e estado eclesiástico, em suas várias sociedades sempre aprovadas e recomendadas pela Igreja. Os Religiosos, animados pelo espírito de fé e de caridade, serão os colaboradores dos Bispos no vasto ministério da Igreja, de modo especial nestes dias em que, por toda parte, é sentida a falta de um número maior de sacerdotes.

O II Congresso serviu para intensificar a aproximação dos religiosos e das religiosas do nosso país, numa comunicação de suas aspirações, métodos e propósitos. Também ficou decidido que anualmente haveria um encontro de Superiores ligados à CRB.

(Continua na próxima edição.)

Para dialogar em comunidade:

1. Convidar os irmãos ou as irmãs mais idosos/as da comunidade para contar como era a Vida Religiosa Consagrada no tempo anterior ao Concílio Vaticano II.
2. Como nossa Congregação viveu as mudanças sociais e eclesiais da década de 1950 e 1960?
3. Como as atividades iniciais da CRB influenciaram na vida de nossa Ordem, Congregação ou Instituto?

PROFOLIDER 2024

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros São José -
Salvador, BA*

*De 17 de outubro a 26 de
novembro de 2024*

“VAMOS FAZER UM FILME”: INFERÊNCIAS SOBRE AS JUVENTUDES, TRINTA ANOS DEPOIS.

Frei Oton Júnior, ofm¹

Resumo: A presente reflexão, de forma despretensiosa, quer fazer dialogar a letra de uma música da banda Legião Urbana – tão popular entre a juventude dos anos noventa – e algumas questões atuais das juventudes, trinta anos depois de a música ter sido composta. Para isso, considera as dimensões de presente, passado e futuro na perspectiva juvenil, pontua sobre o lugar da experiência grupal, reconhece o modo como as juventudes alargam a noção de fraternidade. Por fim, a partir da provocação da música ao cantar “como é que se diz ‘eu te amo?’” reflete, mesmo que de forma não aprofundada, o lugar da afetividade para o mundo juvenil hodierno. A reflexão termina provocando uma reflexão sobre as juventudes na Vida Religiosa Consagrada (VRC), sobretudo no período do discernimento vocacional.

Palavras-chave: Juventudes, Legião Urbana, experiência grupal, afetividade, discernimento vocacional.

¹ Frade Menor. Doutor em Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional e da Equipe Teológica de Assessoria à Presidência da Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas (CLAR). Endereço para contato: freioton@gmail.com

A melodia dos primeiros acordes

Para iniciar nossa reflexão, como nos baseamos numa música intitulada “Vamos fazer um filme”, da Banda Legião Urbana, de 1993, é bom recordar a letra na qual nos inspiramos. Você pode ouvi-la nas plataformas digitais:

Achei um 3x4 teu e não quis acreditar

Que tinha sido há tanto tempo atrás

Um bom exemplo de bondade e respeito

Do que o verdadeiro amor é capaz

A minha escola não tem personagem

A minha escola tem gente de verdade

Alguém falou do fim-do-mundo

O fim-do-mundo já passou

Vamos começar de novo

Um por todos, todos por um

O sistema é mau, mas minha turma é legal

Viver é foda, morrer é difícil

Te ver é uma necessidade

Vamos fazer um filme

E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?

E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?

Sem essa de que 'estou sozinho'

Somos muito mais que isso

Somos pinguim, somos golfinho

Homem, sereia e beija-flor

Leão, leoa e leão-marinho

Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito

Chega de opressão

Quero viver a minha vida em paz

Quero um milhão de amigos

Quero irmãos e irmãs

Deve de ser cisma minha

Mas a única maneira ainda

De imaginar a minha vida

É vê-la como um musical dos anos trinta

E no meio de uma depressão

Te ver e ter beleza e fantasia

E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?

E hoje em dia, vamos fazer um filme

Eu te amo.

Introdução

“Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”: esta foi a grande intuição do chamado Cinema Novo, impulsionado por Glauber Rocha (+1981), a partir dos anos sessenta, como alternativa às grandes produções cinematográ-

ficas. Para o Cinema Novo, era preciso democratizar as filmagens, dando a elas um rosto mais cotidiano, de realidade local.

Em nossos tempos, as novas tecnologias de comunicação possibilitam a produção de vídeos caseiros a todo tempo, elaborados ou amadores, tornando possível realidades inalcançáveis, num tempo em que tudo pode ser filmado e postado, trazendo à cena várias discussões, como a privacidade.

A “Legião Urbana”, de Renato Russo, lançou a música “Vamos fazer um filme” em 1993, talvez no intuito de indicar que a vida vivida, concreta, sem enfeites, era digna de ser registrada pela Sétima Arte. Na distância do tempo, é possível perceber elementos comuns entre o passado e o presente das juventudes, bem como reconhecer traços de diferenciação entre uma época e outra.

A presente reflexão não é uma análise pormenorizada da referida música, mas, a partir dela, pinçar alguns aspectos, sobre a dinâmica da juventude atual. Talvez a juventude atual nem conheça mais esta música, nem se identifique mais com a Legião Urbana, mas a mensagem continua inspiradora. O que esta reflexão quer mesmo é puxar o assunto, para favorecer outras contribuições.

Um olhar positivo do passado, que convoca a um futuro de união

A música se inicia com o encontro de uma foto 3x4, que remete a um tempo bom, de bondade e respeito, de verdadeiro amor.

Muitas pessoas acusam o tempo atual de apego ao presente, a despeito do passado e sem perspectiva de futuro. Essa ruptura com o passado faz parecer que o mundo começa agora, que nada do que veio antes merece o devido crédito, que o tempo presente veio como correção aos equívocos anteriores, entendido como atraso a ser superado.

Neste cenário trazido pela canção, os personagens são reais, concretos, têm histórias de vida e passam por alegrias e frustrações. A Exortação Apostólica a respeito da juventude faz eco a esta ideia: “A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, a juventude não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas” (CV, n.71). O Sínodo da Juventude fez questão de frisar o aspecto plural das juventudes, afinal, não há como colocar a realidades de todos os jovens numa mesma caixinha (CV, n. 68).

O tema que segue cita o ambiente escolar, com pessoas concretas, de gente de verdade. No ambiente da adolescência e ju-

ventude, sabemos da importância da vida de estudos, da dedicação, em vista de uma melhor situação de vida. Mas é claro que não devemos ignorar a disparidade entre as camadas sociais e geográficas brasileiras. Conceber gente de verdade evita generalizações, preconceitos, e ajuda a propor temas palpáveis no cenário educacional, como têm sido as cotas sócio-raciais e o Novo Ensino Médio, por exemplo.

A insegurança quanto ao futuro tem ligação direta com o empenho em relação aos estudos, afinal, não está dito que boas notas garantirão emprego, ou que o conteúdo estudado será mesmo utilizado na vida cotidiana. Se para muitos há uma conciliação nem sempre fácil entre estudar e trabalhar, o número de jovens “nem-nem” (nem estudam nem trabalham) ainda é um sério desafio em nossas realidades. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em pesquisa realizada em 2022, 35,9% dos jovens brasileiros não estudam, nem trabalham, o que coloca o Brasil na segunda posição mundial, atrás apenas da África do Sul (MIRANDA, 2023).

Entre parênteses, cabe lembrar que, em entrevistas, Renato Russo disse que este verso (“A minha escola não tem personagem,

a minha escola tem gente de verdade”) faz referência à Escolinha do Professor Raimundo, que ele detestava.

Um por todos, todos por um.

Alguém falou do fim-do-mundo

O fim-do-mundo já passou

Vamos começar de novo

Um por todos, todos por um.

Ao mesmo tempo em que há uma continuidade com o passado, há também rupturas. Assim é a vida. Há mundos que de fato acabam, há lugares e pessoas que se vão, ocasiões que só sobrevivem na memória, ao mesmo tempo em que há um futuro a ser construído, não de maneira solitária, mas “um por todos e todos por um”, como nos Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas (1844).

O fim do mundo já passou. É um fato. O verso pode soar como um alerta para se dar conta de que aquilo que foi não volta mais, resta seguir adiante, na construção do que está por vir. “Esta projeção para o futuro, que se sonha, não significa que os jovens estejam totalmente lançados para diante, pois simultaneamente há neles um forte desejo de viver o presente, aproveitar ao máximo as possibilidades que esta vida

lhes oferece. Este mundo está repleto de beleza!” (CV, n. 144).

Viver saudosamente do passado não é algo típico dos jovens, mesmo porque não têm tanto passado assim. Mas os jovens se veem confrontados o tempo todo na comparação de que “no passado”, “no meu tempo” as coisas eram diferentes. Mas, como a própria Legião na composição “Índios” (1986) já alertara, “o futuro não é mais como era antigamente”.

A importância do grupo

A música ressalta em vários trechos a importância do grupal, do coletivo (“O sistema é mau, mas minha turma é legal”; “te ver é uma necessidade”; “sem essa de que ‘estou sozinho’, somos muito mais que isso”). Cabe então interrogar sobre o valor do grupo para a juventude atual, em que a convivência se dá mediada pelas telas, em que o contato físico, o estar na rua, aprontar... se esvazia, substituída pelas Redes Sociais. Nesse mundo cercado pela tecnologia, não são poucos os jovens que se queixam de solidão, deprimem-se por se sentir isolados, reclusos no ambiente digital, infelizmente. “O ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da

darkweb. Os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas” (CV, n. 88).

Ainda sobre o ambiente educacional, não se pode diminuir a importância do recreio, da descontração, quando muitas questões da vida são tratadas na informalidade, e entre amigos, muitas situações da vida são trazidas e mesmo resolvidas com colegas da mesma idade, num sistema de mútua ajuda que sempre se mostrou eficaz, desde que haja um bom acolhimento e boas referências. Dessa forma, o grupo ao qual se pertence se transforma num oásis, numa redoma de proteção frente às mazelas do mundo (“o sistema é mau, mas minha turma é legal”).

De forma negativa, a necessidade de enturmar-se pode levar a comportamentos insalubres e ilegais. Infelizmente, no medo da solidão, não poucos se submetem a ações delituosas, adquirem vícios e tantas outras atitudes capazes de minar a vida, ou mesmo ceifá-la antes do tempo.

Os jovens atuais se frequentam? Fazem coisas juntos? Nas dificuldades, se apoiam, “chegam

junto"? Nas alegrias, se abraçam, comemoram as vitórias alheias? A negativa a essas questões representaria indivíduos isolados, treinados para competir o tempo todo, em que o outro é, antes de tudo, um adversário a ser vencido, numa disputa incessante pelo lugar na faculdade, do melhor emprego, pela vida mais "instagramável".

Uma fraternidade alargada

'Vamos fazer um filme' foca não só na dimensão coletiva, mas em determinado momento põe atenção ao desejo individual, no sujeito de desejos, que não simplesmente quer o que outros querem, mas que é capaz de se manifestar e dizer de si. O verbo vem na primeira pessoa: "eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito. Chega de opressão, quero viver a minha vida em paz", o que revela um grito profundo contra o que cerceia a liberdade e as possibilidades do sujeito.

Para a Legião, esses amigos, esses irmãos e irmãs, incluem na estrofe anterior não só o universo humano, mas também os animais:

Somos pinguim, somos golfinho

Homem, sereia e beija-flor

Leão, leoa e leão-marinho.

A consciência planetária, ecológica, da geração atual é bem mais aguçada do que nas anteriores. Causas ambientais são capazes de motivar mais que outros discursos de épocas anteriores, como nos recorda a *Laudato Si*: "Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos" (n. 13); "os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação doutros hábitos" (n. 209).

Chama atenção a ideia de "somos pinguim, somos golfinho", como a indicar um pertencimento profundo, algo que o homem moderno foi perdendo ao objetivar os demais seres.

"A única maneira ainda de imaginar a minha vida é vê-la como um musical dos anos trinta. E no meio de uma depressão te ver e ter beleza e fantasia", nos diz a Legião Urbana. Companhia, beleza e fantasia como ingredientes eficazes perante os momentos nebulosos da vida. No entanto, o Papa Francisco faz um alerta aos jovens a este respeito: não confundir beleza com aparência. Afinal,

há beleza para além da aparência ou da estética imposta pela moda, em cada homem e cada mulher que vive com amor a sua vocação pessoal, no serviço desinteressado à comunidade, à pátria, no trabalho generoso a bem da felicidade da família, comprometidos no árduo trabalho, anônimo e gratuito, de restabelecer a amizade social (CV, n. 183).

E hoje em dia, como é que se diz ‘eu te amo’?

Esta pergunta continua pertinente, afinal, o campo dos afetos sofreu uma verdadeira revolução nas últimas décadas.

‘Amor’ é sentido e feito, mas nem sempre é capaz de gerar vínculo entre os sujeitos, que passam muitas vezes sem sequer saber o nome do parceiro ou da parceira.

A poetisa mineira já prenunciava:

*Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.*

(Adélia Prado, O sempre amor).

O amor comporta seu lado alegre e triste, como algo genuinamente humano, afinal, a doação nem sempre é romântica, comportando, por vezes, a dimensão da renúncia e do sofrimento.

Antes de tudo, temos de nos perguntar pelos vínculos, pela comunhão de vida e coração. Distribuir “eu te amo”, a torto e a direito, não significa propriamente vincular-se, encarnar-se na vida de alguém, sofrer por amor. Tudo se torna efêmero, superficial, para não dizer banal. Assim reflete *Amoris Laetitia*: “Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus” (n. 39).

Se em tempos anteriores dizer “eu te amo” comportava uma série de burocracias sociais, reservadas para momentos específicos, hoje a dimensão amorosa se mostra fluida, incerta, passageira.

Cazuza (1987) já indicava essa necessidade, mesmo sob o risco de não ser correspondido: “E eu não sei em que hora dizer, me dá um medo, que medo. É que eu preciso dizer que eu te amo, te ganhar ou perder sem engano”. Amar é correr riscos, jogar-se na realidade da outra pessoa, chegando até mesmo a esquecer de si, por só pensar no ser amado.

À luz da Vida Religiosa Consagrada

A consagração religiosa propõe ao sujeito não a autopreservação, mas o arremessar-se em uma causa para além de si mesmo, em nome de um ideal comum, coletivo, abraçado livremente. O sujeito em questão é capaz de abrir mão do bem-estar pessoal, de uma vida de conforto e estabilidade, na firme decisão de que o ideal abraçado vale mais do que a segurança e o bem-estar.

Em nome deste projeto comum, assumido livremente, o sujeito vive em obediência, na certeza de que o Senhor Deus lhe mostra o caminho, mediante seus irmãos e irmãs de caminhada, os quais discernem com ele ou ela o melhor a ser feito.

Viver um estilo de vida essencialmente comunitário, respeitoso das individualidades, mas que ao mesmo tempo convida o sujeito para além de si é um dos desafios atuais da vida religiosa consagrada, por seu estilo contracultural, em que os desejos e motivações individuais se sobrepõem aos ideais coletivos. O sujeito pode até aderir a um projeto coletivo, desde que suas satisfações pessoais estejam devidamente asseguradas.

A consagração religiosa atual passa por este desafio, mas que pode se tornar uma grande possibilidade, em ter de integrar as

motivações individuais e os vínculos coletivos, institucionais. Vivemos como equilibristas, na desafiante tarefa de tender sim, ora para um lado, ora para o outro, mas sem deixar que tudo desande e se perca.

Antes de encerrar essas provocações, queremos ajustar o foco para um público mais específico na Vida Religiosa: a juventude religiosa, sobretudo em processo de acompanhamento vocacional.

Dissemos que “Vamos fazer um filme?” é uma música que nos ajuda a pensar na dimensão de passado, presente e futuro. Ora, foram justamente essas as indicativas do Papa Francisco por ocasião do Ano da Vida Religiosa, quando nos convidou a *olhar com gratidão o passado, viver com paixão o presente e a abraçar com esperança o futuro*. (FRANCISCO, 2014).

Parece-nos fundamental que os jovens que chegam à Vida Religiosa possam conhecer devidamente o que foi feito por quem os antecedeu, quanto testemunho bonito, quanta vida doada, quantas dificuldades superadas. Quem chega não está “inventando a roda”, como muitos pensam. O passado não é simplesmente um acúmulo de equívocos que devem corrigidos por novas mentalidades, mais arrojadas. Sim, em nossas congregações houve decisões infelizes, aconteceram coisas das quais não nos orgulhamos, mas isso não invalida todo o processo vivido.

Quanto ao presente, bom, a juventude está imersa nele. Se a juventude está devidamente apaixonada pela pessoa de Jesus, devidamente provocada pelas opções do evangelho... é algo que devemos nos perguntar. Aliás, quais têm sido as paixões da juventude atual que procura a Vida Religiosa?

Em relação ao futuro, Papa Francisco é pé no chão ao dizer que a esperança não se funda em saber que tudo serão flores, pois há um contexto eclesial e de sociedade que não podemos ignorar: a diminuição das vocações e o envelhecimento, problemas econômicos, os desafios da internacionalidade e da globalização, as insídias do relativismo, a marginalização e a irrelevância social. E nos desafia: “Não cedais à tentação dos números e da eficiência, e menos ainda à tentação de confiar nas vossas próprias forças” (FRANCISCO, 2014). Como isso soa em nossa realidade de congregação?

Demos mais um passo. Como dissemos, Renato Russo se inspira no lema dos Três Mosqueteiros para dizer: “um por todos e todos por um”. Durante o processo eleitoral de 2018, muitos grupos sociais, ao preverem que passariam por um período de hostilidades, adotaram o lema: “ninguém solta a mão de ninguém”, que traduz bem a mesma ideia acima.

O processo sinodal que estamos vivendo escolheu a passagem

de Isaías 54,2 para nos provocar a alargar o espaço de nossa tenda. A Campanha da Fraternidade de 2024 diz que é preciso estender as lonas de nossa tenda, “de modo que possam proteger também aqueles que ainda se encontram fora deste espaço, mas que sentem chamados a entrar” (CNBB, 2023, p. 67).

Em tempos de individualismo, de competição *à la Big Brother Brasil*, é fundamental que a juventude entenda e adira à uma outra lógica, de comunhão, de companheirismo, de solidariedade. Esses deverão ser critérios vocacionais a serem levados em consideração. “Este rapaz, esta moça, estão demasiado presos em seu próprio modo de ser, ou há abertura para sair de si e abraçar a lógica inclusiva do Reino de Deus?”

Nossa música termina repetindo várias vezes “eu te amo”. As questões ligadas aos afetos e à sexualidade não se restringem à juventude, mas nos acompanham pela vida afora. Mas com relação à esta fase específica, sabemos o quão desafiador tem sido a vivência de uma sexualidade minimamente equilibrada. Francisco assim nos lembra: “A sexualidade não é um recurso para compensar ou entreter, mas trata-se de uma linguagem interpessoal em que o outro é tomado a sério, com o seu valor sagrado e inviolável. Assim, o coração humano torna-se participante, por assim dizer,

de outra espontaneidade” (AL, n. 151). Numa sociedade de descarté, também o outro é visto como descartável: “Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus” (AL, n. 39).

Não é raro, na experiência religiosa, termos vivências muito diferenciadas com relação aos afetos: ora a pessoa se considera anjo, que não sente, não deseja; ou do contrário, está enredado nas teias da depravação. Uma formação sadia da sexualidade deve incluir o respeito e a valorização da diferença, que mostra a cada um a possibilidade de superar o confinamento nos próprios limites para se abrir à aceitação do outro, bem como ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Francisco ressalta: “Só perdendo o medo à diferença é que uma pessoa pode chegar a libertar-se da imanência do próprio ser e do êxtase por si mesmo” (AL, n. 285).

Deus nos chamou assim como somos, mas temos um longo caminho pela frente, de conhecimento

e adesão ao seu projeto de vida, de quebra de nossos casulos, de doação, mas também de muita alegria pela vida partilhada. É muito convidativa a provocação do Papa Francisco ao propor o Evangelho como alegria, capaz de encher o coração e a vida toda. Quantos se deixam salvar por Cristo “são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (EG, n. 1).

Uma vida assim, doada, feliz, alicerçada no Evangelho de Jesus Cristo, será um belo testemunho de que o mundo pode ser melhor, de que a nossa união não deixa ninguém soltar a mão de ninguém, e o passado, o presente e o futuro são vividos com gratidão, paixão e esperança. Ora, vamos fazer um filme assim? O trailer promete uma produção inspiradora!

Por fim...

Como dissemos no início, este texto apenas puxa a conversa, no convite de que as reflexões acerca das juventudes continuem. Cabe a nós revirar as gavetas de nossas vivências e redescobrir ali exemplos “de bondade e respeito do que o verdadeiro amor é capaz”.

Para dialogar em comunidade

1. O que você destaca dessa reflexão?
2. Que outras características das juventudes você percebe e que não estão indicadas no texto?
3. Se formos “fazer um filme” das juventudes atuais, como seria o roteiro?

Referências

- EU PRECISO dizer que te amo. Agnaldo Batista De Figueiredo / Torcuato Mariano / Julio Borges / Alexandre Lucas / A Dantas. Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, Universal Mus. Publishing Mgb Brasil Ltd, 1987.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica às pessoas consagradas**. Roma, 21 de novembro 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. Exortação Apostólica Pós –Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Amoris Laetitia sobre o amor em família**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- INDIOS. Renato Manfredini Junior. Sony/ATV Music Publishing LLC, 1986.
- MIRANDA, Luiz Fernando. Geração "nem-nem": o que é, causas e consequências. **QueroBolsa**, 17 de março de 2023. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/geracao-nem-nem> Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.
- VAMOS fazer um filme. Renato Manfredini Junior. EMI Music Publishing, 1993.

CERNE 125

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Convento São Lourenço -
Porto Alegre, RS*

*De 16 de fevereiro a 27
de março de 2025*

REALIDADES JUVENIS BRASILEIRAS: IMPACTOS CONTEMPORÂNEOS E PERSPECTIVAS PARA A AÇÃO ECLESIAL.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira¹

Resumo: O artigo objetiva discutir especificidades das realidades juvenis brasileiras, analisando alguns impactos globais nessa condição e apontando perspectivas de atuação para o fortalecimento de uma conexão com jovens. Para tal, examina complexidades da condição juvenil e pondera instâncias sociais, pessoais e eclesiais. A esfera da personalidade juvenil é caracterizada por sua ontologia, unicidade e totalidade; os cenários das realidades sociais denotam os contextos de resgate à vida e à dignidade dos jovens; a instância eclesial discorre sobre as questões da cultura do cuidado e do encontro conectivos com as jovens gerações.

Palavras-chave: Juventudes; Igreja; Evangelização Juvenil.

Um mirar introdutório

Mirar é um ajuste no detalhe do que se vê. É fixar os olhos visando entender. Pressupõe a

intencionalidade da atenção. O exercício que se apresenta neste artigo é de mirar em algumas realidades juvenis em contextos brasileiros, destacando possíveis

¹ Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Filosofia e Autoconhecimento. Mestre e Doutora em Teologia. Coordenadora do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. Endereço para contato: pp.patriciateixeira@gmail.com

impactos nas vivências juvenis e assinalando plausíveis perspectivas eclesiais.

Trata-se de um conteúdo escrito com a esperança que não se furta de pisar no chão dos dias jovens. Ampara-se na fortaleza transcendente da fé cristã, sem suprimir as fragilidades da (des) conexão entre Igreja e as juventudes. Mira também as potências dessa relação e ancora-se na fecunda vocação da Igreja – impelida pelo Espírito Vivificante – em renovar as realidades, visto que a Igreja atua no tempo e, em Cristo, é vocacionada a transformar as relações sociais: “Trata-se antes de uma tarefa confiada à comunidade cristã, que a deve elaborar e realizar através da reflexão e da práxis inspiradas no Evangelho” (Sodano, 2006, par. 53).

Contudo, a intenção deste artigo é sublinhar que não há renovação sem a inclusão afetiva, efetiva e objetiva das juventudes no ativo processo evangelizador. Para tal, oferecerá uma leitura global dos riscos que acometem as vivências juvenis contemporâneas e buscará possíveis perspectivas de enlace com os jovens.

Concisas realidades da população juvenil brasileira

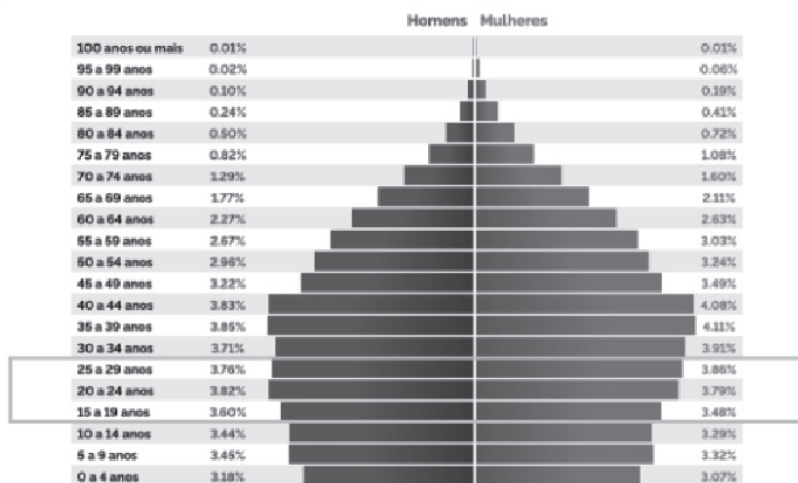
Os primeiros resultados do Censo Demográfico brasileiro em 2022 (IBGE, 2022a) apontaram um panorama que não pode passar despercebido: a redução significativa da população juvenil (e infantil³) em comparação ao Censo de 2010 (IBGE, 2010). Os dados revelaram que a idade mediana (mais frequente) no Brasil de 2022 é de 35 anos. Em 2010, o indicador era de 29 anos. A pirâmide etária atual, considerando a população por idade e sexo, totaliza em 22,31% a população de jovens entre 15 e 29 anos⁴, sendo 11,18% do sexo masculino e 11,13% do sexo feminino. Menos de ¼ da população brasileira atual encontra-se na categoria juvenil: dos mais de 203 milhões de brasileiros, cerca de 49 milhões são jovens.

Para pormenorizar, encontra-se a seguir a imagem da pirâmide etária disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022a):

³ Este artigo está focalizado nos contextos juvenis, porém, não excetua a urgência da missão da Igreja com as infâncias. Até porque, por óbvio, a qualidade ofertada ao desenvolvimento infantil impactará diretamente a existência e as projeções de vidas juvenis.

⁴ Conforme o Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852/2013, são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos (Brasil, 2013).

Gráfico 1 – Pirâmide etária

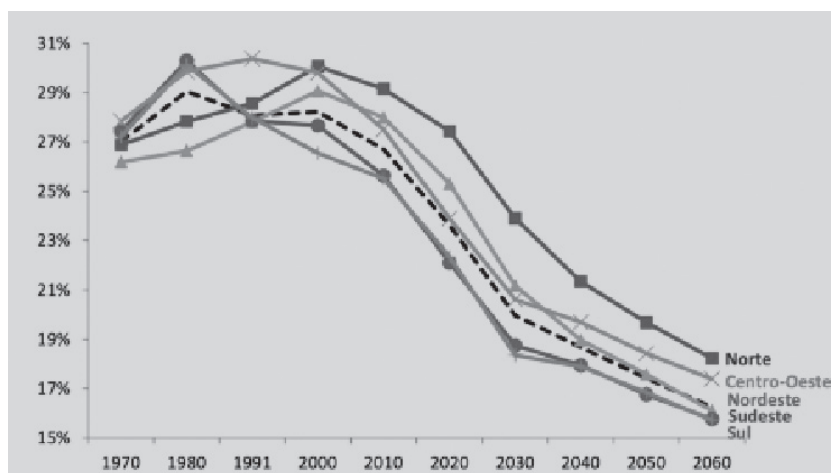


Fonte: IBGE (2022a).

Se cruzarmos esses dados, com as projeções da população brasileira juvenil até 2060, externadas no relatório da pesquisa nacional *Jovens, populações e percepções*, disponibilizado através do Atlas das Juventudes (2020) e desenvolvido com o Centro de

Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, percebe-se que no prolongamento desse fluxo piramidal os cenários vindouros continuarão em significativo decréscimo da população juvenil, como observa-se:

Gráfico 2 – Percentual de jovens na população por macrorregião (1970-2060)



Fonte: Atlas das Juventudes (2020, p. 17).

A tendência de redução da população de jovens brasileiros nas primeiras décadas no milênio vem se confirmando. Ademais, grande parte dessa população enfrenta falta de acesso aos direitos básicos e de suporte para um desenvolvimento integral saudável: afetada na qualidade educacional, acesso à saúde, à profissionalização, impactadas pelos múltiplos fatores de insegurança que as acometem.

Das condições educacionais e do mundo do trabalho, considera-se que 1 a cada 5 jovens brasileiros entre 18 e 24 anos não estuda, nem trabalha, conforme a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação* (IBGE, 2022b). Sobre as realidades da geração marcada pela pandemia da COVID-19, o estudo *Juventudes e a pandemia: e agora?* (Atlas das Juventudes, 2022) apresenta emergências ligadas à saúde mental: 6 a cada 10 jovens relatam ter passado por quadros de ansiedade, 5 a cada 10 apresentaram exaustão ou cansaço constante e 4 a cada 10 afirmam faltar motivação ou interesse por atividades cotidianas. Jovens com insônia (36%), aumento ou perda exagerada de peso (33%) e em manter o foco nas atividades (52%) evidenciam impactos desde a formação à saúde integral.

No que diz respeito à segurança, 1 a cada 4 jovens brasileiros

relata ter sofrido algum tipo de violência, seja física, psicológica ou sexual. No caso dos jovens-adolescentes, a situação de vulnerabilidade é ainda mais grave, pelo que aponta a pesquisa *Panorama da situação de saúde dos jovens brasileiros de 2016 a 2022: intersecções entre juventude, saúde e trabalho*, concebida pela Agenda Jovem da Fundação Oswaldo Cruz (LEANDRO; SOBRINHO; ABRAMO, 2023). Alertas para alta incidência de suicídio e violências autoinfligidas na adolescência são publicadas pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2023). Tais dados, quando segmentados por características interseccionais, seja por sobreposições étnico-raciais, socioeconômicas e condições de gênero, tornam-se ainda mais estarrecedores. Jovens migrantes, jovens dos povos originários e tantas outras juventudes ainda mais feridas em suas dignidades.

Mais do que o fundamental olhar da realidade a partir das estatísticas, a situação contemporânea requisita o cuidado imediato com a vida juvenil. Há uma solicitação de cooperação solidária por trás desses números. De um modo mais explícito, há uma urgência de empenhamento com a vida das jovens gerações. A implementação de políticas preventivas e interventivas é emergen-

cial, assim como a constituição de redes de impulsionamento do desenvolvimento integral das jovens gerações.

Em verdade, o compromisso solicitado pelo Papa Francisco (2020b) em mensagem de vídeo no encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica, para que haja critérios da práxis cristã a partir da escuta das vozes das crianças, adolescentes e jovens, a quem a geração adulta é responsável em transmitir valores e conhecimentos, visando à construção conjunta de um futuro de justiça e paz e uma vida digna para toda a pessoa, torna-se cada vez mais inadiável, como os achados descortinam.

Pro-vocações à ação eclesial com jovens

A Igreja como realidade encarnada enraizada no coração trinitário configura-se como uma sociedade visível e espiritual, que em Cristo vivo constitui-se em natureza e missão transversal aos tempos (PAULO VI, 1964). Neste terceiro milênio, a Igreja é desafiada a permanecer como o farol de esperança e de paz em meio às sombras de uma cultura fechada, reconhecendo que os jovens encontram um mundo em crise (FRANCISCO, 2020a). Fato é que onde há crianças e jovens,

há sementes de esperança, e onde está a Igreja na atualidade, deveria esta ser encontrada como uma “mãe solidária” que cria “um lar”, como “casas de comunhão”, responsivas aos dramas de seus jovens filhos (FRANCISCO, 2019).

Ainda na relação da Igreja com a condição juvenil, a contribuição consiste em dedicar-se a atender ao apelo por uma “aldeia global de educação” (ANEC, 2019, p. 5) que (trans)forma culturalmente os ambientes, reverberando os compromissos:

- a) do cuidado com cada pessoa – e cada pessoa jovem – na perspectiva da ecologia integral;
- b) do investimento das melhores energias com criatividade e responsabilidades capazes de construir um tecido de relações em vistas de um novo humanismo;
- c) formar pessoas disponíveis ao serviço da comunidade, sobretudo frente aos mais vulneráveis.

Tal incumbência implica (re) arquiteturas de gestão sistêmica que superem a indiferença e o descarte que impregna a existência de muitos jovens. Assim como os indicadores sinalizaram, a “cultura do cuidado” (FRANCISCO, 2013) não pode ficar sujeita a um jargão, mas deve consoli-

dar uma decisão evangelizadora ativa, traduzida em posturas e planejamentos pastorais efetivos, direcionados à plena constituição juvenil. De tal modo, a vinculação não consiste em qualquer forma de conexão entre a Igreja e juventude, mas como uma relação unitiva preferencial edificada no sentido mais abundante de vida. Assim, o cuidado torna-se uma bússola dos princípios sociais e eclesiais (FRANCISCO, 2021b).

Nesse mirar cuidadoso com a vida juvenil, prevalece a focalização no direito básico de existirem. Contudo, não qualquer existência, mas uma existência à altura da dignidade de um filho de Deus. Esse é um grande diferencial solicitado e testemunhado pelo Cristo Mestre. Para isso, acentua-se a janela de oportunidade de vinculação e exercício de aproximação com as juventudes atuais. São existências juvenis que clamam por um mundo de dignidade reconhecida e do legítimo direito à vida e ao pleno desenvolvimento. Clamam por plenitude. Há nesse clamor juvenil sede de pertencimento a um projeto maior de vida, sede de “tornar-se”.

Nesse sentido, algumas questões se erguem à Igreja, do mirar voltado ao cuidado com as jovens gerações nestas primeiras décadas do século XXI:

- Quem são os jovens alcançados pela fé cristã?
- Quem são os jovens que não são alcançados pela fé cristã?
- Quais os contextos de vida entretencem as existências dos jovens do nosso entorno?
- O que de fato se oportuniza aos jovens contemporâneos para que estes se desenvolvam integralmente, inclusive em relação à fé?
- Que arquétipos religiosos têm sido oferecidos às jovens gerações para uma vida salutar e determinada ao Bem?
- Forma-se as jovens gerações em que modelos de espacialidade e temporalidade?
- O quanto a era digital impacta a ação evangelizadora da Igreja com os jovens? Tais impactos são sempre positivos? São sempre negativos? Há razoabilidades?
- Que modelos de adultos os jovens encontram na contemporaneidade da sociedade e da Igreja? O quanto de coerência encontram nas funções assumidas pela geração adulta?
- Que paradigma de valores (humanos, espirituais, sociais, morais, estéticos, materiais etc.) são oportunizados aos jovens? Esses valores

foram ensinados pela pessoa de Jesus Cristo?

- Qual a função de cada pessoa no desenvolvimento das jovens gerações? E da família? Da sociedade? Da Igreja?
- Como se encontra o compromisso eclesial de “ser Igreja em formação”, “ser Igreja em cuidado”, “ser Igreja em assistência” às gerações mais jovens?

São algumas interrogativas que podem oportunizar um debate mais assertivo para os planejamentos evangelizadores com as juventudes. E mais do que buscar respostas isoladas, merecem ser dialogadas com as próprias juventudes. Do mirar ao escutar intencional e ativo, esse é o exercício. A atitude “samaritana” da Igreja (Lc 10, 29-37 *apud* CELAM, 2017) olha ao entorno, parte para a aproximação, entra em diálogo diligente, contribui com o discernimento e restaura vidas. Além do mais, contribui para a conexão com os jovens como seu público preferencial, visto que o Cristo Vivo os quer irradiando vida e não nas indefensibilidades (FRANCISCO, 2019).

Desse prisma de cuidado relacional, a Igreja Católica sem dúvida tem muito a contribuir com ressignificações no compromis-

so com os jovens. Mesmo porque fazer a experiência da fé cristã é um direito legítimo de todo jovem (assim como aderir a essa fé). Se é dever da Igreja o anúncio do Evangelho como missão delegada pelo próprio Jesus, para que o direito de conhecer as concepções do cristianismo, é preciso a superação da cultura estática que aguarda que as novas gerações sejam acessadas espontaneamente.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (FRANCISCO, 2013) já indicava um percurso eclesial “em saída” que assume o “primeirar” como preeminência, superando o apego ao comodismo e dirige-se às periferias existenciais, não deixando à própria sorte os que necessitariam ser o público preferencial da ação evangelizadora. A Doutrina Social da Igreja (DSI) (SODANO, 2006) carrega os princípios basilares para o bem comum e de responsabilidade com o mundo que se oferta às jovens gerações. A DSI atualizada com o olhar contemporâneo da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FRANCISCO, 2020a) abre o caminho eclesial proponente de amizade social como conexão de fraternidade e vida; e vida em plenitude para todo jovem – em sua condição de sujeito cidadão; e para o jovem todo – em sua condição singular de pessoa humana.

Mirar cada jovem na sua realidade de pessoa: ontológica, única e total

Cada jovem descreve sua própria existência em um mundo ao seu redor como um sacramento do novo. Jovens não são nem anjos, nem demônios, como tantos discursos polarizados esforçam-se em forjar. Não são recursos utilitários, não são objetos, não são abstrações, não respondem apenas ao instintivo, não são qualquer estereótipo que se queira rotular. Jovens são seres humanos em desenvolvimento em um tempo histórico, adentrando um mundo que já se encontra em movimento. Possuem responsabilidades próprias para o desenvolvimento e engajamento, mas em tempo algum deveriam ser apontados como os únicos responsáveis por suas carências, dores e afastamentos.

Se há diferentes gerações habitando uma mesma cronologia histórica, também há um tempo de *kairós* onde a graça divina é atuante. Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CNBB, 2000), na dignidade de pessoas, os seres humanos são únicos, totais, irrepetíveis e capazes de Deus. Jovens são pessoas que, como imagem de Deus, expressam identidades e constituídas em sociabilidades.

Personalidades que se formam em um meio social – atualmente, físico e digital – e que respondem a esse meio. Tais respostas, muitas vezes, rompem os determinismos e condicionantes que os limita. Assim, o jovem não é “feito”, não é passivelmente “pronto”. É um ser ontologicamente livre e capaz de transcender as circunstâncias e de, se assim discernir, responder à espiritualidade cristã.

No entanto, como jovem, merece e precisa do apoio de um “outro” nessa transcendência. É justamente no encontro com o “outro” enquanto alteridade que realiza construções e reconstruções, significados e ressignificações, *re*-visões sucessivas entre vivido, o futuro e o agora. Na fé cristã, ser alteridade é ser discípulo missionário do próprio Cristo. Assim, para as juventudes, esse “outro” pode ser um acompanhador a assumir-se como um *alter Christus*. As juventudes solicitam: “queremos ser encontrados onde estamos – intelectualmente, emocionalmente, espiritualmente, socialmente e fisicamente” (SECRETARIA Generalis Synodi, 2018, p. 15). Esse acompanhamento descentralizado implica conduzir cada jovem para realidades de comunhão com outros jovens, como pares que se nutrem em ânimo de vida e nas relações intergeracionais.

Por isso e por tantos outros sofrimentos, os grupos juvenis acompanhados por maduras voações adultas possuem um papel relevante na requisição de justiça para a condição juvenil, e para a vivência do cristianismo com o frescor do novo. Essa boa nova juvenil de diversidade na unidade – unida ao rosto jovem de Cristo – é uma contribuição que só as gerações mais novas podem fazer na vida da própria Igreja do terceiro milênio.

Jovens identificam-se em corporeidade, desde as transformações biológicas que vivenciam, as diversas situações familiares que experenciam, questões de saúde e educação, até as buscas e encontros que trazem significados suas existências: consigo, com o outro, com a sociedade e com a própria Igreja. Jovens projetam vidas de modo singular e em parâmetros coletivos com outros jovens. Ressalta-se que Jesus Cristo como mistério redentor se revela e ilumina as juventudes, visto que Jesus é um jovem entre os jovens (FRANCISCO, 2019).

Fato é que o sagrado se manifesta através de rostos juvenis cotidianos como fonte inesgotável e novidade perene. As sementes do Verbo referidas no Concílio Vaticano II (PAULO VI, 1965), recordam que o Espírito age onde quer

em meio às diferentes circunstâncias. Sem dúvida, essas sementes do sagrado germinam nas jovens gerações: seja em suas culturalidades, nas suas racionalidades, nas suas projeções, nas suas inquietações, nas chagas que os afligem, nas coragens e esperanças que carregam. Esse sagrado em meio aos jovens pode se delinear em uma consciência ativa de capacidade profética, com valor humano e espiritual da “gana”, ou melhor, do ímpeto de vida que deveria saltar aos olhos da geração adulta.

Nesse sentido, se no espírito juvenil encontra-se a vitalidade, como um hálito unitivo, esse mesmo espírito, enquanto potência humana, anseia por conhecer, sentir, ter vontade e agir⁵. Por isso, quando na contramão desse espírito, encontram-se jovens *desanimados*, socialmente afligidos e, como Igreja, deve-se realizar uma reflexão mais aprofundada. Se a fadiga existencial presente em uma contemporaneidade de esgotamento coloca sobre os ombros dos jovens a responsabili-

⁵ O espírito não se rompe no dualismo que cinde a unidade corpo-alma. Ser pessoa é ser integralidade: anima expressada na corporeidade. Na tese doutoral da autora, pode ser mais bem detalhado no ponto *A travessia formativa “desde dentro das vivências”: a integralidade como diretriz antropológica* (TEIXEIRA, 2022).

de individual os dramas da existência (HAN, 2017), como Igreja solidária formada por discípulos de Cristo, a resposta eclesial não deveria permitir que a pessoa jovem se resolva por ela mesmo e assuma solitariamente seus desafios. A ação eclesial com jovens

requisita acompanhamento formativo, requer a cooperação com o projeto de Deus para a humanidade, que se traduz em vida em abundância, exigindo impreteríveis alinhamentos quando se trata de atuação com jovens e seus agrupamentos.

Para dialogar em comunidade:

1. Que pontos pode-se destacar a partir do conteúdo apresentado?
2. Analisando as juventudes com as quais atuamos em nosso cotidiano, quais fatores mencionados podem contribuir com o nosso planejamento de evangelização?
3. Quais compromissos a “cultura do cuidado” nos impele em assumirmos como Igreja e sociedade?

Referências

- ANEC. **Pacto educativo global**: Vademecum. Brasília: ANEC, 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- ATLAS DAS JUVENTUDES. **Jovens, população e percepções**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2020. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- ATLAS DAS JUVENTUDES. **Juventudes e a pandemia: e agora?** Rio de Janeiro: FGV Social, 2022. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2022/09/JuventudesPandemia3_Relato%CC%81rio Nacional_20220923.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.
- BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINA-JUVE). Brasília: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

- CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2017.
- CNBB. **Campanha da Fraternidade 2022**: texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- CNBB. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FRANCISCO, Papa. ***Christus Vivit***: Exortação apostólica pós-sinodal do santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.
- FRANCISCO, Papa. ***Evangelii Gaudium***: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. ***Fratelli Tutti***: Carta encíclica Fratelli Tutti do santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020a.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 5 jan. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para a 36ª Jornada Mundial da Juventude**. Roma, 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20210914_messaggio-giovani_2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a 37ª Jornada Mundial da Juventude 2022-2023**. Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20220815_messaggio-giovani_2022.html. Acesso em: 27 dez. 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz**. Roma, 2021b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela congregação para a educação católica**: "Global Compact on Education: together to look beyond". Roma, 2020b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- IBGE. **Censo 2022: panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022a. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- IBGE. **PNAD Contínua**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- LEANDRO, Bianca; SOBRINHO, André; ABRAMO, Helena (org.). **Panorama da situação de saúde de jovens brasileiros 2016 a 2022: interseções entre juventude, saúde e trabalho**. Rio de Janeiro: Agenda Jovem Fiocruz, 2023. Disponível em https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/DOSSIE_juventude.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.
- PAULO VI, Papa. **Ad Gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. Petrópolis, Vozes, 1965.
- PAULO VI, Papa. **Lumen Gentium**. Constituição Dogmática sobre a Igreja. Petrópolis, Vozes, 1964.
- RUFFINI, Paolo. **Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais**. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 5 jan. 2024.
- SECRETARIA GENERALIS SYNODI. Documento final da reunião pré-sinodal. In: ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 15., 2018, Roma. **Anais [...]**. Roma, 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/apresentacao-della-reuniao/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Setembro amarelo: a cada ano, mil jovens brasileiros tiram a própria vida, alerta Sociedade de Pediatria. **SBP**, Rio de Janeiro, 29 set. 2023. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/setembro-amarelo-a-cada-ano-mil-jovens-brasileiros-tiram-a-propria-vida-alerta-sociedade-de-pediatria/>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- SODANO, Angelo. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Petrópolis; Vozes, 2006.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. *In*: URKIZA, Julen; SANCHE, Francisco Javier (org.). **Obras completas**. Vitoria: El Carmen, 2003. v. 4. p. 555-749.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. **Aprender a reconhecer nas vivências juvenis o solo sagrado**: um peregrinar antropológico em compromisso com o telos da formação integral das jovens gerações nos princípios teológicos-pedagógicos da fenomenologia de Edith Stein. 2022. 293 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10292>. Acesso em: 29 dez. 2023.



2º SEMINÁRIO VOCACIONAL NACIONAL

ANIMAÇÃO VOCACIONAL
NO MUNDO DIGITAL:
Desafios e
perspectivas

Assessores:



Marcus Tullius



Ir. Márcio



28 a 30 de Junho



Fortaleza - CE

Inscrições:

<https://app.ciaticket.com.br/e/2-SEM-VOC-NAC>

REALIZAÇÃO:



PARCERIAS:



INQUIETAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A VRC E SUA ATRATIVIDADE.

Ir. Joilson de Souza Toledo, fms¹

Resumo: Na contemporaneidade vivenciamos desafios que exigem das congregações rever escolhas e perspectivas. O texto apresenta elementos para (re)pensar a capacidade de atratividade das congregações religiosas. Convida a repensar o jeito como olhamos e nos aproximamos das realidades juvenis, a percepção dos cenários atuais e das realidades juvenis como contextos complexos e interligados, a atenção a diversidade na experiência e fé e das implicações que isto traz para o processo de discernimento, bem como o reconhecimento dos traços dos jovens que alcançamos com nossas ações. São elementos importantes para (re) pensar a potencialidade de nossas congregações em dialogar e estabelecer processo vocacionais com as novas gerações. Tal processo é fundamental para a vitalidade das congregações e da Igreja Sinodal que pretendemos servir.

Palavras-chave: Ressignificação; Consagração; Juventudes; Complexidade; Fé.

Introdução

A tarefa de ressignificar a VRC numa Igreja sinodal tem várias dimensões. Uma delas é a animação vocacional. A capacidade

de dialogar e ser atrativa para as novas gerações é um desafio colocado aos consagrados e consagradas. Parte deste desafio passa por

¹ Irmão Marista. Doutorando em Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: mistagogo@yahoo.com.br

considerar a maneira como “olhamos” as gerações que estão dentro e fora das congregações, percebamos como realmente vivem.

A realidade da atratividade de novos membros para as congregações religiosas brasileiras mudou drasticamente nas últimas décadas. A continuidade do ritmo atual de entradas significaria uma diminuição numérica considerável de uma boa parte das congregações. Sem repensar estruturas, este processo levaria ao colapso algumas províncias ou congregações tal como as entendemos hoje. Esta realidade tem produzido revisão de planos, estratégias e estruturas de animação vocacional em muitas congregações, bem como, processos de reestruturação em curso.

Esta realidade pode ser encarada de várias formas: indiferença; ansiedade; negação. A 26ª Assembleia Geral Eletiva (AGE) da CRB apontou um caminho de esperança do qual brota um processo de ressignificação: considerar os números, mas ir além deles. Neste cenário, somos convidados/as a retomar a audácia evangélica de nossos fundadores e nossas fundadoras: confiar-nos à providência e fazer tudo o que está ao nosso alcance. Filhos e filhas deste tempo histórico, como nossos fundadores, somos desafiados a utilizar as fer-

ramentas que dispomos, descobrir caminhos novos ou inusitados e impregnar nossos olhares e coração com o Evangelho.

Estamos institucionalizados demais, por isso, como toda instituição estamos demasiadamente preocupados na continuidade, no crescimento, na estabilidade, na sobrevivência. No entanto, mas importante que isso, cabe às congregações terem um estilo de vida pedagogicamente organizado para se viver e testemunho o Evangelho. Isso não pode ser relativizado, com o risco de, mesmo retomando numericamente, nos perdermos definitivamente (Mt 5, 13-16; Lc 14, 34-35). O estilo de vida que recebeu o nome de VRC e, por conseguinte, a organização canônica que se chamou Congregação Religiosa (Ordem, Instituto, Sociedade de Vida Apostólica) devem ser mais um jeito de “perder a vida pelo Reino” (Mt 16, 25-26) do que um jeito de manter funcionando obras, instituições, costumes.

Por mais duro que pareça, precisamos reconhecer que não nascemos só para crescer mas para viver o Evangelho apaixonadamente. Uma religiosa, um religioso é alguém que faz coisas pequenas e grandes por um amor que não cabe em si e que não vem de nós: o amor que move o mundo.

Movidos e movidas por este amor somos convidados a contemplar os cenários juvenis em que estamos inseridos reconhecendo implicações e atravessamentos quanto a atratividade da VRC. Partimos da intuição do Papa Francisco de que “tudo está interligado”, o que demanda um olhar para a complexidade

Fatores e implicações

Reconhecer nuances, implicações e conexões nas realidades juvenis pode ser um caminho significativo para pensar os desafios da atratividade. Olhando de maneira global, é possível dizer que o diálogo com as juventudes se apresenta como um desafio para todos os grupos na sociedade e em especial para a Igreja. É nítida uma crise na transmissão da fé. É muito mais do que a sua congregação, sua diocese, sua pastoral. Vivemos no ocidente uma crise global nos processos de transmissão de tradições para as novas gerações. Acreditar que é só multiplicar os lugares, os encontros, os responsáveis ou a animação é uma simplificação do fenômeno. É muito mais do que adequar a linguagem. É (re)pensar processos. Lembremos que várias de nossas congregações nasceram como respostas a crises locais, nacionais e globais de um determinado tempo

e local. Elas nasceram acionando recursos humanos, culturais e espirituais que estavam ao alcance de seus contemporâneos. Poderíamos nós seguir o caminho de resignificação e de atratividade a partir desta intuição?

O mundo no qual estávamos acostumados a fazer animação vocacional: famílias numerosas, profundamente católicas e de regiões rurais (em alguns casos de ascendência italiana ou alemã) não existe mais, ou está se reduzindo. Continuar a apostar neste cenário, é investir num contexto que tende a diminuir drasticamente em alguns lugares do Brasil. O que implica em pensar a animação vocacional em contextos urbanos, com diversas configurações familiares, diversidade cultural e familiares plurirreligiosas ou sem vínculos eclesiais?

Regina Novaes (2007) aponta que as juventudes seriam um espelho retrovisor ou um espelho “agigantador”. Nelas enxergamos uma sociedade que está emergindo. Não saber lidar com os jovens é dizer que não sabemos dialogar com a sociedade contemporânea! Nas juventudes reconhecemos este tempo. As pessoas jovens nos ensinam a navegar nestes contextos inéditos para eles e também para nós. Desta forma, cabe perguntar: o que é próprio das

juventudes e o que é próprio deste momento histórico? Convida também ter a delicadeza de não pedir dos jovens o que não temos coragem de pedir para quem está a mais tempo na congregação.

Em todos estes contextos reconhecemos que “tudo está interligado”. Não dá para pensar animação vocacional fora da conjuntura em que ela se dá: a sociedade brasileira, as pluralidades das juventudes, os desafios de transmissão da fé na contemporaneidade. Do mesmo modo, precisamos ter cautela com discursos restauracionistas (como se fosse fácil retomar números de décadas passadas) ou que reduzem a complexidade a afirmações tais como “tem vocação sim, é só pedir que Deus enviará” ou “se formos mais radicais conseguimos”. Precisamos reconhecer complexidades e ambiguidades dos cenários em que estamos inseridos e dos nossos contextos provinciais e congregacionais.

Como nossas fundadoras e fundadores precisamos (re)aprender a dar resposta a um mundo que emerge. Iniciar processos na fragilidade e na pequenez, permitir que nossa paixão pela vida e pelo Deus da vida transborde em iniciativas, posturas e escolhas que dialoguem com os atropelos deste tempo. Acolher com liberdade

e humildades perdas e tropeços. Reconhecer as possibilidades presentes nos contextos desafiadores.

Ao dar passos para dar respostas aos desafios deste tempo encontramos inspiração no Papa Francisco. Ele nos convida a sonhar uma Igreja pobre e serva, samaritana, sinodal para sociedades em profundas e aceleradas mudanças, para as quais os discípulos de Jesus são chamados a ser uma Boa Notícia nos diversos jeitos de ser, crer e viver.

Outra provocação nos vem de José Comblin (2012). Segundo ele, o Documento de Aparecida é ótimo, no entanto, demoraríamos um século para colocá-lo em prática porque o clero, as religiosas e religiosos e o laicato não foram formados para uma Igreja em processo de missão.

Pensar a animação vocacional nestes tempos demanda nos perguntarmos: vocações para qual Igreja? A que processos e sonhos eclesiais nosso jeito de fazer animação vocacional está relacionado? Realmente as posturas, palavras e iniciativas que aplaudimos de Francisco incidem em nosso jeito de fazer animação vocacional? Somos fator de impulso ou empecilho para uma igreja sinodal? Se olharmos para animação vocacional e nossas casas de for-

mação seremos daqui a alguns anos colaboradores/propulsores ou empecilhos para a reforma que almejamos? Como lidamos com as respostas a essas perguntas?

Qual experiência de fé?

Alguns falam em secularização. E é um fator a ser considerado, mas não absolutizado (HERVIEU-LÉGER, 2008). Se as vocações à VRC, na maioria das sociedades, floresceram em contextos de busca espiritual, quais seriam os “terrenos férteis” deste tempo? Quais características desta experiência neste tempo tem marcado nossos candidatos e nossas candidatas? Todas as possibilidades de buscas têm lugar em nossas congregações?

Quando falamos de secularização não estamos abordando simplesmente a diminuição do espaço da religião na sociedade. Não, o fenômeno é mais complexo. Se de um lado cresce em vários lugares o número dos que se dizem “sem religião” (o que não significa necessariamente não crer em Deus, mas uma experiência religiosa que prescinde a vida comunitária e da vinculação com a organização paroquial), de outro, cresce cada vez mais um jeito de “crer sem pertencer” (HERVIEU-LÉGER, 2008) Em alguns lugares, no pós-pandemia, é visível a redução da

presença e do compromisso pastoral. Se, de um lado, símbolos e costumes vão perdendo sua capacidade de coesão social, por outro, a busca religiosa é expressão até de caráter bélico e anti-científico, exemplificado na afirmação de que a Terra é plana.

O “Ele está no meio de nós” professado na Liturgia, em algumas situações, parece dar lugar a um “deus” que se coloca “acima de todos”. Um jeito agressivo de professar a fé toma espaço em várias igrejas. Se, de um lado, parece que Deus está ausente, de outro, se mostra presente de um jeito bem diferente do testemunhado por Jesus. É em meio a estes cenários que somos convidados a acompanhar jovens e adultos em seus processos de discernimento.

Outro desafio que emerge neste processo são os “recém-convertidos” jovens e adultos que em meio a seu processo de “iniciação cristã” sentem-se chamados, ou seja, a ideia de que a opção vocacional seria o amadurecer de um processo parece não valer para todos. Alguns, em meio ao processo de chegada ou adesão à fé começam a se questionar sobre os muitos jeitos de viver o Evangelho. Tal cenário tem trazido consequências a animação vocacional e a formação inicial. Considerá-lo nos ajudaria a repensar processos.

Também as pessoas comprometidas com o seguimento de Jesus no compromisso com os empobrecidos nos desafiam a (re)pensar processos vocacionais. Em alguns lugares do Brasil, são poucos os que vivem a fé nesta perspectiva. Poderíamos nos perguntar: como essas pessoas comprometidas com os empobrecidos nos veem? Quais aspectos de nosso estilo de vida mais lhes chama a atenção? Eles se sentem abertos para partilhar conosco buscas e inquietações?

Se o caminho de discernimento vocacional se insere dentro da experiência de sagrado, cabe a animadores e animadoras vocacionais se aproximarem dos caminhos pelos quais os jovens fazem sua experiência. Vamos nos reconhecendo cada dia mais como companheiras e companheiros de caminho, que contemplam e “contribuem” com o caminho que Deus vai fazendo no coração e na trajetória de uma outra pessoa que nos procurou para dialogar sobre sonhos, moções e horizontes pessoais e comunitários.

Com quais jovens estamos dialogando?

Regina Novaes (2008) aponta os perigos da idealização dos jovens. Eles não são nem inteiramente violentos, nem pessoas só com coisas boas. São gente com a

complexidade e ambiguidade de toda pessoa humana. Precisamos ultrapassar uma animação vocacional que idealiza os jovens. Eles não são nem somente problema e nem inteiramente solução. Reconhecer neles pessoas em processo de crescimento que têm o direito de serem acompanhadas, é um desafio eclesial.

Cada experiência geracional é inédita, por isso, acompanhar processos com/ das juventudes é sempre dialogar com o novo. Se deparar com tendências, possibilidades, desafios, limitações com os quais precisamos aprender a lidar. São as pessoas jovens que podem nos dizer o que é ser jovem hoje e mais que isso, são elas mesmas que podem nos ajudar a descobrir os caminhos para acompanhá-las. Não num populismo pastoral de fazer “o que os jovens gostam, o que os jovens querem”, mas num caminho de aprendizagem de reconhecer habilidades e competências que precisamos desenvolver.

Toda esta complexidade pede humildade e foco. Dificilmente trabalhamos com “o todo”, com todos os jovens. Há uma diferença entre estar abertos a todos e todas e conseguir alcançar a todos e todas. Nosso serviço sempre alcança uma parte. Por isso, ao afirmar a pluralidade das juventudes e abrir o coração a todos, precisa-

mos nos perguntar: nosso trabalho está focado – linguagem, proposta, pedagogia – em quais pessoas jovens, em quais situações juvenis, com quais parcelas das juventudes? São estes realmente os jovens com os quais precisamos dialogar? São estes os que estão nos nossos planos de formação?

O conceito juventudes têm sido muito usado. Ele é importante para entender o fenômeno, mas, como todo conceito precisa também ser relativizado, porque ninguém encontra na rua, na pastoral no colégio, com “as juventudes”, mas encontramos com pessoas jovens.

Continuando o papo...

Conforme comentamos no início, este texto está longe de trazer conclusões. Ele quer humildemente partilhar perguntas e inquietações. Convida a olhar a complexidade das juventudes

em seu jeito de ser e sua busca religiosa. Por trás de tudo isso, há pessoas jovens desejosas de seguir Jesus que tem nos procurado, pessoas jovens que, em sua busca de sentido, têm vivenciado os mais diversos contextos, pessoas jovens buscando ser felizes. Nas juventudes e em cada jovem, há questões que desafiam nossa capacidade de olhar, amar e acompanhar.

Cada carisma se aproxima das pessoas jovens de forma diversa. No entanto, nos aproximar delas é o primeiro passo a fazer, tendo o cuidado com o jeito e o olhar para não não ignorar ou desmerecer a complexidade do nosso tempo. Cabe-nos viver a consagração neste tempo com tudo que ele traz de possibilidades e limitações. Cabe-nos fazer escolhas. Possivelmente elas marcarão como nossas Congregações vivenciam este tempo de travessia.

Para dialogar em comunidade

1. Descreva as realidades juvenis com as quais sua comunidade trabalha/convive ou pretende trabalhar/conviver.
2. Ao contemplar as realidades juvenis que nos são mais próximas e, tendo presente os desafios e possibilidades de nossa congregação, que entraves e pista para a animação vocacional reconhecemos?
3. Que escolhas nossa comunidade e/ou província precisa fazer para que a animação vocacional contribua no processo de resignificação?

Referências

- COMBLIM, José. Projeto Aparecida. **Revista Vida Pastoral**. Nº 258, p. 3-10, 2012.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**. A religião em movimento. Petropolis: Vozes, 2008.
- NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida**, São Paulo, 2007.
- NOVAES, Regina. Trajetórias Juvenis: desigualdades sociais frente aos dilemas de uma geração. In: FERÉS, Maria José Vieira et al. **Texto complementares para formação de gestores**. Brasília: ProJovem Urbano, 2008. p. 42-52.

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO COM JOVENS: IMPRETERÍVEIS ALINHAMENTOS.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira¹

Resumo: O artigo sublinha perspectivas de atuação para o fortalecimento de uma conexão da Igreja com as juventudes. Sinaliza o caráter vocacional da Igreja em sua missão unitiva, discipular e missionária, com rosto samaritano e direcionado ao cuidado das gerações mais novas. Elenca perspectivas para uma eclesiologia de comunhão, tópicos pedagógico-formativos e exprime possibilidades ético-antropológicas. A análise delimitou-se à visão de Igreja em relação, com alternativas para a aproximação da Igreja com as juventudes hodiernas. O objetivo é contribuir com um projeto eclesial-vocacional renovado, em que as arquiteturas formativas possam ser revisitadas e ressignificadas à luz das vozes e realidades juvenis.

Palavras-chave: Igreja; Juventudes; Vocação; Comunhão.

Introdução

Para atuação com as juventudes contemporâneas, a proposta requer integralidade, não sepa-

rando o espiritual do cultural, do social e do pessoal. Propõem-se olhares integrativas e *provocativas*. Sem a criticidade das reflexões, incorre-se no risco de

¹ Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Filosofia e Autoconhecimento. Mestre e Doutora em Teologia. Coordenadora do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. Endereço para contato: pp.patriciateixeira@gmail.com

cair em ações conjugadas por superficialidades e/ou em anestesiamento de banalidades discursivas (FRANCISCO, 2019). Ou ainda, pode-se ir ao extremo farisaico da exclusão dos “não puros”, como indicam alguns discursos fundamentalistas. No esforço de seguimento pautado na pedagogia redentora de Jesus Cristo, alguns alinhamentos na prática com jovens podem ser destacados:

Alinhamentos eclesiológicos de comunhão

Como já tratado, o Papa Francisco aponta para uma cultura do encontro, com dinâmicas de escuta, acompanhamento e discernimento (FRANCISCO, 2013; 2019). Na perspectiva cristã, os jovens não apenas possuem o direito a construir um projeto de vida e futuro; têm, sobretudo, o direito de pautar suas vivências em um percurso vocacional.

Não há dúvida de que os jovens são impactados por pessoas referenciais. Por isso, a cada adepto da fé católica, será esperada a processualidade do discipulado missionário, tal qual a pedagogia de Jesus. Nas comunidades cristãs, a expectativa é de acolhimento, formação de lideranças ao serviço, espaços de protagonismo e engajamento juvenil e desen-

volvimento efetivo da fé. À Igreja como instituição será requisitada a condução garantidora dos princípios de evangelização *ad-intra* e *ad-extra*, desde dentro dos núcleos eclesiais até as formas de atuação social e planetária.

Pode-se constatar que no próprio processo do Sínodo dos Bispos (SECRETARIA Generalis Synodi, 2018) sobre o tema *A fé, os jovens e o discernimento vocacional* resgatou a escuta juvenil, que declarou:

Hoje os jovens procuram uma Igreja autêntica. Queremos dizer, especialmente para a hierarquia da Igreja, que ela deve ser transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa, acessível, alegre e interativa com a comunidade.

Com isso, vale pensar a magnitude de instituições eclesiais católicas com governança impactando diretamente as vivências juvenis em sua missão na educação (básica e superior), nas áreas da saúde e na assistência social, capazes de oportunizar o desenvolvimento integral através de sua ação pedagógica, restauradora e inclusiva.

Nessa integração, a Igreja é capaz de se construir com os jovens e não apenas para os jovens. Através de sua missão consciente, é capaz de relegar os discursos evasivos sobre os jovens ou mes-

mo de rechaçar os estereótipos lamentáveis (e, infelizmente, amplamente difundidos), por exemplo, os preconceitos centralizados no universo adulto que, ao “olhar de cima”, afirma ser esta a “geração mi-mi-mi”, “geração floco de neve”, “geração fraca”. Há um esquecimento de que “os filhos são formados pelos pais”, ou seja: se as juventudes assumem determinadas características e atitudes, é inclusive porque elas tiveram origem nos modelos que (não)encontraram.

Assim, a escuta empática das vozes juvenis atuais é fundamental, pois sem ela a conexão fica fragilizada ou até inexistente. Contextos juvenis precisam ser acompanhados e iluminados. Como o luzeiro na mão de quem caminha conjuntamente, o iluminar não é estático, é feito no cotidiano dos dias. Trata-se de uma iluminação em meio às nebulosas que convida ao discernimento e à responsabilidade social com e pelos jovens, caracterizada por uma Igreja sinodal de diálogo intergeracional (FRANCISCO, 2022) e que impele aos jovens e a todos que tenham a “pressa do cuidado”, tal qual Maria, como manifestado na Jornada Mundial da Juventude de 2023.

Esse “apressar-se” em vistas do cuidado gera perspectivas de

unidade na diversidade, de relações mais pacificadoras, de sabedoria frente às situações de vida. Escutar, discernir e orientar implicam ativação de sensibilidades diante dos dramas, das conquistas, das pautas, dos sonhos, dos riscos. Sensível é aquele que, ao olhar no entorno, mira na dignidade de cada jovem, se *co-move* e se envolve com esperança em promover qualitativamente suas existências. A esperança alimentada pela indignação frente às condições juvenis atuais e pela coragem de transformá-las, tal qual Agostinho de Hipona postula.

Se a Igreja histórica atravessa mais uma mudança de época, fato é que suas essências de fonte divina restauradora do humano não mudam, porque Cristo não muda: é ontem, hoje e sempre. Assim, convém junto às juventudes não pressupor os fatos como se fossem obviedades; não impor a fé, não supor algum conhecimento/vivência espiritual cristão, mas propor um percurso salutar. A Igreja as impacta pelo que é, diz e faz (CNBB, 2021).

A atitude de adesão a algo, a alguém, a um projeto de vida e ao próprio cristianismo está mais conectada com a irradiação de sentido assumido na prática da vida, do que pela força dos discursos. Os discursos seduzem jovens (e

adultos), é verdade; porém, não se sustentam por muito tempo, porque não se configuram na ética do cuidado e nos princípios de encontro restaurativos. Muitos dos discursos polarizados são sedutores e capazes de agrupar exponencialmente as juventudes, sobretudo em meio digital; assim como também são dispersadores, intriguentos e ferozes.

Não à toa que as *fake news* têm levado muitos jovens ao adoecimento, inclusive por questões religiosas. Cancelamentos públicos, discórdias veladas e explícitas, uma Babel edificada ao contrário de um Pentecostes assumido (SODANO, 2006). A cultura do cuidado com as jovens gerações requer presença vivificante em caráter de comunhão com o hálito unitivo e o motor da amorosidade do Espírito. Reforçado pelo alerta do Dicastério para a Comunicação, o documento *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação em redes sociais* (RUFFINI, 2023) recorda que o princípio básico de “amor ao próximo” também se refere aos ambientes digitais.

De fato, a cultura digital imprimiu um impacto profundo na ação evangelizadora com os jovens, quando muitos não conseguem mais separar o ambiente digital da presencialidade física dos

dias, cumulando conhecimento, amplificando informações, buscando e mantendo relacionamentos. As juventudes são geradoras, também são produtos desse meio, visto que têm suas próprias identidades constituídas em ambientes digitais. Com jovens é preciso resgatar a encarnação como princípio fundamental para a presencialidade cristã, além de formá-los considerando que

...as redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral (FRANCISCO, 2016).

Desse modo, convém atentar-se para a pedagogia formativa que impele, tal qual Jesus Cristo, em revelar a abundância de vida (Jo 10,10) capaz de ser encontrada na dignidade e no amor para com as pessoas em todos os ambientes e esferas da existência. Assim, além de alinhamentos eclesiológicos de comunhão, há alinhamentos pedagógico-formativos necessários.

Alinhamentos pedagógico-formativos

Educar é o ato diligente em formar alguém, permitindo que este adquira o *status* de *si mesmo*: não um reproduzidor de discursos, não uma tábula rasa, não um *Control C + Control V* de alguém. Um ser único, total, irrepetível, como já visto. Cada jovem tem direito a conhecer e experimentar a novidade do Evangelho de Jesus Cristo. Porém, mais do que formar “para”, é preciso formar “em”. É desde dentro de relações empáticas que a dinâmica formativa se constitui com alteridade e legitimidade. Para tal, alguns pressupostos pedagógicos (bastante básicos) podem contribuir na conexão formativa com as juventudes contemporâneas:

- Não fechar os olhos para a condição juvenil enquanto pessoalidades, sociabilidades, cidadania e eclesiologia;
- Utilizar linguagem clara e objetiva no diálogo;
- Otimizar o tempo, visto que as agendas juvenis são intensas;
- Construir um ambiente evangelizador cuidado nos detalhes;
- Ampliar a visão comunitária da Igreja, participando de

ações paroquiais, diocesanas, nacionais e mesmo planetárias, na medida do possível;

- Formar para a autonomia, sem furtar-se da empatia relacional;
- Resgatar a vivacidade e o ânimo pelo Evangelho no *locus* eclesial que habitam;
- Aos adultos, equilibrar o humor: não euforia, nem distopia, diante das existências juvenis;
- Oportunizar junto à dinâmica de formação e espiritualidade juvenil atividades esportivas, culturais, ações solidárias, expressões artísticas;
- Permitir espaços litúrgicos de silêncio e interioridade, sem apartar a espiritualidade missionária com a expressão jovem;
- Favorecer reflexivas e salutaras rodas de diálogo entre jovens sobre distintas realidades;
- Promover a contação de histórias, ofertar narrativas, obras, vídeos, *podcasts* edificantes;
- Proporcionar exemplos práticos e concretos aliados ao conhecimento da fé;
- Permitir o desenvolvimento das juventudes sem coibir

cada movimento, ou sem deixá-los à própria sorte;

- Aceitar que os jovens são efetivos formadores de outros jovens;
- Atuar na promoção das juventudes em cada espaço social e eclesial;
- Reconhecer que muitos possuem dores profundas e merecem tempos e espaços paulatinos para conectarem-se com a Igreja; outros talvez ingressem na Igreja quase que para substituir a sua família original;
- Aos jovens com certezas excludentes, trazer interrogativas; aos jovens com inseguranças de pertencimento, trazer afirmativas de vinculação. Sempre buscar a pedagogia tal qual Jesus com seus discípulos;
- Clarear a máxima agostiniana com jovens divergentes: no essencial a unidade, na dúvida a liberdade e, em tudo, a caridade;
- Buscar ser coerente com os princípios da fé cristã, visto que formar é também formar-se;
- Fortalecer a identidade discípula missionária da Igreja nos espaços de sua governança em que os jovens se desen-

volvem: escolas, hospitais, institutos, casas de acolhida, instituições de assistência; assim como nas estruturas paroquiais, seminários e demais instâncias de presença eclesial.

Esses são alguns breves tópicos que mereceriam ser esculpidos na dimensão ética-antropológica da Igreja, como cooperativos com o desenvolvimento juvenil integral e integrativo.

Alinhamentos ético-antropológicos

Cada jovem é um filho, um estudante, um trabalhador, um irmão, um sobrinho, um neto... um alguém constituído por muitos. O ser humano isolado é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida, uma vida em comum, afirma a fenomenóloga canonizada Edith Stein (2003). A herança comunitária também indica uma expressão forte do cristianismo. Mesmo que as famílias atuais nem sempre iniciem suas crianças e jovens na fé cristã, a Igreja como família divina e humana é herdeira de um patrimônio ético e antropológico a ser testemunhado na sociedade.

Na fé cristã, formar juventudes é fomentar o espírito comunitário caracterizado por uma inter-re-

lação e alternância: pessoa – comunidade – sociedade – humanidade – mundo natural, visando a uma ecologia integral em meio à era digital. O amor para ser amor *convive* e transcende tornando-se dom, ou seja, oferta de vida. Nunca aprisionado, nunca em fragmentos, como tantos jovens experimentam. Há uma revitalização necessária do soerguimento do amor cristão em meio aos jovens. Muitos não creem em bondade e/ou em sentimentos plenos e duradouros, não porque não aspiram, mas porque nunca o conheceram. Assim, não experimentam o tamanho de sua própria dignidade, tal qual nem sempre são conhecedores de seus direitos mais básicos.

Mediante a tudo isso, o fio condutor a se estabelecer em cada gesto eclesial deveria estar delineado pela prática do amor cristão. O amor ensinado e compartilhado na vida de Jesus: humano, por que divino. Esse amor com *status* sagrado é dirigido e integrado, enquanto sentido (*logos*), empatia (*pathos*) e ação de alteridade e solidariedade (*ethos*). É o amor que crê não somente em Deus, mas crê também no humano. Crê no jovem e, assim, investe no seu bem pleno. Estimula-o no entusiasmo (*en + theos*) de buscar a vida em abundância e não aceitar nada que lhe fira a dignidade.

Em meio às vicissitudes contemporâneas, impactados pelas velhas e novas guerras planetárias e dramáticas sociais, seja a Igreja a propagar a ética da esperança que revela o amor. Amor que coloca cada jovem no centro do processo (FRANCISCO, 2019), que sabe esperar nas existências juvenis sem anulá-las ou abandoná-las. Amor unitivo que confirma a interdependência entre as jovens gerações e toda a humanidade, visto que “Quando cai um jovem de certo modo cai a humanidade. Mas também é verdade que, quando um jovem se levanta, é como se o mundo inteiro se levantasse” (FRANCISCO, 2021a).

Diante de indicadores que nos alarmam, as perspectivas exigem o movimento eclesial de recuperação do direito e da dignidade juvenil em existir com investimentos: materiais, afetivos, relacionais, sustentáveis, espirituais. As juventudes são realidades epifânicas, nas quais a manifestação divina está presente. Ler os tempos é ler o que ocorre com os filhos deste tempo. O direito de existir, o direito à dignidade e mesmo em conhecer e optar pela fé cristã, é legítimo, porém, não se dará ao acaso. Exige planejamento pastoral diligente pautado no mirar atento e na dialógica que convida os jovens a assumirem seu papel na história da evangelização con-

temporânea. Se há o que afaste as juventudes da Igreja, há o que é capaz de alargar as portas dessa relação. A resposta neste tempo conflitivo passa pelo reencontro da ética do encontro, do cuidado e do amor ensinado e testemunhado por Cristo Jesus que não fecha os olhos às realidades.

Por fim, Jesus não pode, nem deve, estar ausente do anúncio cristão – por óbvio, não seria cristão; tampouco do testemunho – até porque seria incongruente. Diante dos jovens, a geração adulta necessita reencontrar sua função vital de esteio, orientação e impulsionamento. Frente às jovens gerações, o percurso é de (re) encontro com a identidade mais genuína do Evangelho do qual cada cristão é chamado a *ser* co-operador e cuidador desde o chão que pisa: social, eclesial, formativo e educativo.

Considerações que se tecem

Existir remete ao tornar-se, mostrar-se, revelar-se, “surgir para algo mais firme”, como traz sua etimologia latina, *existere*.

Como uma Igreja samaritana, a escuta, o discernimento, a ação de acompanhar as jovens gerações oportunizam um sopro novo para a vida social e eclesial, mas também garantem e promovem o engajamento juvenil partícipe da missão transmilênar da Igreja.

Contudo, é urgente o “primeirrear” em favor da existência, da inclusão e cura da dignidade das juventudes, visto que os indicadores sociais atuais apresentam o quão carentes estão de cuidado e diligência. Não é demais sinalizar que muitas esferas sociais vêm se furtando de seu papel na edificação de um mundo mais pleno para os jovens. Há um abismo que os impacta e, como Igreja, há de se atentar para esse fator paradigmático, a fim de reconstruir os espaços e os tempos: a começar por aqueles geridos pela própria instituição eclesial e que existem para que os jovens tenham vida e vida em abundância.

Há vozes juvenis que clamam no deserto dos dias atuais. Que o olhar sensível que o próprio Cristo direciona a cada discípulo missionário volte-se em ações imediatas aos filhos deste tempo.

Para dialogar em comunidade

1. Como a Igreja (diocese, paróquia, comunidade) acolhe as juventudes de hoje?
2. Há espaço para as atuais juventudes na Vida Religiosa Consagrada?
3. Em que precisamos mudar para acolher e fazer caminho com os/as jovens que buscam nosso modo de vida?

Referências

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**: Exortação apostólica pós-sinodal do santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para a 36ª Jornada Mundial da Juventude**. Roma, 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20210914_messaggio-giovani_2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a 37ª Jornada Mundial da Juventude 2022-2023**. Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20220815_messaggio-giovani_2022.html. Acesso em: 27 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz**. Roma, 2021b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

- RUFFINI, Paolo. **Rumo à presença plena**: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 5 jan. 2024.
- SECRETARIA GENERALIS SYNODI. Documento final da reunião pré-sinodal. *In*: ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 15., 2018, Roma. **Anais [...]**. Roma, 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/apresentacao-della-reuniao/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- SODANO, Angelo. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**: a João Paulo II mestre de doutrina social testemunha evangélica de justiça e de paz. Roma, 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 29 dez. 2023.
- STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. *In*: URKIZA, Julen; SANCHE, Francisco Javier (org.). **Obras completas**. Vitoria: Ediciones El Carmen, 2003. v. 4. p. 555-749.

QUEM NOS BUSCA E O QUE ENCONTRAMOS.

Alguns dilemas da pastoral vocacional.

Ir. Afonso Murad, marista¹

Resumo: O artigo apresenta de maneira breve algumas características da pastoral vocacional que vigorou por uns tempos até seu esgotamento. A seguir, delinea alguns traços dos vocacionados(as) que nos buscam. Por fim, sugere algumas iniciativas e procedimentos para nossa atuação junto às novas gerações de vocacionados e formandos.

Palavras-chave: Pastoral Vocacional, Novas Gerações, Recrutamento, Formação inicial.

Introdução

Causa-nos tristeza quando constatamos que grande parte dos Institutos de Vida Consagrada têm poucas vocações na formação inicial. Congregações que antes apresentavam um número admirável ou mesmo satisfatório de postulantes e noviças/os, hoje amargam casas vazias e poucos

vocacionados/as, que aparecem uma vez ou outra. A realidade da diminuição de vocações na Vida Religiosa comporta muitas causas entrelaçadas, nas quais se misturam, em diferentes graus, fatores culturais, sociais, eclesiais e do próprio instituto.

¹ Irmão Marista. Licenciado em Pedagogia, Bacharel em Filosofia e Doutor em Teologia. Professor na FAJE (Belo Horizonte). Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: amurad@marista.edu.br

Vamos identificar aqui alguns fatores, conscientes de que é somente um recorte, visando ajudar as pessoas que atuam na pastoral vocacional, na formação inicial e constituem as equipes de Animação e Governo da Vida Religiosa (Provinciais, Gerais e seus conselhos). Queremos esclarecer que não se trata de um artigo científico. Trata-se mais de um breve ensaio, baseado em nossa experiência coletiva como consagradas/os. Algumas afirmações nele contidos visam, sobretudo, provocar a reflexão e apresentar sugestões.

Da crise do passado à perplexidade do presente

Até as décadas de 1960-70, grande parte dos Institutos religiosos buscava vocações através de um “recrutamento”. Pessoas dedicadas a “pescar” vocações iam às cidades pequenas do interior do Brasil, nas quais prevalecia a agricultura familiar e os pequenos comércios. Procuravam crianças, adolescentes e jovens piedosos, no meio de famílias católicas convictas, que tinham muitos filhos.

No sul do Brasil predominavam os descendentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães. No norte e nordeste, a população branca e mestiça. Voca-

ções negras e indígenas eram raras, pois institutos de origem europeia as consideravam inaptas para a Vida Consagrada. Meninos e meninas iam para Seminários Menores, Juvenatos e outras casas de formação que antecediam o Noviciado. Ali frequentavam o Ensino Fundamental.

Com o tempo, viu-se que essa forma de captar vocações - e fazê-las entrar na instituição muito cedo - trazia mais problemas do que benefícios. Os resultados quantitativos e qualitativos eram pequenos. Por um breve período, surgiram vocações advindas de grupos de jovens e da pastoral de juventude, com certa identidade eclesial e senso de compromisso pastoral e social.

As mudanças culturais nos últimos anos foram muito rápidas e ainda continuam num impressionante processo de aceleração. Grande parte da população brasileira vive hoje em cidades grandes ou de porte médio. As famílias têm poucos filhos; o núcleo familiar apresenta diferentes formatos (Mãe *solo* com filhos, casais de segunda união etc); na mesma casa coabitam membros de diferentes igrejas e religiões; é fraco o senso de pertença religiosa. Nota-se uma precoce iniciação sexual dos adolescentes; proliferam casos ainda não revelados de

abuso sexual de crianças e jovens. Especialmente devido à Covid-19 e às suas consequências aumentam a ocorrência de depressão e de outros distúrbios psíquicos na população. Esse quadro sintético e incompleto poderia ser completado por uma série de outros fatores significativos, como a incremento da cultura virtual, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, a eclosão das identidades de gênero e de etnias, o envelhecimento rápido da população.

Tudo isso pode provocar em nós um sentimento de impotência e insegurança. Mas essa é a realidade da qual participamos, com suas belezas e limitações.

Alguns traços do perfil daqueles/as que buscam a VRC

Hoje, aquelas/es que nos procuram para eventualmente entrar na Vida Religiosa apresentam vários perfis. Apontaremos aqui alguns traços mais comuns e o que se exige de nós. Mas deve-se evitar uma generalização apressada. Nem todas as características estão presentes na mesma pessoa, ou na intensidade que aqui delineamos.

Entre os prováveis vocacionados/as predominam pessoas

adultas e jovens com idade mais avançada. Isso exige conhecer as experiências vividas por elas e eles e trazer à tona os elementos positivos e negativos de suas vivências. Há belas e até heroicas experiências de vida. E outras, traumáticas. Se no passado as assim chamadas “vocações tardias” eram raridade, agora elas se tornam numerosas. Alguns institutos, sabiamente, delimitam a idade máxima para alguém entrar no noviciado. Ora, precisamos de gente de faixa estaria com vigor e energia para levar à frente nossa missão.

Em vários lugares, há vocações vindas de realidades semiurbanas e suburbanas, de bairros populares, periferias e favelas. Elas não trazem consigo a experiência de contato com a terra e a natureza. Muitas delas passaram por situações graves de pobreza e carência. A adesão à VRC pode estar ligada à motivação inconsistente de ascensão social. De outro lado, se alguém assume suas origens sociais, pode “compreender por dentro” o mundo dos pobres pois é oriundo dele.

Algumas pessoas concluíram curso superior e já trabalharam em determinada profissão. Os promotores vocacionais devem levar em consideração tal fator, pois essas pessoas já exerceram

tarefas da vida adulta, assumiram responsabilidades e não podem ser “niveladas por baixo”, como adolescentes inexperientes.

Parece que a maioria das vocações masculinas já teve experiências sexuais, as mais diversas. Muitos estão marcados por relações homoafetivas e de bissexualidade. A visita frequente a conteúdo pornográfico no mundo virtual faz com que a mente deles esteja povoada por imagens eróticas, mas sem compromisso afetivo com nenhuma pessoa. Em ambos os sexos aparecem cada vez mais histórias de vida de pessoas que sofreram estupro e violência sexual, e tomam consciência disso quando passam por processo de acompanhamento. Exige-se coragem e cuidado para tratar dessas questões com os que nos procuram ou já estão entre nós. Em várias situações, o processo terapêutico com um/a psicólogo/a faz-se necessário. E esse deve ser conjugado com o acompanhamento espiritual.

Em maior ou menor grau, nossos vocacionados e vocacionadas compartilham o fato de que vivemos numa sociedade doente. Trazem muitas feridas. Por isso, o processo de iniciação à VRC tem uma dimensão sanante, de autoconhecimento, de cura e de integração pessoal. No entanto,

há situações de doenças psíquicas graves (esquizofrenia e outras psicoses) que inviabilizam a continuidade do processo vocacional. A ingenuidade, a falta de conhecimento e um desejo extremo de segurar as vocações, por parte dos consagrados/as, fazem com que pessoas desequilibradas permaneçam um bom tempo no nosso meio.

Infelizmente, constatamos a existência de comunidades religiosas cujo ambiente humano é doentio. Em vez de propiciar um ambiente saudável de crescimento humano e espiritual, acontece o contrário. Conviver com pessoas amargas, invejosas, pessimistas, com sintomas de enfermidades psicossomáticas, acentua as dificuldades de jovens e adultos fragilizados, que necessitam de um “ninho humano” para crescer.

A pastoral vocacional e a formação inicial não podem se limitar às questões psicológicas e da subjetividade. A pessoa se faz religiosa para seguir Jesus, servir a Deus conforme um carisma, evangelizar o Povo de Deus como aprendiz e missionária, e aprender a conviver com suas coirmãs/irmãos. Então, há que observar, estimular e avaliar, já na etapa vocacional, o compromisso eclesial da pessoa, a vivência comunitária e o itinerário espiritual.

Os jovens/adultos que nos procuram trazem consigo experiências religiosas diferentes. Em alguns, predominam elementos do jeito pentecostal de ser católico. Em poucos, a mística da Pastoral de Juventude, das CEBs e da “Igreja dos pobres”. Em outros ainda, a religiosidade tradicional, mesclada com práticas neoconservadoras. Por fim, há aqueles que já foram membros de outras igrejas e até religiões não cristãs. Os acompanhadores/as devem tratar dessa temática no processo de crescimento dos vocacionados.

Os vocacionados/as e formandos/as estão inseridos no mundo virtual. Passam várias horas do dia no celular. Participam de redes sociais como consumidores e produtores de informação. Postam imagens e vídeos. Seguem influenciadores digitais. Participam de grupos no WhatsApp. Estão marcados pela “cultura da imagem”, onde existe e tem importância somente aquilo que aparece. Devemos também nós entrar nesse ambiente, de forma equilibrada, para compreender os jovens e nos comunicarmos dessa forma. Uma sugestão: faça parte das redes sociais onde estão os vocacionados e formandos. Acompanhe suas postagens de fotos, comentários e vídeos.

As novas gerações apresentam maior sensibilidade para a beleza, seja aquela dos corpos, seja da natureza, da música, dos clips, da arte e do *design*. Há aí uma grande oportunidade para valorizar essas características, estabelecer pontes de contato, evangelizar e formar as consciências a partir desse horizonte cultural.

Os/as vocacionados/os que vêm dos movimentos pentecostais católicos, buscam experiência religiosa com forte impacto emocional. Acostumam-se a rezar com gestos. Valorizam a oração espontânea, a música e os gestos orantes. Podemos aprender com eles/as uma oração menos formal, onde o coração fala mais do que o intelecto. E devemos ensinar a rezar com a Palavra de Deus e ligar a espiritualidade com as questões sociais e ambientais.

Há uma minoria que busca na VRC a radicalidade do Evangelho. Essas pessoas gostam de ler, acompanham os escritos do Papa Francisco e se identificam com grupos progressistas na Igreja e na sociedade. Por isso também criticam, às vezes até de forma agressiva, as estruturas dos Institutos religiosos. Por vezes, elas não desenvolveram ainda a paciência para esperar as lentas mudanças. Devemos apoiar tais jovens e adultos e ajudá-los

a amadurecer suas expectativas. Alimentar suas esperanças, estimular que transformem suas ideias em práticas libertadoras junto dos pobres, conforme nossos carismas.

Como fazer promoção vocacional nesse contexto?

Sem a pretensão de ter uma resposta exaustiva às demandas dos diferentes perfis apontados acima, ousamos fazer algumas indicações:

- *A prática constante de ouvir e conviver.* Esse é o ponto de partida fundamental para acolher e estimular o crescimento humano, espiritual e vocacional de jovens e adultos que nos buscam.
- *Um acompanhamento mensal ou bimestral,* presencial ou online (para os que moram distante). Hoje as novas gerações precisam de pessoas de referência e de espaços para compartilhar seus desejos, sonhos e medos. Tal processo de acompanhamento não pode ser ocasional, e sim periódico. Os jovens e adultos que nos procuram não estão prontos, nem tem todas as características que almejamos neles. Temos a missão de oferecer-lhes oportunidades de crescimento. Além disso, o acompanhamento anos juda a distinguir o que a pessoa diz que está buscando e quais são suas buscas reais.
- *Alguns encontros vocacionais periódicos.* A formação de núcleos vocacionais, presenciais ou virtuais, fortalece o desejo de quem busca a VRC. Ele/a se sente parte de um grupo com motivações e expectativas semelhantes. Tal experiência é imprescindível para consolidar um futuro projeto de vida.
- *Se o/a vocacionado/a passou por outro Instituto Religioso ou seminário diocesano, é necessário um contato com seus ex-formadores,* conversar sobre suas características pessoais e a razão pela qual não foi aceito/a. Não há que temer tal procedimento.
- *Apresentação do carisma congregacional,* suas características, sua beleza e exigências. Alguns vocacionados se identificarão com o carisma. Outros perceberão que aí não é seu lugar e buscarão outro instituto.
- *Impulso ao compromisso pastoral* dos vocacionados na sua comunidade eclesial. Receber jovens e adultos que não tem o zelo de evangelizar parece

incoerente, pois somos consagrados para a missão. Já na animação vocacional é preciso incluir o compromisso pastoral como algo imprescindível.

- Iniciação à *prática da oração com a Bíblia*. A leitura orante da Palavra de Deus é mais importante do que a soma de muitas práticas devocionais.
- Constituição de ao menos *uma comunidade religiosa* cujo clima humano, espiritual e pastoral seja favorável à convivência com os jovens que nos procuram.

Conclusão aberta

É necessário que cada Instituto trace um perfil básico dos/as candidatos/as à VRC conforme seu carisma. E que esse perfil seja levado em conta nos processos de

discernimento vocacional. Mesmo com a escassez de vocações, não podemos aceitar qualquer pessoa para fazer parte de nossa família religiosas. A falta de critérios para admitir um/a jovem ou adulto/a produz um enorme desgaste e a perda do sinal profético e sapiencial da Vida Religiosa.

Na música “Coração de Estudante”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, se diz: “Há que cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”. Tal é a bela e desafiadora tarefa daquelas/es que se dedicam à pastoral vocacional e à formação inicial. Espera-se que cultivemos um olhar lúcido e amoroso em relação às novas gerações que nos buscam. E inspirados nas palavras de Jesus com os primeiros discípulos, digamos com humildade: “venham e vejam” (Jo 1,39).

Para dialogar em comunidade

1. Quais das características dos vocacionados/as apresentadas aqui mais se aproximam da sua realidade?
2. Que qualidades você vê nos jovens e adultos que nos procuram, que ainda não são valorizadas suficientemente por nós?
3. Das sugestões apresentadas para a pastoral vocacional, quais vocês já realizam? O que é necessário implementar?

**VRC E ENVELHECIMENTO:
CUIDANDO DE QUEM
GUIDA**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros Coração de
Jesus - Florianópolis, SC*

*De 16 a 21 de junho de
2024*

NA SINFONIA VOCACIONAL, NOTAS PARA O ACOMPANHAMENTO.

Ir. Maristela Ganassini¹

Resumo: A missão de acompanhar juventudes requer disponibilidade, prontidão, abertura, formação e o desejo de conhecer-se, para melhor conhecer e ajudar aqueles que serão o objetivo da nossa ação. Neste artigo são apresentadas reflexões e pistas para aqueles e aquelas que se lançam a este desafio. O título nos reporta ao desejo de vivermos nessa sinfonia, que preferencialmente espera-se uma afinação do processo pessoal com a proposta de Jesus Cristo, vivendo assim com intensidade a nossa vocação.

Palavras-chave: Juventudes; Acompanhamento; Abertura; Escuta.

Introdução

Muitas são as perguntas que nos vêm à mente quando pensamos em “perfil de quem acompanha”. Será que é possível definirmos um perfil? Como podemos afirmar que existem características que constituem a personalidade de quem conduz processos?

Estamos preparados para acompanhar? Quem queremos acompanhar? Somos capazes de nos deixar acompanhar?

Este breve artigo quer nos levar à reflexão destas e de outras questões que pretendem favorecer no trabalho com os jovens, na

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Assessora do Setor Juventudes, Vocações e Partilha de Carismas da CRB Nacional. E-mail: sav.juventudes@crbnacional.org.br

nossa missão de sermos, de fato, acompanhadores, que tornam os jovens protagonistas da sua própria história.

Apontaremos algumas pistas que poderão auxiliar a sermos seres humanos melhores e qualificados para realizar nossa missão junto às juventudes.

O Projeto Pessoal de Vida

Você pode estar se perguntando: falar de Projeto Pessoal de Vida (PPV) faz parte do perfil de quem acompanha? Sim! Quem se dispõe a acompanhar precisa ter clareza de onde quer chegar, traçar suas metas, ter suas estratégias de como alcançá-las e a coragem de revisitar periodicamente.

Por isso, está em primeiro lugar na nossa descrição, pois essa é uma virtude de pessoas totalmente humanas, que também buscam incansavelmente o seu crescimento e fortalecimento.

Vale salientar que ter um PPV nem sempre nos dá garantia de acertos plenos. Muitas vezes teremos que nos retomar, dar novos direcionamentos e ter a coragem de recomeçar. Isso será facilitado, sem sombra de dúvidas quando tudo estiver registrado.

É importante revisitar o Documento Final do Sínodo dos Bispos para as Juventudes, quando

a necessidade de ter um Projeto Pessoal de Vida é enfatizada para os jovens. Tal apelo pode ser, sem dúvida, estendido a cada um e cada uma que acompanha as juventudes:

Como fase do desenvolvimento da personalidade, a juventude está marcada por sonhos que se vão formando, relações que adquirem consistência sempre maior e equilíbrio, tentativas e experiências, opções que constroem gradualmente um projeto de vida. Nesta época da vida, os jovens são chamados a lançar-se para diante, mas sem cortar com as raízes, a construir autonomia, mas não sozinhos. (DF, n. 65).

Alinhar o Projeto de Pessoal de Vida é como a orquestra que afina os instrumentos, antes de uma apresentação, para que possamos ter uma sinfonia que demonstre sua eficiência e eficácia. Portanto, todas as fases da vida precisam desse olhar atento e um PPV pautado, que não isenta ninguém, nenhuma faixa etária ou etapa formativa.

A escolha...

Se precisamos cautelosamente escrever o PPV, com mais atenção ainda precisa ser feita a escolha de quem será o animador/formador/acompanhador, para que de

fato tenhamos uma sinfonia, onde afinamos nosso compasso em conjunto.

Como fazemos em nossas realidades essa escolha ou indicação? É animador vocacional/ formador porque não tinha outra pessoa... ou ainda, é animado, toca violão, canta, é jovem, tem dinamismo. São características que podem ser levadas em consideração, porém, não podemos ficar apenas nessa superficialidade.

É importante ter critérios claros sobre quem exercerá essa missão. Entre eles a maturidade, formação adequada, desejo de constante de crescimento, bem como o acompanhamento constante dos responsáveis.

Os indicativos que seguem, podem ser uma iluminação para o alinhamento do perfil das pessoas que estarão à frente dessa missão. Vale registrar que são seres humanos e precisam também ser cuidados, acompanhados e fortalecidos em nossas comunidades.

A escuta atenta

Vejamos o que o Papa Francisco descreve como importante quando precisamos ajudar alguém na sua vida e caminhada. “Quando cabe ajudar o outro a discernir o caminho da sua vida, a primeira coisa a fazer é escutar.”

(CV, n. 291) Se partirmos dessa premissa, essa poderá ser considerada a primeira característica para aqueles que estão dispostos a trilhar o caminho do amadurecimento pessoal que leva, na sequência, a contribuir com o outro.

Escutar é ouvir com atenção, interpretando e assimilando, estar consciente e atento ao que está ouvindo. Escutar é compreender e processar a informação que está sendo recebida.

Nas falas de Jesus, encontramos inúmeros exemplos de escuta atenta e profunda: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.” (Mt 13, 9); “Felizes são aqueles que ouvem a Palavra de Deus,” (Lc 11, 28). Para Jesus, o escutar estabelece a verdadeira relação entre os seguidores e a Sua pessoa, pois “Aquele que ouve a minha Palavra e a põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha” (Mt 7,24).

Maria pode ser outra fonte inspiradora para o aprofundamento desta qualidade. “Escutar a juventude leva a perceber o poder irradiador e a força de um “sim” ao chamado de Deus, como aquele pronunciado pela jovem Maria, mãe do Salvador. Leva à empatia, ao envolvimento, à solidariedade e fraternidade com os e as jovens de todos os povos.” (TBAV, 116).

Encontramos ainda a importância da escuta profunda, nos fundadores de nossas congregações, nos santos proclamados pelas igrejas, nos líderes de nossa atualidade que deixam legados da importância da escuta. Escutar atentamente, sem pressa e até o final, eis um dos segredos desta virtude.

Por fim, relembramos o que diz Papa Francisco: “Pela escuta da juventude apreendemos algo da eterna jovialidade de Deus e nos abrimos àqueles que podem melhor ajudar a que nossas vidas e instituições não envelheçam, ao contrário, se renovem.” (CV, 13)

É somente com o coração que podemos ver corretamente...

Este segundo item, para compor nosso roteiro do perfil de quem acompanha, é inspirado no Pequeno Príncipe (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p. 88), e traz consigo várias características. Abertura, amabilidade, integridade, criatividade, perseverança, a “convicção e amor pela própria vocação, pois o testemunho de vida é mais eficaz que as palavras” (FRANCISCO, 2017, p. 48).

Ao considerarmos a abertura como uma qualidade importante, vemos que, no dia a dia, a pessoa

tende a levar em consideração as emoções ao tomar decisões e, ao agir pode atribuir grande importância aos sentimentos. Movida pela emoção, engaja-se em atividades, mesmo que não sejam do seu conhecimento, sem resistências diante de mudanças na rotina, podendo manter uma postura receptiva para realizar tarefas de maneira diferente do que é habitual.

Por sua vez a amabilidade, nos reporta ao que escreve o Papa Francisco na Fratelli Tutti, quando nos alerta sobre o cuidado com o individualismo e conclama dizendo: “ainda é possível optar pelo cultivo da amabilidade; há pessoas que o conseguem, tornando-se estrelas no meio da escuridão.” (FT, n. 222).

Ao abrir o coração e fazer a experiência, primeiro do amor a Deus, nos tornamos pessoas mais dóceis e com facilidade de amar os outros: A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os outros, para dizer “com licença”, “desculpe”, “obrigado”. (FT, n. 224).

A amabilidade é um pré-requisito básico para uma relação amável e respeitosa com aquele que estará sob a nossa responsabilidade de cuidado e acompanhamento.

A integridade, por sua vez, ajuda no processo de honestidade consigo mesmo e com o outro, não só por falar a verdade, mas por viver sua vida de forma genuína e autêntica.

Outra característica importante é a perseverança, o esforçar-se para terminar o que foi começado. Independente do projeto, do trabalho, a pessoa perseverante vai até o fim, mesmo quando se sente cansado, desolado. Como nos diz o Papa Francisco

devemos perseverar no caminho dos sonhos. Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando às pressas. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros; devemos, sim, ter medo de viver paralisados, como mortos ainda em vida, sujeitos que não vivem porque não querem arriscar, não perseveraram nos seus compromissos ou têm medo de errar. Ainda que erres, poderás sempre levantar a cabeça e voltar a começar, porque ninguém tem o direito de te roubar a esperança. (CV, n. 142).

O empenho na perseverança é necessário para qualquer pessoa que media e acompanha processos. Ela necessita “ter um grau razoável de maturidade, equilíbrio emocional, autoconhecimento, autoaceitação, autoestima positiva (...) emocionalmente estável, que vive um sentido existencial...” (DOMINGUEZ PRIETO, 2020, p. 21).

Capacidade de ‘fazer-se próximo’

Se conseguires apreciar com o coração a beleza deste anúncio e te deixares encontrar pelo Senhor; se te deixares amar e salvar por Ele; se entrares na sua intimidade e começares a conversar com Cristo vivo sobre as coisas concretas da tua vida, esta será a grande experiência, será a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. (CV, n. 129).

A dica preciosa do Papa Francisco nos ajuda a perceber a importância de caminharmos lado a lado, estarmos juntos e próximos das juventudes. Para isso, precisamos dar atenção especial às suas realidades e abertura para conhecê-las, compreendê-las e trabalhar com eles.

Para vivenciar esta característica, faz-se necessário levar em

consideração as emoções, especialmente ao tomar as decisões e na execução daquelas atividades que exigem maior foco e atenção. Como nos lembra o Papa Francisco, é preciso “amadurecer, crescer e organizar a própria vida sem perder aquela atração, aquela abertura ampla, aquele fascínio por uma realidade que cresce sem cessar. Em cada momento da vida, podemos renovar e fazer crescer a nossa juventude.” (CV, n. 16). É um processo constante de abertura, amadurecimento e fortalecimento de nossa humanidade.

Preparar para o acompanhamento dos jovens

Com este reconhecimento e essa preocupação do Papa no Sínodo, pode-se sinalizar outra característica extremamente importante: a capacidade de acompanhar. Para isso, faz-se necessário estar disposto a conhecer a realidade juvenil, para assim acompanhá-la: “Acompanhar de modo especial os jovens que se apresentam como potenciais líderes, para poderem formar-se e preparar-se.” (CV, n. 245).

O verdadeiro acompanhamento consiste em dedicar tempo, respeitar o tempo da outra pessoa, fazer o processo lado a lado, estar

ou ficar junto, constantemente conviver ou compartilhar situações e experiências. É assumir o compromisso de fazer caminho ao lado do acompanhado, respeitá-lo, conhecer sua história, sua família, seus desejos, o contexto em que vive. Requer dedicação, empenho, comprometimento e muita oração.

Acompanhamento eficiente e eficaz

Para que o acompanhamento seja eficiente e eficaz são necessárias a escuta, a paciência, a firmeza, o respeito à individualidade e à história de vida, o cultivo espiritual, a prontidão e a abertura a graça divina. O papel de quem acompanha não é gerar dependência e estagnação, mas ser companheiro de caminhada, ajudando sempre mais a pessoa a firmar-se e andar com os próprios pés.

Para ser um autêntico acompanhador, faz-se necessária uma profunda experiência de Deus e o cultivo diário da espiritualidade, ouvindo atentamente os apelos que Deus lhe faz. É indispensável ter como base o Evangelho assim como escreve São João: “não procuro fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou”. (Jo 5, 30b). Outra condição

fundamental do acompanhador é que ele realmente ame a pessoa do orientado.

Podemos avançar um pouco mais e contemplar outras possibilidades para aperfeiçoar nossa maneira de conduzir a caminhada de olhar cuidadosamente aqueles que estão sob a nossa responsabilidade de acompanhamento. Conforme o Papa Francisco, há outras qualidades nas quais se necessita apostar:

As qualidades do acompanhador incluem: ser um autêntico cristão comprometido com a Igreja e com o mundo; que busque constantemente a santidade; que compreenda sem julgar; que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza; que seja bondoso e consciente de si mesmo; que reconheça seus limites e que conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual implica. Uma característica especialmente importante em um acompanhador é o reconhecimento da própria humanidade. Que são seres humanos que cometem erros: pessoas imperfeitas, que se reconhecem como pecadores perdoados”. Os acompanhadores não deveriam levar os jovens a ser seguidores passivos, mas sim a andar ao seu lado, deixando-os ser protagonistas do próprio caminho. Devem respeitar a liberdade que o jovem tem em seu processo de discernimento e oferecer-

-lhe ferramentas para fazerem o melhor. [...] todos esses acompanhadores deveriam beneficiar-se de uma boa formação permanente. (CV, n. 246).

Aqueles que acompanham necessitam vivenciar uma profunda espiritualidade, buscar formação adequada para auxiliar a pessoa que pretende acompanhar no processo personalizado de forma coerente e ética.

No Documento de Aparecida ressalta-se “que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada”. Para realizar esse acompanhamento o documento aponta que sejam capacitados “aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros”. (DAp, n. 282).

Capacidade de dizer não

Essa talvez seja a característica mais exigente. Desenvolver a capacidade de dizer “não”, é uma das melhores formas de autocuidado, pois com ela criamos espaços na agenda, envolvemo-nos em atividades que realmente se alinham aos nossos objetivos, estabelecemos limites, tornamo-nos mais autônomos.

Ter clareza de nossa missão é fundamental para estabelecer diálogos sem rodeios ou duvidosos, es-

pecialmente nos momentos em que são necessários encaminhamentos mais profundos e exigentes.

Pessoas que dizem “sim” para tudo, não crescem, não amadurecem e não se fortalecem para os desafios da vida. Uma vez que são estabelecidos limites, ganha-se respeito e credibilidade, pois é demonstração de que também sabemos respeitar os limites das outras pessoas.

Em síntese

Aquele que deseja acompanhar precisa desenvolver inúmeras qualidades e buscar sempre aprimorar-se para melhor realizar sua tarefa de maneira saudável, madura e que gere confiança.

Ousamos, de forma sucinta, elencar mais algumas características:

- **Autoconhecimento:** Aquele que não trilha um caminho de conhecer-se profundamente, acompanhado do autocuidado, terá dificuldades em auxiliar outros. Vale fazer memória do filósofo Sócrates, com uma das suas mais conhecidas frases: “Conhece-te a ti mesmo”.
- **Espiritualidade:** coerência acerca dos propósitos e significativa experiência de Deus capaz de influenciar positivamente nas ações e sendo uma fonte de conforto pessoal e comunitária.
- **Perdão:** Consegue perdoar e estabelecer gestos de perdão, dando oportunidades, agindo com misericórdia.
- **Esperança:** Espera sempre o melhor do futuro e esforça-se para alcançá-lo. Acredita que sempre é possível um mundo melhor.
- **Trabalho em equipe:** Capaz de compartilhar atividades com outros, tornando-se membro leal e dedicado, fazendo sempre a sua parte para melhorar o todo.
- **Liderança:** Desenvolve a capacidade de liderar, encorajando as pessoas para realizar suas tarefas, mantendo harmonia e fazendo com que todas se sintam incluídos.
- **Prudência e discernimento:** Pensa muito bem antes de tomar qualquer decisão. Tem cuidado nas escolhas e naquilo que vai dizer.
- **Amor ao aprendizado:** Ímpeto de buscar coisas novas, quem com auxílio externo ou mesmo nas suas buscas pessoais, considerando que em qualquer situação existe uma oportunidade para aprender.
- **Humildade:** Não se coloca no centro, procurando através do seu testemunho ajudar aqueles que estão ao seu redor.

- **Gratidão:** Tem consciência e um coração agradecido pelas pequenas e simples situações que o cercam, procurando sempre ter tempo para agradecer a Deus e as pessoas.
- **Generosidade:** Carrega em si gestos de bondade e alarga seu coração de forma generosa a prestar um serviço ou apoio a quem precisar.
- **Humor:** Cultivar o senso de humor, faz com que olhe para as coisas positivas que estão ao seu redor. Façamos como o Papa Francisco, rezemos diariamente a oração do bom.
- **Leveza:** Conduz com clareza e acima de tudo leveza, especialmente diante das situações mais complexas.

Para concluir

Iniciamos com algumas perguntas. Vale agora refazermos o caminho e incluímos outras

questões: Quais características preciso desenvolver? Aqueles que te conhecem, como definiriam teu perfil? Quem você acompanha como te vê? A partir disso, vale visitar seu Projeto de Vida e assumir novos compromissos que te levem ao engajamento para ser ainda melhor na arte de estar com as juventudes, ser presença e testemunho, pelo teu jeito simples e próximo.

Finalizamos, convidando à reflexão a partir da inspiradora frase do Chapeleiro Maluco para Alice no país das maravilhas: “O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. E, então, só então estarás no país das maravilhas”. (ALICE..., 2010). Rodeando-nos de tantas qualidades que poderão nos ajudar a crescer a amadurecer poderemos fazer sorrir o coração daqueles que serão acompanhados.

Para dialogar em comunidade

1. Quais as principais características dos jovens com os quais convivemos? Quais delas mais nos desafiam?
2. Assim como as mudanças que acontecem externamente, muitas são as mudanças internas, nossas transformações e amadurecimentos. É possível dizer que alguém está preparado para um processo de acompanhamento?
3. Talvez a parte mais difícil do acompanhamento ocorre na medida em que precisamos lidar com as perdas e as frustrações. Como encaramos e trabalhamos essas questões?

Referências

- ALICE no País das Maravilhas. Tim Burton. Walt Disney Productions, , 2010.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB, 2007.
- CNBB. **Vocação: Graça e Missão** - Texto Base. Brasília: CNBB, 2022.
- DOMINGUEZ PIETRO, Xosé Manuel. **A arte de acompanhar**. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Documento Final. Carta aos jovens. Assembleia Geral Ordinária**. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo, Paulus, 2017.
- FRANCISCO, Papa. **Documento Preparatório XV Assembleia Geral Ordinária**. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo, Paulinas, 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a fraternidade e Amizade Social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- SAINT-EXUPERY, Antoine. **O Pequeno príncipe**. São Paulo: Faro, 2020.

O PROJETO DE VIDA E A VOCAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: UM ENCONTRO DE SIGNIFICADOS E CAMINHOS.

Renato Correia Santos¹

Resumo: O presente trabalho se concentra na análise do Projeto de Vida como uma ferramenta fundamental no processo de discernimento vocacional para a Vida Religiosa Consagrada. Utilizando uma abordagem de pesquisa bibliográfica, o estudo explora como a concepção e a reflexão sobre o Projeto de Vida podem desempenhar um papel crucial em ajudar jovens a compreenderem e abraçarem sua vocação religiosa de maneira mais consciente e significativa. A revisão da literatura revela uma série de aspectos relevantes, demonstrando que o Projeto de Vida é um componente-chave no acompanhamento vocacional e formação de religiosos. Ele pode influenciar significativamente as decisões vocacionais, contribuindo para uma compreensão mais profunda do chamado religioso e para o desenvolvimento espiritual dos indivíduos envolvidos. Este estudo pretende buscar, assim, maior compreensão do processo de discernimento vocacional à vida religiosa, enfatizando a importância do Projeto de Vida como uma valiosa ferramenta nesse contexto, capaz de orientar e fortalecer aqueles que desejam dedicar sua vida à vida religiosa consagrada.

Palavras-chave: Projeto de Vida; Vocação; Vida Religiosa Consagrada.

¹ Graduado em Direito em Filosofia. Pós-graduando em Juventudes e o Mundo Contemporâneo. Endereço para contato: renatocorreia36@gmail.com

Introdução

No universo do discernimento vocacional e na busca por um propósito existencial, o conceito de projeto de vida se ergue como um farol orientador. Este projeto, individual e singular, delineia não apenas metas e conquistas, mas, acima de tudo, molda a trajetória e o sentido da existência humana. Nesse contexto, a relevância de se trilhar um projeto é inegável, especialmente quando contextualizado no âmbito do discernimento vocacional, uma jornada íntima em direção à descoberta do chamado pessoal.

No entrelaçamento desses temas, emerge a Vida Religiosa Consagrada (VRC) como uma expressão intrínseca desse discernimento. Presente em diversas tradições religiosas, a vida consagrada transcende os limites da experiência individual e se enraíza profundamente na história e nos valores dessas tradições. Seja na busca da harmonia espiritual, na entrega ao serviço humanitário ou na contemplação da divindade, a vida religiosa consagrada assume papéis multifacetados, enriquecendo o panorama espiritual da humanidade.

Este artigo propõe uma análise da interseção entre o projeto de vida e a vocação à VRC, exploran-

do a relevância e as implicações desse encontro de significados. Os objetivos deste trabalho consistem em investigar as dinâmicas do projeto de vida no horizonte do discernimento vocacional e analisar como esses elementos se entrelaçam, influenciam e enriquecem mutuamente. A estrutura deste artigo será delineada mediante uma revisão teórica sobre o projeto de vida e o discernimento vocacional, seguida por uma análise contextual da VRC, culminando na análise comparativa desses elementos e suas interações.

Através desta jornada investigativa, busca-se lançar luz sobre a complexidade e a profundidade desses temas, contribuindo para a compreensão mais ampla de seus papéis no discernimento pessoal de cada indivíduo.

Navegando a jornada da autodescoberta e realização pessoal

O conceito de projeto de vida transcende à mera formulação de metas ou planejamento estratégico. É a personificação das aspirações, valores e trajetórias individuais. É um mapa interno que não apenas direciona ações, mas também reflete identidade, desejos e propósitos.

Nessa visão, o projeto de vida é principalmente um plano biográfico no qual alguém molda sua própria perspectiva sobre si mesmo e sua jornada, formando sua identidade pessoal (CRUZ; CORREIA, 2018). Ao planejar o que será feito no futuro, simultaneamente planeja-se também quem se tornará (LECCARDI, 2005, p. 36). Além disso, tal itinerário pode ser interpretado como uma seleção subjetiva entre diversos “futuros virtuais” viáveis, onde se destilam objetivos realizáveis a partir das fantasias e desejos subjacentes, todos eles definidos por um claro horizonte temporal (LECCARDI, 2005, p. 46).

Em sua essência, um projeto de vida representa a síntese única de quem se é e quem se busca ser. É uma jornada singular e contínua permeada por ambições, talentos, valores e objetivos. Ele abarca não somente conquistas materiais, mas também o equilíbrio emocional, o crescimento pessoal e a plenitude espiritual.

Os elementos fundamentais que constituem um projeto de vida abrangente são múltiplos e interligados. O autoconhecimento surge como o alicerce primordial, demandando uma profunda imersão na própria essência. Reconhecer virtudes, limitações, valores arraigados e aspirações é o ponto

de partida para a construção desse projeto.

Vista como um processo, a construção de um projeto de vida “proporciona ao indivíduo a oportunidade de estruturar sua própria história, aprofundar o autoconhecimento, compreender o contexto em que está inserido e traçar planos” (CANESCHI, 2018, p. 80).

A reflexão pessoal, aliada ao autoconhecimento, desempenha um papel crucial na definição de metas e na elaboração do caminho a percorrer. Ao contemplar suas experiências, o indivíduo identifica padrões, compreende seus pontos fortes e áreas de crescimento, e assim delineia objetivos alinhados com sua essência mais autêntica.

A definição de metas pessoais claras e significativas constitui outro pilar essencial. Esses objetivos variam em amplitude e natureza, abrangendo desde conquistas profissionais até aspectos relacionados à saúde, relacionamentos e bem-estar emocional. São eles que dão forma ao trajeto que escolhem seguir.

É inegável a importância do autoconhecimento e da reflexão pessoal na construção de um projeto de vida robusto. São processos que permitem não apenas compreender as motivações in-

trínsecas, mas também ajustar as rotas à medida que amadurecem. A auto avaliação contínua clareia os propósitos e fortalece a resiliência diante das adversidades.

É crucial admitir que, nesse campo de possibilidades, os indivíduos ocupam diferentes e desiguais posições, com recursos igualmente variados, a partir dos quais constroem e realizam seus projetos de vida em contextos sociais e históricos específicos. Os projetos individuais resultam de negociações, interpretações e avaliações pessoais, enraizadas na realidade, dado que a forma como vivem é moldada pelas circunstâncias sociais. Cada escolha humana é influenciada por variáveis societárias que moldam caminhos individuais, mas não se trata de determinismo absoluto, no qual as pessoas estão simplesmente predestinadas a repetir as condições culturais e sociais existentes. Existe, sim, uma capacidade de agência, embora seja essencial considerar as possibilidades e desafios impostos pela realidade na qual os jovens são inseridos e socializados (DURAU; CORREIA, 2020, p. 22)

Assim, um projeto de vida é mais do que um planejamento estático. É uma narrativa dinâmica e pessoal. É a expressão tangível de valores mais profundos,

traçando o curso para uma vida alinhada com as convicções e desejos íntimos de cada indivíduo. O autoconhecimento e a reflexão são ferramentas que, quando cultivadas, capacitam o processo educativo-consciente do próprio destino, na busca da realização pessoal plena.

Explorando abordagens e relações essenciais

Discernimento vocacional na VRC é um processo de profunda reflexão e busca interior. Envolve a exploração íntima de chamados espirituais, a compreensão dos desejos mais profundos e a busca pela vontade divina. De acordo com Cabarrús (1991, p.16), o discernimento é uma jornada pessoal e corajosa de se permitir ser conduzido.

A VRC exige um discernimento cuidadoso, muitas vezes orientado por práticas espirituais. A oração e a meditação desempenham um papel fundamental, permitindo uma conexão direta com a espiritualidade e uma compreensão mais clara dos chamados internos.

Os orientadores espirituais desempenham um papel crucial nesse caminho, guiando aqueles que buscam clareza e compreensão vocacional. Eles oferecem direção, ajudam a interpretar sinais e

exploram questões fundamentais no discernimento. Encontrar pessoas dispostas e disponíveis para ajudar nessa jornada formativa é essencial na busca pelo significado da vida e na realização de um projeto pessoal. Segundo Vitório, o formador deve adotar posturas adequadas ao se relacionar com os indivíduos em formação, pois cada um representa um mistério. É durante esse processo que se abre a oportunidade para entender o mundo interior do outro. O papel do formador é facilitar esse processo de crescimento humano, vocacional e espiritual, conhecido como ascese (VITÓRIO, 2008, p. 79).

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (2019), Papa Francisco dedica um capítulo inteiro ao discernimento vocacional, incluindo a vocação religiosa consagrada. Ele afirma que o discernimento é um processo longo e gradual, que deve ser guiado pelo Espírito Santo (CV, n. 257).

Na jornada da VRC, o Pontífice destaca três interações essenciais que delineiam essa vocação profunda. Primeiramente, enfatiza a relação fundamental com Deus, onde o discernimento começa a partir de um encontro íntimo com o Divino, exigindo uma vida de oração e proximidade genuína

para ouvir Sua orientação (CV, n. 258).

Além disso, ressalta a importância da relação com a Igreja como aspecto central dessa vocação, exigindo profunda integração na comunidade eclesial para contribuir ativamente com sua missão e valores (CV, n. 259).

Por fim, destaca a relação crucial com a comunidade religiosa, sublinhando a natureza coletiva desse estado de vida e a necessidade de compreender e viver essa dinâmica comunitária para discernir o chamado de Deus a viver e servir nesse contexto (CV, n. 260).

Essas três relações - com Deus, com a Igreja e com a comunidade religiosa - formam os alicerces da VRC, oferecendo guia e direção aos que aspiram trilhar esse caminho de entrega e devoção.

O discernimento vocacional na VRC também envolve a análise minuciosa das habilidades, talentos e inclinações pessoais. Isso é combinado com uma avaliação cuidadosa dos princípios e valores da fé, permitindo uma compreensão mais profunda da compatibilidade entre a vocação proposta e a identidade individual. Um projeto não se constrói instantaneamente, tampouco é algo pré-determinado. É uma necessidade que emerge à medida que percorremos o cami-

nho e elucidamos o ideal de vida (SCIADINI, 2006, p. 171).

Há uma ligação intrínseca entre o projeto de vida e o discernimento vocacional religioso. O projeto de vida pessoal, baseado em aspirações, valores e visão de mundo, serve como um guia para determinar a adequação da vocação proposta. Esse alinhamento é fundamental para uma vivência autêntica e satisfatória da VRC (SCIADINI, 2006, p. 172).

É essencial compreender que o discernimento vocacional não é um processo estático. Ele é dinâmico e contínuo, sujeito a novas experiências, aprendizados e desafios que podem influenciar e moldar a compreensão da vocação ao longo do tempo.

Em resumo, o discernimento vocacional na VRC é uma jornada que requer reflexão profunda, orientação espiritual e análise cuidadosa dos aspectos pessoais e espirituais. É um processo dinâmico, enraizado na busca pela vontade divina e na integração do chamado espiritual com a identidade individual.

Ferramentas e estratégias

Discernir a vocação para a VRC é um caminho complexo e profundo, onde ferramentas e estratégias se entrelaçam para iluminar e dar clareza ao projeto

de vida de cada indivíduo. Este processo não é apenas uma escolha profissional ou simplesmente responder “o que se quer fazer na vida?”, mas uma jornada de autoconhecimento, entrega e busca por um sentido maior.

Uma vez que o/a candidato/a tenha discernido sua inclinação à VRC, o Projeto de Vida se torna uma ferramenta prática para o planejamento de sua jornada. Isso inclui o discernimento de uma ordem religiosa que atende seu desejo de se colocar como seguidor ou seguidora de Jesus, a preparação espiritual e o estabelecimento de metas específicas a esta vocação.

Esta decisão é crítica, uma vez que diferentes ordens religiosas possuem carismas, missões e estilos de vida distintos, e o Projeto de Vida contribui no discernimento dessa escolha.

No livro "A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa", Vitório (2008) aborda o tema do discernimento vocacional a partir de uma perspectiva pedagógica. Para ele, o discernimento é um processo de aprendizagem que acontece ao longo da vida e que deve ser acompanhado por um formador experiente.

Vitório propõe uma metodologia robusta para orientar o discer-

nimento vocacional, fundada em três pilares essenciais. Primeiramente, destaca a importância do autoconhecimento, instando os interessados a compreender suas habilidades, valores e trajetória pessoal. Em paralelo, ressalta a necessidade de familiarização com a vida religiosa, abrangendo a espiritualidade, a missão e a estrutura da congregação em consideração. Por fim, mas crucialmente, destaca a busca pelo conhecimento de Deus e o discernimento do chamado divino na própria vida (VITÓRIO, 2008, p. 19).

Para facilitar esse processo, o autor oferece ferramentas práticas. Sugere, em primeiro lugar, a reflexão pessoal como uma pedra angular, incentivando a oração, meditação e reflexão pessoal. Além disso, aponta a importância do diálogo com um formador experiente, alguém capaz de auxiliar na compreensão da vocação e na tomada de decisões. Por fim, enfatiza a necessidade de vivências práticas na vida religiosa, permitindo ao interessado uma experiência concreta e palpável desse estilo de vida (VITÓRIO, 2008, p. 261).

O discernimento vocacional para a VRC é um processo profundo e heterogêneo que envolve diversas áreas do conhecimento humano. Nesse sentido, a inte-

gração de pedagogia, psicologia, filosofia, teologia e acompanhamento aparecem como instrumentos para ajudar os indivíduos a compreenderem e desenvolverem seu projeto de vida nesta vocação específica.

A pedagogia desempenha um papel crucial, pois oferece métodos e estratégias para a aprendizagem e o crescimento pessoal (DAYRELL, 2016). Ao aplicar princípios pedagógicos, é possível criar ambientes de formação que estimulem a reflexão, a autoconsciência e o desenvolvimento das habilidades necessárias para a vida consagrada.

Aliada a isso, a psicologia fornece *insights* valiosos sobre a mente humana, ajudando os indivíduos a explorarem suas motivações, medos, desejos e a lidarem com desafios emocionais durante o processo de discernimento. Compreender aspectos como a personalidade, as experiências passadas e as dinâmicas emocionais auxiliam na tomada de decisões conscientes e maduras (RAMÍREZ, 2013, p. 137).

Já a filosofia oferece ferramentas para a reflexão profunda sobre questões existenciais, valores e propósito de vida (LIMA VAZ, 2000). Ela estimula o pensamento crítico e a análise racional, fundamentais para a compreensão da

vocação religiosa consagrada em um contexto mais amplo.

Por fim, a teologia desempenha um papel central, fornecendo um arcabouço conceitual e espiritual para a compreensão da fé, espiritualidade e chamado divino. Ela permite que os indivíduos mergulhem nos ensinamentos religiosos, compreendendo a natureza da vida consagrada e sua relação com a missão da comunidade religiosa (CABARRÚS, 1999, p.18)

Além disso, vale ressaltar que o acompanhamento por parte de orientadores espirituais qualificados é essencial. Esses acompanhantes oferecem suporte, orientação e discernimento ao longo do caminho, ajudando os aspirantes a integrarem as diferentes dimensões do discernimento vocacional e a tomar decisões informadas e alinhadas com sua vocação e chamado interior.

Essa jornada não é estática. O projeto de vida é um trabalho em constante evolução. É um ciclo contínuo de planejamento, execução, avaliação e ajustes, sempre visando a realização pessoal, a felicidade e atuação no mundo.

É crucial destacar que essa metodologia é altamente flexível, permitindo adaptações de acordo com as necessidades individuais de cada pessoa. Contudo, a presença de um formador experiente

é tida como fundamental, oferecendo suporte e orientação ao longo do processo de discernimento, que não só delinea um caminho, mas também encoraja uma busca consciente e aprofundada na compreensão de si mesmo, da vida religiosa e da relação com o divino (VITÓRIO, 2008, p. 90).

Neste contexto, o projeto de vida é identificado como basilar. É a construção consciente de um propósito que se alinha com a espiritualidade e o serviço. A metodologia adotada abraça a introspecção, a reflexão e a oração como pilares para a compreensão do chamado divino.

O sentido de vida e a busca pela felicidade se entrelaçam nesse processo. Encontrar significado na entrega ao serviço divino e à comunidade é a essência da vocação religiosa. A felicidade, então, se manifesta na vivência desse propósito, na paz interior encontrada ao seguir esse chamado e na contribuição para um bem maior (RAMOS, 1994, p. 91).

Essa jornada de discernimento vocacional é um convite à descoberta de si mesmo em uma relação mais profunda com Deus, onde as ferramentas e estratégias se unem para iluminar o caminho em direção a uma vida de propósito, serviço e plenitude.

Desafios e considerações éticas

O discernimento vocacional, uma jornada profundamente pessoal e espiritual, dá-se em desafios complexos e variados. A busca pela compreensão do propósito de vida e da vocação específica enfrenta barreiras que vão desde questões internas até influências externas. Identificar e navegar por esses desafios é essencial para aqueles que estão em busca de um caminho vocacional significativo.

Um dos desafios mais prementes reside na complexidade do processo de discernimento. Este caminho muitas vezes é marcado por dúvidas, incertezas e a necessidade de conciliar desejos pessoais com expectativas sociais e familiares. O confronto entre aspirações individuais e pressões externas pode gerar conflitos internos, levando a um período de reflexão intenso e por vezes confuso (SANAGIOTTO, 2020, p. 116).

Um desafio bem presente é o discernimento vocacional para a vida religiosa já na fase adulta. Abdicar da vida que estava acostumado, de suas rotinas diárias, aceitar as rupturas necessárias, sejam materiais ou pessoais, para se tornar um/a religioso/a é uma decisão muito corajosa que exige reflexão. É necessário um redirecionamento

radical do projeto de vida.

Muitos jovens-adultos, que depois de certa idade, sentem-se provocados, mesmo já tendo feito percursos diversos - namoraram, iniciaram cursos, faculdades e com diversas experiências profissionais -, encontram a paz e sentido onde a família e os amigos menos esperam: na VRC. Decidem consagrar as suas vidas a Jesus com o desejo de segui-lo numa congregação religiosa.

Tal como se casa cada vez mais tarde, também a decisão de assumir um chamado à vida religiosa é tomada diversas vezes a partir dos 20 anos. Quem opta hoje pela vida consagrada já não é o campestino, do interior ou aquele/a jovem recém-saído do Ensino Médio, sem quase experiência de vida. Quem opta hoje pela VRC são jovens de grandes centros urbanos, sem raízes em comunidades paroquiais, jovens da classe média, que estão no Ensino Superior, com experiência no mundo do trabalho. O discernimento já se faz na idade adulta. As primeiras dúvidas e interrogações até podem ser sentidas mais cedo, ainda na infância ou na adolescência, mas o ambiente social não permite que se clarifiquem, até mesmo por falta de um acompanhamento adequado para discernir seu projeto de vida (SANAGIOTTO, 2022, p. 66).

Nesse contexto, o Ensino Superior pode tardar essa descoberta, uma vez que a sociedade atual impacta dos jovens pela forma e dinâmica da vida social, possuindo papéis sociais esperados. Existe uma expectativa sobre quem deve ser o jovem, mesmo o jovem cristão e religioso. A inquietação vocacional aparece depois de terminados os estudos. E isso não é negativo, pois a Igreja tem despertado também para “vocações” mais amadurecidas, adultas, onde os interessados percebem se é realmente aquilo que querem. Há toda a vantagem em ter tido experiência de vida, porém é mais desafiador reorientar o projeto de vida.

Além disso, a natureza fluida das vocações, especialmente no contexto da VRC, traz consigo um conjunto único de desafios éticos e morais (AMARAL, 2018, p. 430). O uso do projeto de vida que delinea metas, valores e compromissos, requer uma análise cuidadosa e crítica para garantir que não apenas estejam alinhados com os princípios éticos, mas também respeitem a integridade individual e coletiva da vida consagrada.

As considerações éticas e morais são fundamentais ao se explorar o projeto de vida no contexto religioso consagrado. É necessário ponderar sobre como as escolhas individuais influenciam não apenas a própria vida, mas

também a comunidade religiosa e a sociedade como um todo. Questões como autenticidade, comprometimento com os votos e o equilíbrio entre o serviço à comunidade e a realização pessoal são elementos centrais que demandam reflexão ética contínua (AMARAL, 2018, p. 428).

Diante dos desafios do discernimento vocacional e das complexidades éticas envolvidas no uso do projeto de vida na VRC, é imperativo promover um diálogo aberto e honesto. Esse diálogo deve estar enraizado na compreensão e respeito pela diversidade de caminhos vocacionais e na busca pela integridade ética, tanto individual quanto comunitária, a fim de nutrir vocações autênticas e comprometidas com os valores fundamentais da VRC.

Conclusão

Ao encerrar esta exploração sobre a intersecção entre o projeto de vida e o discernimento vocacional na VRC, torna-se evidente que esta jornada é profundamente marcada por nuances e desafios multifacetados. Inicialmente, os indivíduos mergulham nas águas da autodescoberta e da busca pela realização pessoal por meio do projeto de vida, reconhecendo-o como uma bússola interna que orienta os valores e aspirações individuais.

Ao adentrar o terreno do discernimento vocacional religioso, o candidato depara-se com uma intrincada teia de desafios, desde a harmonização das aspirações individuais com as expectativas externas até a complexidade ética inerente ao uso do projeto de vida nesse contexto (CANESCHI, 2018). Ficou patente a importância das ferramentas e estratégias para uma tomada de decisão vocacional informada e significativa, moldando caminhos de serviço e compromisso.

Contudo, não se pode subestimar os desafios éticos e morais que permeiam essa busca por um propósito maior. A reflexão constante sobre a integridade individual e coletiva é vital para garantir que o caminho traçado esteja alinhado não apenas com os valores pessoais, mas também com os compromissos inerentes à vida religiosa consagrada (AMARAL, 2018, p. 432).

Nestas considerações finais, reafirma-se a relevância do projeto de vida como uma ferramenta valiosa no discernimento vocacional religioso. Ele não apenas fornece um mapa pessoal, mas também atua como um elo entre os valores individuais e os compromissos da vida religiosa. No entanto há o reconhecimento que este estudo representa apenas uma fração do vasto panorama que abrange essa complexa jornada de descoberta e serviço.

Ao finalizar esta análise, reitera-se que a busca por uma vocação na vida religiosa consagrada é uma jornada de autodescoberta, compromisso e significado. O projeto de vida emerge como um farol nesse caminho, guiando os passos de forma única e individual. A contínua reflexão, o diálogo e a pesquisa são elementos cruciais para nutrir e sustentar vocações autênticas e comprometidas com os valores fundamentais da VRC.

Para dialogar em comunidade:

1. Tivemos oportunidade, em nosso processo formativo, de elaborar um Projeto de Vida?
2. Como esse **Projeto** de Vida foi sendo reelaborado ao longo do meu caminhar como religioso/a? Partilhar o processo com os/as irmãos/as.
3. O que ajudou na construção e reconstrução do Projeto de Vida?

Referências

- AMARAL, António. Desafios éticos da vida consagrada: do testemunho eclesial ao compromisso social. **CULTUM**. Excursos de Hermenêutica, Política e Religião. Covilhã: Editora LabCom. IFP, p. 421-438, 2018.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. **A pedagogia do discernimento**: a ousadia de “deixar-se levar”. São Paulo: Loyola, 1991.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. **Seduzidos pelo Deus dos pobres**: os votos religiosos a partir da justiça que brota da fé. São Paulo: Loyola, 1999.
- CANESCHI, Liciana Aparecida Cabral. Projeto de Vida e horizontes vocacionais. In: CAIXETA, Davi Mendes; CORREIA, Vanessa Araújo (Orgs.). **Reflexões e subsídios para o trabalho com jovens**. São Paulo: Loyola, 2018.
- CRUZ, Cristino Cordeiro; CORREIA, Vanessa Araújo. Projeto de Vida: fundamentos de uma proposta. In: CORREIA, Vanessa Araújo. **Juventude no mundo contemporâneo**: temas em debate. São Paulo: Loyola, 2019.
- DURAU, Odair José; CORREIA, Vanessa Araújo. **Projeto de Vida para jovens**: um itinerário metodológico de esperança. São Paulo: Loyola, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**: Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco. Para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.
- LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005.
- LIMA VAZ, Henrique Carlos. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- RAMOS, José Maria Monteoliva. **Felicidade Humana e vida religiosa**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SANAGIOTTO, Vagner. Caminhar com determinação e um olhar para o futuro. Uma investigação sobre o contexto formativo na Vida Religiosa. **Convergência**, v. 55, n. 531, p. 104-120, 2020.
- SANAGIOTTO, Vagner. O perfil das novas vocações a vida religiosa: entre desafios e esperanças. **Convergência**, v. 57, n. 538, p. 59-72, 2022.
- SCIADINI, Patrício. **A pedagogia da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 2006
- VITÓRIO, Jaldemir. **A pedagogia na formação**: reflexões para formadores na vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 2008.

DEPRESSÃO E IDEAÇÃO SUICIDA NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA. (Segunda Parte).

Frei Rubens Nunes da Mota, OFMCap¹

Marta Helena de Freitas²

Resumo: Em continuidade a um artigo tratando da depressão e do suicídio na vida religiosa consagrada (VRC), cuja primeira parte foi publicada na edição anterior desta revista, apresenta-se aqui agora uma segunda parte, de caráter complementar. No primeiro artigo foi tratado sobre as complexidades que envolvem a ideação suicida, os aspectos envolvidos nas trajetórias familiares das pessoas consagradas, bem como sobre as particularidades das relações entre ideação suicida e entre religião e família. Nesta segunda parte serão abordadas as trajetórias de vida de pessoas consagradas na própria instituição religiosa, apresentando alguns esclarecimentos conceituais sobre espiritualidade, religiosidade e religião e suas implicações para religiosos/as consagrados/as, bem como sobre as relações entre o percurso institucional, o processo formativo e a depressão e a ideação ou ato suicida em pessoas religiosas.

Palavras-chave: Depressão; Ideação Suicida; Saúde Mental; Religião; Vida Religiosa.

¹ Frade Menor Capuchinho da Província do Brasil Central. Mestre e Doutorando em Psicologia na Universidade Católica de Brasília. O presente artigo é parte da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UCB sob a orientação da Profa. Marta Helena de Freitas. Endereço para contato: freirubens@gmail.com

² Doutora em Psicologia. Professora na Universidade Católica de Brasília. Endereço para contato: mhelenadefreitas@gmail.com

Introdução

Nosso foco neste texto volta-se para as trajetórias dos/as consagrados/as na instituição à qual se vincula enquanto, buscando-se identificar os elementos que a caracterizam e que podem também ser promotores de saúde mental, mas também associar-se ao desenvolvimento de possíveis depressões, ideações ou atos suicidas.³

O propósito é conhecer tanto o que a pessoa já traz consigo, ao ingressar na VRC, e que pode ter se constituído ao longo de sua trajetória de vida familiar, como também tomar consciência de como se dá essa trajetória na própria instituição, desde o processo de discernimento vocacional, passando pela formação inicial e continuada até a sua consolidação, buscando identificar fatores de proteção e fatores de risco a ela relacionados.

Como já dito, o fenômeno do suicídio é complexo e influenciado por vários fatores. Generalizações e especificidades que tendem a rotular a partir de doenças ou termos do modelo médico que estigmatizam pouco contribuem para entender o fenômeno. É importante conjugar os dados estatísti-

cos com o modelo humanizador de olhar a história de vida de cada indivíduo, sua trajetória e o significado que foi dando para suas vivências. Esta trajetória pode partir de um contexto maior, verificando a análise social do suicídio no contexto de como esse tema é apresentado nas religiões (DURKHEIM, 2000), bem como o aspecto pessoal e subjetivo heideggeriano que mostra o fenômeno da religiosidade na visão fenomenológica (GOMES, 2022).

Estas perspectivas buscam uma aproximação com a história de vida de cada religioso e como foi seu significado e inclui também a trajetória da pessoa consagrada dentro da própria instituição que o acolhe como tal. Ou seja, os mesmos princípios considerados antes para a perspectiva familiar devem ser tomados como relevantes para se compreender essa trajetória institucional e possíveis conexões – ou ausência delas – como a trajetória de vida prévia anterior.

Religiosidade e Espiritualidade: Esclarecimentos conceituais e implicações para a VRC

Visando compreender os limites e potencialidades de uma instituição religiosas, tal como o são

³ Esta reflexão é continuidade da apresentada na edição anterior da Revista Convergência.

as instituições católicas que acolhem as pessoas que optam pela VRC, vale aqui tomar o conceito de “religião” e seu entendimento a partir de uma perspectiva fenomenológica. Esse conceito tem como uma de suas possíveis origens etimológicas o termo latino *religio*, derivado da palavra *religare*, que significa re-ligação do ser humano com Deus, com o sagrado. Nessa perspectiva, importa na experiência religiosa não a falsidade ou veracidade, mas seu significado, especialmente para a subjetividade (KÖNIG; WALDENFELS, 1998). Tal perspectiva e lógica introdutória mostram que o valor religioso não é, em primeiro lugar, uma opção moral entre o bem e o mal, ou o que seja verdadeiro ou falso, mas sim como esta experiência afeta a pessoa (FREITAS, 2017).

Corroborar essa compreensão sobre o campo religioso e da espiritualidade a partir da perspectiva fenomenológica, com uma visão humanista/existencial. A fenomenologia encontra, na análise de Heidegger sobre o *ethos* cristão originário (CASANOVA, 2012), uma forma de compreensão sobre a postura religiosa em geral. Neste sentido, o fenomenólogo existencialista dá pistas sobre o *Dasein*, ou seja, a relação existencial do próprio ser consigo e no mundo. Esta perspectiva heideg-

geriana ajuda na compreensão do fenômeno da religiosidade com a busca da conexão do sujeito com o sagrado, Deus (GOMES, 2022).

Outro termo importante a ser abordado, e em consonância com a perspectiva fenomenológica, é a espiritualidade. Ela faz referência ao modo como se dão as experiências subjetivas do ser humano e seu movimento de busca de sentido (FREITAS, 2017). Pinto (2009) faz relação entre espiritualidade e religiosidade por compreender que são temas próximos, porém alerta que indicam fenômenos diferentes. O autor explica que o termo “religiosidade” “implica a relação do ser humano com um ser transcendente”, já a espiritualidade significa a possibilidade de uma pessoa mergulhar em si mesma.

De acordo com Jackson e Fulford, (1997/2003), a espiritualidade deve ser vista a partir da experiência religiosa, podendo ser identificados pelos seus frutos positivos. Tal postura evitaria a patologização das manifestações religiosas, sendo vistas a partir da experiência que a pessoa tem, mostrando respeito por sua singularidade. Se esta experiência for de fato considerada, a religião será vista a partir de sua contribuição para com a vida, indo além de um conjunto estático de cren-

ças e práticas. Nesse sentido, ela é um processo dinâmico, direcionado inicialmente para a descoberta de significado.

Em outra perspectiva, buscou-se distinguir e separar as concepções de religiosidade e espiritualidade, delegando para religiosidade o que trata sobre estrutura e sentido. Já a espiritualidade trataria do processo, ou seja, da interação com o meio em visto do que é vivido na subjetividade. Enquanto a religiosidade ajudaria na relação com o transcendente, a espiritualidade seria o mergulho em si mesmo. Contudo, vale alertar a respeito do equilíbrio entre o transcendente e o imanente para que possa gerar saúde, ou seja, não desgrudar o humano do divino, evitando dualismo e alienação (PINTO, 2009).

Freitas (2014), ao tratar sobre o significado de cada termo, explicita que o termo religiosidade diz respeito àquelas disposições humanas que levam a pessoa à capacidade de experimentar fenômenos religiosos, em seus diversos aspectos. Já o termo religião fica reservado para se referir ao corpo social organizado em sistemas de crenças, valores e ritos religiosos ao qual uma pessoa, no cultivo de sua religiosidade, pode ou não aderir formalmente. Quanto ao termo espiritualidade,

em consonância com a perspectiva fenomenológica, é tomada em seu significado mais amplo, ou seja, como a capacidade de reflexão sobre si e sobre a experiência de sentido no mundo da vida e ao que lhe circunda, horizontal ou verticalmente, incluindo-se aí a dimensão religiosa. A autora alerta, entretanto, que há variações em tais definições de acordo com a compreensão de cada autor.

São muitas as formas de manifestar a espiritualidade, bem como são muitas as expressões religiosas. A fé cristã, em sua tradição, busca conjugar a espiritualidade e a religiosidade. A religiosidade é vivida pelos seguidores e administrada institucionalmente pela igreja, através dos ritos normatizados pela doutrina e dogmas. Já a vivência da espiritualidade se dá em diversas formas, chamadas carismas que estão presentes, por exemplo, na igreja católica através de pessoas que se consagraram a Deus e deram início a uma forma de vida que foi institucionalizada. A forma, ritos e profissão de fé estão no Catecismo da Igreja Católica (YOUCAT, 2011). Tal distinção é relevante, ajudando na compreensão do quanto a escolha da vida consagrada é determinada mais por fatores ligados à religião enquanto um sistema alimentado por dog-

mas e crenças que lhe chegam via uma “doutrina” ou sistema normativo de crenças alimentados no seio de sua família ou comunidade, e quais as relações disso com a dimensão da espiritualidade, que estão na base de um autêntico movimento de busca de sentido para suas questões de cunho existencial. Uma compreensão mais aprofundada sobre o quanto uma e outra é mais ou menos alimentada e cultivada no âmbito institucional que recebe ou acolhe a pessoa dedicada à VRC pode ajudar a desvelar o fenômeno da depressão e do suicídio neste ambiente.

Implicações dos conceitos para a VRC

Uma das expressões que coloca em interlocução a religiosidade e espiritualidade na Igreja Católica é a VRC. Ela compreende sua existência como carisma, ou seja, como dom de Deus. De acordo com Konig e Hans (1998), o carisma se constitui na confluência de pelo menos três elementos, entre si diversos, mas, ao final, em surpreendente afinidade: a iniciativa de Deus e sua gratuidade; a resposta do ser humano em sua sensibilidade; o contexto do chamado, que diz respeito ao tempo e suas vicissitudes, ou a história e suas

características. Carisma é graça (*charis*), dom, manifestação do Espírito em pessoas escolhidas, habilitando-as para iniciativas novas e especiais em favor da comunidade eclesial, seja na linha do serviço, do testemunho, da profecia, da misericórdia, da evangelização.

O carisma tem um dinamismo próprio e uma capacidade inovadora de acordo com as novidades dos tempos e com as pessoas que vão ingressando nas instituições. Contudo, o carisma sempre visa o bem dos outros mais que o próprio. Não obstante sua absoluta gratuidade, o carisma conta sempre com a participação humana, como dito, na sensibilidade, na acolhida, docilidade, compromisso das pessoas a quem é dado.

Para Weber (2012), o carisma fundacional de uma família religiosa resulta de uma experiência do Espírito, que se torna a experiência fundante, e que, na sequência, como seguidores de Jesus Cristo, chamados discípulos e discípulas, buscam responder ao chamado divino diante das necessidades humanas, em proveito do povo de Deus e do Reino. Cada carisma tem um fundador ou fundadora, pessoa que se sentiu chamada e, com seu testemunho e serviços, encantou a outros que seguiram o mesmo caminho,

iniciando assim, uma congregação ou ordem religiosa. Nos fundadores e fundadoras existe uma especificidade do carisma, contudo tem sua transmissão através do dom partilhado, dos serviços prestados, se recriando, no tempo presente, uma história parecida com a das origens, sob a moção do mesmo espírito.

Em síntese, o carisma seria o termo para sinalizar a ação divina, o dom dado por Deus emquanto a organização religiosa seria a resposta humana ao chamado divino através do carisma. Esta resposta, que é individual, encontra ressonância em pessoas que podem se sentir atraídas pela mesma forma de vida e missão, dando início ao grupo ou comunidade religiosa. Naturalmente que tal compreensão parte do princípio de que o carisma ocorre no encontro da religião com a religiosidade e a espiritualidade vivida genuinamente como busca e encontro de sentido na escolha da vida consagrada. Cabe questionar, então: o que ocorre na trajetória daquelas pessoas que, mesmo tendo feito sua escolha ancorada na perspectiva deste encontro, acabam depois em crise sobre o próprio sentido desta escolha e, por decorrência, do sentido de sua própria existência?

Trajетórias institucionais e processo formativo

A pessoa consagrada encontra um robusto processo formativo que a ajuda na estruturação de sua identidade religiosa e visão sobre sua atuação missionária. Nesse sentido, faz-se importante conhecer a trajetória das instituições religiosas que pode se confundir com a trajetória da Igreja e da própria sociedade, visto que tais realidades estão entrelaçadas. Uma sociedade que se desenvolve rapidamente traz consigo vários desafios de um mundo complexo (AUN, VASCONCELLOS e COELHO, 2005), com avanços e limites. Complexidade essa que permeia os vários segmentos sociais, como educação, assistência social e religião, os quais dizem respeito ao processo que cada religioso faz e, ao mesmo tempo, acompanha como missionário consagrado.

Pereira (2005) retrata a trajetória institucional da VRC a partir da própria história da Igreja Católica. Na observação dessa trajetória, uma das maiores reformas da igreja ocorreu no início dos anos sessenta, com o Concílio Vaticano II. A Igreja, e como parte dela, a VRC, foi convidada a se modernizar para tornar mais eficaz a evangelização. Com esse objetivo, a VRC foi ampliando suas

atuações, indo além dos espaços eclesiais, indo para o campo da educação e entidades sociais.

Com as novas possibilidades de atuação, vieram novos desafios e novas exigências. E com elas a necessidade de reestruturação institucional, bem como as crises em seus membros, visto que a abertura para sair dos conventos e atuar no século deixou os religiosos “desprotegidos” dos muros conventuais. Muitas reformas nos estatutos formativos e Constituições das instituições buscaram fazer esse processo de adaptação (PEREIRA, 2005), especialmente começando pela formação dos novos membros da vida religiosa consagrada.

Mota (2019) reflete que a formação para vida religiosa, que pressupõe processo com etapas graduais, deve ter seu início no período do discernimento vocacional, quando a pessoa ainda está no seu ambiente com família e trabalho. Nesse momento são questionadas as motivações para ingressar na instituição religiosa, bem como devem ser analisadas as condições de saúde psíquica de cada vocacionado ou vocacionada para este estilo de vida. De acordo com a perspectiva sistêmica, a saúde ou adoecimento deve ser compreendido dentro do sistema familiar e de acordo com a traje-

tória ou ciclo da vida da família (MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012).

Passando pelo discernimento vocacional, o candidato inicia o processo formativo com etapas que irão ajudar na formação do consagrado. Comumente estas etapas são chamadas de Aspirantado, onde a pessoa é ajudada a se adaptar à vida comunitária, de oração e trabalhos; Postulado, onde se aprofunda a convivência e os estudos; Noviciado, onde se intensifica a vida de oração e compreensão da vida comum, vida fraterna; Juniorato, onde se proporcionam estudos acadêmicos para formação intelectual e profissional desse religioso ou religiosa (MOTA, 2019; VITÓRIO, 2008).

Se há uma compreensão de que a construção identitária do sujeito se dá a partir do núcleo familiar e da trajetória social, sendo uma identidade psicossociológica (ANDOLFI, 2001; BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LÉVY, 2005; GAULEJAC, 2009; LÉVY, 2001; MINUCHIN; LEE; SIMON, 2008), é possível compreender o perfil religioso a partir do itinerário formativo (MOTA, 2019; VITÓRIO, 2008). Contudo, tal construção se dá mediante o processo formativo, relacional e institucional, exigindo atenção sobre como se dão estas

relações, se elas geram saúde ou adoecimento. *A priori*, a estrutura deveria existir para favorecer a vida e missão dos consagrados e consagradas, contudo, eventualmente pode haver excessos que provocam fadiga. Quando correlacionada com a Síndrome de Burnout, a depressão é caracterizada a partir de manifestações de indiferença, desesperança, exaustão e prostração física ou moral. Os sintomas podem se manifestar desde a agitação ou apatia, fazendo com que a vida vá perdendo seu sentido gradativamente, como afirma Pereira (2013). O autor descreve a Síndrome de Burnout como um esgotamento que leva ao desânimo e possível depressão. Lembra, portanto, a própria etimologia da palavra *burnout*, de origem inglesa, *burn* (queima) e *out* (exterior), que aponta para o que ocorre exteriormente, com consequências capazes de queimar internamente. O autor relata que esse movimento designa a síndrome que extrai as forças afetivas do sujeito, produzindo assim o enfraquecimento pessoal e de sua realização no trabalho.

Visto que o objetivo desse artigo é compreender o que ocorre na trajetória de pessoas consagradas que têm um projeto de vida e desenvolvem depressão e ideação suicida, faz-se necessário observar como a estrutura e o

funcionamento das instituições e serviços missionários corroboram neste sentido. Com tal perspectiva, buscar-se-á compreender as vicissitudes próprias dessa trajetória formativa e como elas podem também contribuir para a situação de adoecimento.

Depressão e ideação suicida em pessoas Religiosas

A análise do suicídio a partir da sociologia de Durkheim (2000) aponta o suicídio como um ato pessoal que necessita ser compreendido a partir do grupo e sociedade do qual o indivíduo que tem ideação suicida participa. Não há uma busca por culpa pessoal, nem institucional, mas há interesse na investigação para compreender o que ocorre nesse processo que pode contribuir para o adoecimento. Nesse sentido, é importante compreender, além das instituições das quais os religiosos são formados e fazem parte, também as relações aí estabelecidas, a intersecção com a igreja e com a sociedade.

Como visto, há um itinerário formativo denso, com formação interna e acadêmica. É interessante ressaltar que Durkheim (2000) não vê a ciência como culpada pelo aumento dos suicídios. O que o autor ressalta é o quanto as instituições sociais de caráter reli-

gioso também se transformaram e se adequaram aos novos modos de vida e de conduta que surgiram com o desenvolvimento da ciência. Essa perspectiva durkheiminiana acusa as instituições de exercerem um controle sobre a consciência individual através de crenças e ritos que geram fatos sociais gerais que alimentam a consciência coletiva da sociedade.

Ao aproximar-se de uma religião específica para esta análise, Durkheim (2000) exemplifica com o judaísmo, dizendo que, nessa confissão religiosa, a quantidade de suicídios é quase zero. Segundo ele, esse dado pode ser devido à proporcionalidade, sendo um segmento religioso de minoria quantitativa. Contudo, há uma percepção de que, no judaísmo, os membros mantêm uma proximidade para se protegerem das críticas e dos comentários acerca da sua crença. Tal comportamento protetivo acaba por fortalecer o vínculo comunitário e o sentimento de pertencimento a um grupo social que segue determinadas normas de conduta, desembocando, assim, em uma consciência coletiva elevada.

Ao contrário do que ocorre com o judaísmo, o sociólogo diz que a perda da eficiência das ideias e sentimentos tradicionais irrefletidos para dirigir a conduta, sem um novo sistema de crença

comum, pode favorecer o adoecimento. Segundo Durkheim, o gosto pela instrução se aspira quando as crenças tradicionais se enfraquecem, expandindo o individualismo. É preciso que os membros dessa religião sempre estejam juntos para se protegerem do que enfraquece suas crenças e costumes, pois enfraqueceria seus vínculos comunitários e o sentimento de pertencimento a um grupo social (DURKHEIM, 2000).

Nesse caso, o enfraquecimento institucional é analisado a partir da coerção. A coerção pode favorecer o adoecimento devido aos fatores estressores que provoca. Neste sentido, o sociológico aponta para duas dimensões distintas que fazem parte do tema do suicídio: de um lado, a rigidez das normas e regras podem dar unidade ao grupo ou à sociedade de forma coercitiva. Por outro lado, podem adoecer de acordo com sua intensidade castradora. É possível ver a ambivalência nessa análise, visto que a coerção grupal pode trazer segurança, mas se for ao custo de normas rígidas, pode reprimir. Tal reflexão aponta para a organização institucional, já que a religião, enquanto dogma e instituição, pode ser vista como exercício do poder, que faz com que o indivíduo realize ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade (DURKHEIM, 2000).

No caso das instituições religiosas, é possível que o adoecimento ocorra por esquemas e estruturas que favoreçam comportamentos capazes de fomentar perversidades, tanto no campo da sexualidade, como no campo econômico, envolvendo poder e desencadeando problemas no campo da saúde mental (MOTA, 2019). Assim, por exemplo, o tema de abuso de menores e vulneráveis tem sido enfrentado pelo Papa Francisco e trabalhado seriamente, visto os traumas causados às pessoas abusadas.

Ademais, desta perspectiva sociológica sobre as relações de poder institucional que podem favorecer o adoecimento, o suicídio entre os consagrados pode ser visto na perspectiva da transgressão. De acordo com Macedo (2006), o suicídio é uma forma de transgressão. O autor afirma que o suicídio é passível de questionamentos sobre a transgressão da vida diante da vida como valor essencial. Para ele, a morte é certa, mas desconhecida, misteriosa, porém com a ideação suicida, passa a ser previsível e programada. Mas como aparece a ideação suicida na vida consagrada? Quais seriam suas associações com outras fragilidades no campo da saúde?

Uma das correlações possíveis com a ideação suicida entre os consagrados é com a Síndrome de

Burnout, que, por sua vez tem íntima relação com a depressão. É o caso dos efeitos negativos de concepções e práticas religiosas equivocadas, com excessos nas exigências, nos dogmas e ofícios que podem sobrecarregar e pressionar negativamente os indivíduos afetando seu psicológico. Isso pode acontecer tanto internamente, na convivência comunitária, quanto na estrutura institucional ou das demais cobranças no campo das atividades pastorais. As tantas exigências diante dos diversos ofícios trazem uma pressão interna, podendo encontrar uma estrutura psíquica frágil que podem levar ao desgaste e, conseqüentemente à depressão e possível ideação suicida (CAMPOS, 2018).

Para exemplificar os casos de suicídio que nascem do alto nível de exigência consigo mesmo, Durkheim (2000) faz menção as ideias internalizadas de forma negativa que podem levar à desistência da vida. Em sua pesquisa, o sociólogo identificou que a confissão religiosa pode aliviar este sentimento de angústia gerado pela falta de sentido da vida. A confissão seria uma forma de falar sobre suas angústias e sofrimentos, podendo trazer certo alívio ou afugentamento da dor. Segundo o autor, nos países de tradição católica ou judaica, registram-se taxas menores de sui-

cídio, ao passo que nos países de tradição religiosa protestante, a taxa de suicídios é elevada.

A explicação para essas diferenças nas taxas de suicídios entre ambas as tradições não se deve ao fato dessas religiões darem sentidos diferentes para o suicídio, pois ambas condenam essa prática. O fato de o suicídio ser maior em sociedades onde a religião protestante é predominante, segundo Durkheim (2000), é devido a já existir um gosto pelo livre exame e pela ciência desenvolvido na população, o que acaba por colocar em dúvida as tradições e as crenças religiosas. As confissões religiosas devem ser vistas como uma sociedade onde, a partir do momento em que seus preceitos são colocados em dúvida, a coesão social exercida por ela sobre seus fiéis acaba por tornar-se quase nula, o que acaba enfraquecendo a consciência coletiva dos indivíduos e os deixando vulneráveis para cometerem suicídio (DURKHEIM, 2000).

Nas sociedades simples baseadas na solidariedade mecânica, o indivíduo tem um apego ao grupo que faz com que todos os seus movimentos, todas as suas atitudes, tarefas e funções sejam desempenhadas em prol da sociedade. Os indivíduos não reclamam e nem procuram deixar de desempenhar

sua função, pois tudo é feito pelo seu bem e pelo bem da coletividade. O sociólogo fala da solidariedade orgânica, que é orientada através da divisão social do trabalho e nela os indivíduos não estão mais interligados por um apego moral à sociedade, fazendo com que nem todos saibam ou concordem com aquilo que é certo e aquilo que é errado e com aquilo que é bom e com aquilo que é ruim para a coletividade (DURKHEIM, 2000).

O suicídio revela uma complexidade social que esconde seus medos e segredos. É uma sociedade com uma cultura que mostra dificuldade de lidar com a finitude, de encarar a morte (CAVALIERI, 2009). Na VRC, a concepção de vida e de morte se dá com a base bíblica, ou seja, vida é dada por Deus e morte deve ser retirada por Deus. Na concepção de uma teologia tridentin do sec. XVI, essa 'lei natural' de vida e morte seria o que poderia levar ao paraíso, ao céu. Já o suicídio é visto como pecado, indigno do céu. Esta concepção foi revista no Concílio Vaticano II que apresenta a graça de Deus acima dos limites humanos, percebendo Deus como um Pai misericordioso.

A perspectiva fenomenológica corrobora e muito com esse olhar humanista, nada condenatório, para a trajetória humana. Mesmo

que o suicídio se mostre como um fenômeno ambíguo, visto que por um lado é marcado pelo desespero humano, mas por outro são inúmeras as intencionalidades desconhecidas, sejam ativas ou passivas. O modelo médico pode responder sobre o suicídio que se mostra, apontando os resultados das estatísticas, contudo mostra dificuldades para chegar à existência do indivíduo que sofre com este sentimento. Neste sentido, o suicídio não pode ser descrito somente a partir do que está ocorrendo no presente, mas deve considerar o passado e a perspectiva de futuro. O fenômeno do suicídio, na perspectiva fenomenológica, deve investigar o processo de intencionalidade que está presente de modo ativo ou de modo passivo na história da pessoa (CAVALIERI, 2009).

É justamente diante deste paradoxo entre vida e morte, doação e finitude que se encontra a relevância do tema do suicídio entre religiosos consagrados. A investigação entre o que ocorre a partir do contraste que vai do desejo de doar a vida para uma causa e a perda deste sentido no estado depressivo e na ideação suicida é o que nos deve mover em nossas pesquisas para compreender este fenômeno (SOTO, 2012).

Considerações finais

É urgente trabalhar o tema da ideação suicida nas instituições religiosas, seja de forma preventiva, seja para acompanhar os processos que já se encontram com sinais de adoecimento mental. É sabido da beleza e importância dos carismas que cuidam de tantas demandas sociais através das instituições religiosas. Contudo não é possível fixar nas demandas sem cuidar dos cuidadores e cuidadoras que são os religiosos e religiosas consagradas.

Dois fatores foram observados como limitadores dos cuidados acima propostos, ainda que, por enquanto, derivados de um trabalho teórico-reflexivo. O primeiro diz respeito ao estado da vida religiosa consagrada, a qual tende a desenvolver uma sensação de onipotência, pessoal ou institucional, devido ao conhecimento do sagrado. Na contramão desse processo, a depressão e ideação suicida convocam essa pessoa religiosa à humildade e consciência de sua própria humanidade e ao reconhecimento de suas fragilidades, pessoais e institucionais (PEREIRA, 2013).

O segundo diz respeito à tendência de se estigmatizar o tema do suicídio na sociedade. Será um enorme desafio passar a falar

dos temas da depressão e ideação dentro da VRC, pois isso implica na procura por ajuda, recurso que pode evitar mortes. Afinal, falar de forma responsável sobre o fenômeno do suicídio opera muito mais como um fator de prevenção do que como fator de risco, podendo, inclusive, contrapor-se às suas possíveis causas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

A continuidade de estudos sobre o tema e uma maior abertura para tratar sobre, no contexto das instituições religiosas da vida consagrada, merece ser levada a sério. O Ministério da Saúde (2017) relata que a maioria dos suicídios poderiam ser evitados, visto que a consumação tem histórico de tentativas sinalizando um pedido de socorro, de ajuda, propondo alguns métodos preventivos. Contudo, a prevenção pode não ocorrer devido à ausência de

informações sobre as tentativas de suicídio. Afinal, como se viu antes, dados de pesquisas mostram que os que a consumaram já haviam tentado anteriormente (MACEDO, 2006). E para que o suicídio não ocorra (MACEDO, 2006), é preciso diminuir a dor psíquica quantificada pela própria pessoa, buscando minimizar seu peso, para que não se perca o sentido da vida, que é a qualificação que a pessoa faz da dor. Ou seja, para acabar com a dor que é quantificada, tende-se a tirar a vida, que é desqualificada.

Considerando o exposto e os desafios decorrentes do tema abordado neste artigo, ele não pode ser finalizado com soluções prontas. Em vez disso, são abertas algumas questões, que, certamente, poderão inspirar a busca de mais respostas.

Para dialogar em comunidade

1. Como está o cuidado com a saúde mental individualmente no âmbito da instituição da qual faz parte? Há busca por ajuda psicológica e psiquiátrica?
2. Como estão as instituições, o trabalho e a missão no âmbito da vida consagrada? Estão contribuindo para gerar mais saúde ou adoecimento?

- ANDOLFI, M. **Terapia familiar, un enfoque interaccional**. Buenos Aires, Argentina: Paidós Terapia Familiar, 2001.
- AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E. de; COELHO, S. V. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. Volume 1: *Fundamentos teóricos e epistemológicos*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2005.
- BARUS-MICHEL J.; ENRIQUEZ E.; LÉVY A. **Dicionário de Psicossociologia**. Lisboa: Climepsi, 2005.
- CAMPOS, L. **A dor invisível dos presbíteros**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.
- CASANOVA, M. A.. **Compreender Heidegger**, 3. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.
- CAVALIERI, E. O suicídio na abordagem fenomenológica. Em: CAMPOS, Italo. **Vidas Interrompidas: I e II Fórum Estadual sobre Prevenção do Suicídio TOXCEN - Centro de Atendimento Toxicológico**. Vitória, Digital, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007 Acesso em: 3 fev. 2024.
- DURKHEIM, É. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- FREITAS, M., H. Psicologia religiosa, psicologia da religião/ espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade? *Pistis et Praxis*, v. 9, n. 1, p. 89-107, 2017.
- GAULEJAC, V. O sujeito face à sua história: a démarche “romance familiar e trajetória social”. In: TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- GOMES, R. B. B.,. Heidegger e a apreensão fenomenológica da consciência religiosa. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 152, ago. 2022, p. 425-448.
- YOUCAT. **Catecismo jovem da igreja católica**. Portugal: Paulus, 2011.
- JACKSON, M.; FULFORD, K. W. M. Experiência espiritual e psicopatologia. Em: Freitas, M. H. Ghesti, I. (Orgs.) **Psicologia – Experiência espiritual e psicopatologia**. **Texto Didático**, n. 6, p. 9-57, 1997/2003.
- LÉVY, A. **Ciências Clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- MACEDO, M. M. K. **Tentativa de suicídio**: O traumático ato via-dor. Tese de Doutorado. PPG em Psicologia. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/690> Acesso em: 3 fev. 2024.
- MCGOLDRICK, M.; GERSON R.; PETRY S.. **Genogramas**: avaliação e intervenção familiar. 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, SECRETARIA DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE. **Suicídio, saber agir e prevenir**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/suicidio_saber_agir_prevenir.pdf. Acesso em: 3 fev. 2024.
- MINUCHIN, S., LEE, W-Y. & SIMON, G.M. (2008). **Dominando a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MOTA, R. N. **Formação**: Desafios do itinerário. Porto Alegre: ESTEF, 2019.
- PEREIRA, W. C. C. A porta de entrada da Análise Institucional na Vida Religiosa Consagrada. In: PEREIRA W. C. C. P. (Org.). **Análise institucional na vida religiosa consagrada**. Belo Horizonte: CRB, 2005.
- PEREIRA, W. C. C. **Sofrimento psíquico dos presbíteros**. Dor institucional, 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.
- PINTO, Ê., B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião dezembro**, 2009, p. 68-83, 2009.
- KONIG, F. C.; HANS W. **Léxico das Religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SOTO, M. T. del C. B., **El suicidio y la iglesia catolica**. La verdad de la misericórdia de Dios en la praxis de la iglesia y la salvación en la fe. Morelia, Asociación Mexicana de Educación contínua y a Distancia, 2012.
- VITÓRIO, J. **A pedagogia na Formação**. São Paulo, Paulinas, 2008.
- WEBER, V. **Carisma, Instituicao e Pessoa**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

PROFOLIDER 2024

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros São José -
Salvador, BA*

*De 17 de outubro a 26 de
novembro de 2024*

TECENDO A CULTURA DO CUIDADO: ESPIRITUALIDADE, SAÚDE MENTAL E AUTOCUIDADO.

Gleison Silva Pereira, SJ¹

Resumo: Este artigo aborda a relação entre espiritualidade, saúde mental e autocuidado no cotidiano da Vida Religiosa Consagrada, entendendo essa relação como caminho de seguimento a Jesus Cristo. Busca-se analisar alguns desafios enfrentados na VRC, como a solidão, o estigma em relação à saúde mental e, assim, apontar caminhos de autocuidado para promover o bem-estar físico e emocional. Discute-se a importância da espiritualidade como caminho para o autoconhecimento e forma para um profundo encontro consigo mesmo, afim de colaborar para o aprofundamento do sentido de vida em sintonia com o compromisso assumido pelos votos. Ao reconhecer a importância do cuidado integral do corpo, da mente e do espírito, nos propomos a especular estratégias para promover comunidades religiosas como caminhos para a vivência da cultura do cuidado pessoal e comunitário.

Palavras-chave: Espiritualidade; Saúde mental; Autocuidado; Vida Religiosa Consagrada.

¹ Religioso da Companhia de Jesus. Atua no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR). Endereço para contato: gleison.pereira@jesuits.net

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) é “profundamente arraigada nos exemplos e ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito” (VC, n. 1). Dentre suas diversas características e dons, a VRC é caracterizada pelo compromisso total, doação a serviço de Deus e dos irmãos e irmãs, através da profissão dos conselhos evangélicos, de pobreza, obediência e castidade. No entanto, por trás do dócil chamamento e do compromisso pessoal e comunitário, encontram-se desafios complexos relacionados à saúde mental e ao bem-estar psicológico.

Por isso, esta reflexão busca explorar as convergências entre saúde mental, autocuidado e espiritualidade na VRC. Dentre a multiplicidade de desafios enfrentados pela VRC, nos atentamos à solidão, ao estigma em relação à saúde mental, destacando a importância crítica de compreender e abordar essas questões.

Com base nesses desafios, investigamos caminhos de autocuidado que possam colaborar e promover a saúde psicológica e emocional, através da atenção com os afetos, as emoções, o corpo e a saúde. Encontrando caminhos no próprio Jesus, pois “Cristo ma-

nifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (GS 22), ou seja, em Sua vida, podemos observar a humanidade integral. Deste modo, as estratégias concretas para fortalecer a resiliência emocional e mitigar os efeitos do estresse e do esgotamento, podem emanar da experiência profunda de encontro consigo, com o outro e com Deus.

Neste mesmo caminho, a espiritualidade surge como uma fonte de conforto, esperança e, principalmente, de sentido para a vida. Por isso, analisamos como as práticas espirituais podem colaborar com o autoconhecimento, auto aceitação e autocuidado, favorecendo a resiliência e o cultivo de um senso profundo de conexão interior, pois o conhecimento de Deus, passa necessariamente pelo conhecimento de si mesmo.

Ao trazermos essa temática à discussão e reconhecer a necessidade de abordá-la de forma clara e aberta, poderemos criar comunidades religiosas mais saudáveis, acolhedoras e verdadeiramente fraternas, onde o cuidado do corpo, da mente e do espírito são valorizados. Neste sentido, este texto busca oferecer reflexões, sem o intuito de definir ou esgotar o assunto, mas como motivação para futuras abordagens e partilhas em nossos espaços religiosos.

Saúde Mental na Vida Religiosa Consagrada

“Saúde é compreendida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social.” (WHO, 2024), e saúde mental pode ser entendida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de perceber suas próprias habilidades, para lidar com os estresses cotidianos, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade, segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO).

Observamos que os desafios enfrentados pela VRC são multifacetados e não podemos deixar de lado o medo que, decorrente do período pandêmico e pós-pandemia, tem gerado a sensação de insegurança em todos os aspectos da vida, da perspectiva coletiva à individual, e isso tem alterado as relações interpessoais (LIMA; CARVALHO; LIMA; NUNES; SARAIVA; SOUZA; ROLIM NETO, 2020). E essas consequências têm se refletido no interior de nossas comunidades religiosas, onde irmãos e irmãs fragilizados emocional e psicologicamente, muitas vezes sofrem em silêncio e solidão.

Além disso, a pressão para corresponder a ideais pessoais, comunitários ou institucionais, reforçam em nossos espaços o estigma associado à saúde mental, e

muitas vezes resulta em subnotificação e falta de apoio adequado, podendo chegar a casos extremos como o suicídio.

Algumas das características presentes no modo de vida consagrada podem colaborar para o agravamento de sofrimentos emocionais, como:

- *Solidão*: não é uma característica distintiva da VRC, mas é muito presente em nosso cotidiano. O sentimento de solidão não é, em si mesmo, ruim ou nocivo. Porém, a ausência de autoconhecimento, de auto aceitação e acolhida pessoal, podem fazer com que a experiência de solidão, desencadeie processos de sofrimentos profundos, levando a um isolamento emocional e social;
- *Pressão para corresponder com ideais*: diversas são as pressões por corresponder a imagens, algumas delas impostas pela sociedade e outras por nós mesmos. A ideia de perfeição, corriqueiramente, gera desumanização em nossas comunidades religiosas, no processo formativo eclesial e no serviço apostólico. Muitas vezes esse ideal de perfeição colabora para a não aceitação de si, o não acolhimento dos afetos e emoções.

Essa expectativa em corresponder a ideias pode criar um fardo emocional significativo, levando à autocrítica excessiva, sentimentos de inadequação e até mesmo depressão.

- *Estigma em relação à saúde mental*: O estigma em relação à saúde mental ainda é uma realidade em muitas comunidades religiosas, encoberto pelo véu do sagrado. Porém, este estigma tem colaborado para o aumento do medo de julgamento, da incompreensão ou exclusão, perpetuando o sofrimento entre irmãos e irmãs na VRC, principalmente, porque “o maior obstáculo à recuperação e reabilitação do paciente. É componente básico da discriminação negativa que as pessoas com doenças mentais experimentam a cada dia. Acarreta pior qualidade de vida e pior assistência.” (ROCHA; HARA; PAPROCKI, 2015, p. 593). Esse estigma e discriminação tem restringido o acesso a acompanhamento profissional adequado, prolongando o sofrimento emocional e psicológico e o isolamento emocional e social;
- *Esgotamento e Burnout*: O compromisso constante com o serviço aos irmãos e irmãs, as exigências da vida comu-

nitária, a falta de compaixão nas relações interpessoais na congregação ou ordem religiosa e na Igreja, podem levar ao esgotamento e ao *burnout*.

O que é Burnout? Segundo a Organização Mundial da Saúde, Burnout é uma síndrome conceituada como resultado do estresse crônico no local de trabalho que não foi gerenciado com sucesso. É caracterizada por três dimensões: sentimentos de esgotamento de energia ou exaustão; aumento da distância mental em relação ao trabalho, ou sentimentos de negativismo ou cinismo relacionados ao trabalho; e eficácia profissional reduzida (WHO, 2024).

A sensação de sobrecarga e exaustão emocional e física, combinada com a falta de tempo de qualidade para o descanso e autocuidado, pode comprometer seriamente a saúde mental dos consagrados e consagradas.

Por isso, faz-se necessário romper com o véu que esconde os sofrimentos em nossas comunidades religiosas. Reconhecer e abordar clara e comunitariamente esses desafios são caminhos essenciais para promover uma “cultura do cuidado para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, que hoje muitas vezes parece prevalecer” (FRANCISCO, 2021).

Somente empenhados no compromisso de solidariedade comunitária poderemos criar ambientes de apoio e compreensão, onde na vida de comunidade, também se deve tornar-se de algum modo palpável que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teológico, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado” (VC, n. 42).

Presença Pascal que concede paz (Jo 20,19) aos corações agitados e turbulentos, assim nossas comunidades podem proporcionar pela misericórdia e acolhida, a mesma consolação pascal.

Autocuidado e práticas de bem-estar na VRC

O cuidado de si, chamado de autocuidado, são conjuntos de ações que a própria pessoa executa, consciente, para a manutenção da vida, da saúde e do bem-estar. Recordamo-nos do grande mandamento “ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt. 22, 39b), isto é, o cuidado está na base do seguimento de Jesus, pois o cuidado é expressão de nossa humanidade e somente pelo amar a Deus e a si mesmos podemos oferecer amor aos irmãos e irmãs.

Nesse sentido, diversas são as formas e práticas que podem colaborar com o autocuidado, como

a prática regular de exercícios físicos, alimentação equilibrada e saudável, tempo de qualidade de descanso e de sono, o estabelecimento de limites saudáveis entre missão apostólica e tempo pessoal, participação em atividades que tragam prazer e relaxamento e a vivência de uma espiritualidade conectada e encarnada. Além disso, em algumas situações o apoio profissional e psicológico pode colaborar no equilíbrio entre saúde física e mental.

O cuidado de si requer uma atenção ao corpo, às emoções, aos afetos e reconhece nossos limites e gostos pessoais; tudo isso colabora na promoção da cultura do cuidado pessoal e comunitário. Sem o desejo de esgotar as possibilidades, exploramos algumas práticas específicas de autocuidado e sua relevância para promover o bem-estar psicológico, físico e emocional:

- *Apoio Social*: não raras às vezes na VRC, corremos o risco de não vivenciar com profundidade o dom da amizade, pelo desejo de ajudar e oferecer apoio constante. Porém, estabelecer e manter conexões significativas com confrades, irmãos e irmãs da VRC, bem como com amigos e familiares, leigos e leigas; pessoas fora do contexto religioso, pode oferecer um apoio

vital na manutenção de uma vida saudável e feliz. Precisamos recordar *que* “o próprio Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens” (GS 32), vivendo relações saudáveis de amizade e de convívio social, como nas Bodas de Caná e na amizade com Lázaro, Marta e Maria;

- *Prática regular de exercícios físicos*: não é novidade que a prática de exercícios físicos colabora para uma vida saudável, mas não apenas promove a saúde física, mas também contribui para o equilíbrio emocional e a redução do estresse. Atividades como caminhadas, yoga, dança-terapia, arteterapia e natação podem proporcionar mudanças na percepção sensorial, no comportamento e minimizar estresse, além de proporcionar momentos de tranquilidade;
- *Estabelecimento de limites saudáveis*: “a messe é grande, mas pouco são os operários” (Mt. 9,37), sabemos que o serviço aos mais pobres e vulneráveis, na colaboração com a construção do Reino de Justiça e Paz exige da VRC muito sacrifício, doação e entrega. No entanto, é fundamental estabelecer limites saudáveis e reconhecer a

importância de cuidar de si mesmo, pois somente quando nos amamos podemos servir aos outros de maneira eficaz. Em alguns casos é preciso aprender a dizer não quando necessário, delegar responsabilidades e reservar tempo para descanso, tempo pessoal de silêncio e recuperação das energias físicas, espirituais e emocionais;

- *Lazer*: diversos são os caminhos para harmonia entre mente e corpo, um desses caminhos são o lazer, ou seja, ler, ouvir música, praticar hobbies, passar tempo ao ar livre, tempo de conectar-se com aquilo que nos agrada, e a inclusão dessas práticas na rotina diária é fundamental para recarregar as energias e reduzir o estresse, além de serem maneiras de cultivar o equilíbrio e a satisfação pessoal.

Em nossos dias corridos, agitados e hiper conectados, a inclusão de práticas de cuidado de si, podem colaborar para “viver a fidelidade ao vosso compromisso com Deus, na mútua edificação e apoio recíproco” (VC 109); compromisso à Deus que exige de nós forças físicas, emocionais e espirituais, além do apoio recíproco no cuidado fraterno e misericordioso aos irmãos e irmãs da VRC.

Espiritualidade e Saúde Mental

A experiência espiritual é também uma experiência humana, por isso, desempenha papel essencial na VRC, enquanto forma de aproximação afetiva ao Mestre Jesus, mas também como meio de humanização pessoal e comunitária. Conforme *Vita Consecrata*, a VRC deve praticar “uma ascese pessoal e comunitária que purifica e transfigura toda a sua existência” (VC, n. 103), isto é, a prática espiritual deve transfigurar nossa existência os moldes da existência de Jesus, que ensina a humanidade a plenitude do próprio humano.

Deste modo, a espiritualidade enquanto experiência de sentido, possibilita-nos olhar para a história pessoal, reviver memórias, reconciliar com a dor e os sofrimentos e também saborear as belas experiências vividas. Com isso, a vida espiritual pode nos ajudar no autoconhecimento, na autoaceitação, enquanto caminho para reler a própria vida à luz do Espírito Santo e, assim, escrevermos e narrarmos a *teografia* de nossas vidas.

Ante a experiência de narrar a *teografia* de nossas vidas, somos impelidos como homens e mulheres consagrados a questionar nosso lugar no mundo e a reali-

dade em que estamos inseridos. E desta forma, aprofundar o conhecimento sobre o sentido de nossas vidas, como nos convidou Papa Francisco “espero que cada forma de vida consagrada se interrogue sobre o que pedem Deus e a humanidade de hoje” (EG, n. 5), por isso a vivência de uma espiritualidade que proporcione um profundo encontro consigo mesmo, e com Deus, nos coloca atentos aos impulsos do Espírito Santo que fala pela realidade ao nosso entorno.

Diante disso, buscar constantemente o sentido de nossas vidas é essencial, pois “sem um contexto de sentido em que os fatos da vida se reúnam significativamente, o ser humano perde a noção da realidade. Juntamente com ela, perde a noção de si mesmo e de sua humanidade” (CRITELLI, 2016, p. 31). Não reconhecer o sentido pessoal de vida, nos conduz a um isolamento e, por consequência, nos desumaniza. A vida espiritual deve ser um constante humanizar, pois o conhecimento do Deus de Jesus faz-nos homens e mulheres, divinos na humanidade.

E, por isso, a vivência de uma espiritualidade que possibilita crescer no autoconhecimento e na autoaceitação, nos conduz a uma atenção para com as nossas emoções e afetos, nos faz crescer em liberdade de entrega e doação

de nós mesmos para o serviço do Reino de Deus. Além de nos conduzir a aprofundar nossa mística da comunhão, como chama Papa Francisco, a “mística do viver juntos... uma peregrinação sagrada” (FRANCISCO, 2014, n.03). A busca de trilhar comunitariamente o “caminho da caridade que se abre diante de nós é quase infinito, porque se trata de buscar a aceitação e a solicitude recíprocas” (EG, n. 03), é um convite a conhecer-nos em profundidade, para sair de si e oferecer aos outros o “nossa melhor versão”, em doação e entrega.

Ao reconhecer que a espiritualidade nutre nossa relação com Deus e, principalmente, nossa relação conosco mesmo e, por isso, é instrumento essencial para promover o cuidado de si e a saúde mental, nossas comunidades religiosas podem criar ambientes que nutram o crescimento espiritual e emocional dos seus membros. Integrar práticas espirituais que favoreça esse caminho pessoal e comunitário, colabora no cultivo de comunidades mais saudáveis, fraternas e humanas.

Conclusão

Ao longo desta reflexão, buscamos abordar alguns dos desafios e oportunidades relacionados à saúde mental, ao autocuidado e à espiritualidade na VRC. Reco-

nhecendo que precisamos romper com o véu que esconde tantos sofrimentos no interior de nossas comunidades, para assim, crescermos na cultura do cuidado, que começa em nossas casas religiosas.

Para isso, destacamos algumas formas e práticas de cuidado de si e estratégias para promover ambientes mais fraternos e acolhedores, em promoção da saúde emocional. Práticas que nos prepara para o serviço eficaz do Reino de Deus, em favor dos mais pobres e necessitados.

Além disso, examinamos a importância da espiritualidade, como caminho para reler, escrever e narrar a própria história pessoal, à luz da *teografia* em nossa vida, nos possibilitando reconciliar com nossa história, acolher-nos e, principalmente, aprofundar no conhecimento do sentido pessoal de vida. Além de que nossas comunidades religiosas, por meio de uma espiritualidade de profundo encontro consigo mesmo, com Deus e com os outros, podem crescer na aceitação e solicitude recíprocas e, assim, aprofundar a comunhão fraterna.

Enfim, buscamos apresentar luzes e abrir espaços de discussão do cuidado de si e da saúde mental na VRC, cientes de que estamos longe de esgotar o assunto e

tampouco encontraremos todas as soluções para nossos desafios. Porém, o Espírito Santo conduz as nossas vidas e deve mostrar a melhor direção para que cada comunidade religiosa viva essa experiência de comunhão frater-

na e aceitação recíproca. E, deste modo, possamos construir o futuro da VRC, sem isolar-se ou contar com nossas próprias forças, mas abertos ao diálogo, à escuta e à ajuda mútua.

Para dialogar em comunidade:

1. Como cada um/a percebe seu estado de saúde? Partilhar como cada um/a se sente.
2. Quais os cuidados que tomamos para manter ou restabelecer nossa saúde mental?
3. Quais os cuidados que tomamos para manter ou restabelecer nossa saúde física?

Referências:

- CRITELLI, Dulce. **História pessoal e sentido da vida**: historiobiografia. São Paulo: FAPESP, 2016.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes**. Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual. Roma, 1965.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica às pessoas consagradas, em ocasião do ano da vida consagrada**. Roma: Paulus, 2014.
- FRANCISCO, Papa. **A cultura do cuidado como percurso de paz, mensagem para a celebração do 54º dia mundial da paz**. Roma, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 07 fev. 2024.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html. Acesso em: 05 fev. 2024.

- LIMA, C. K. T., CARVALHO, P. M. M., LIMA, I. A. S., NUNES, J. A. V. O., SARAIVA, J. S., SOUZA, R. I., ... ROLIM NETO, M. L. **The emotional impact of coronavirus 2019-Ncov (new Coronavirus Disease)**. Em: *Psychiatry Research*, n. 287, e.112915, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112915>. Acesso em: 04 fev. 2024.
- ROCHA, F. L., HARA, C., PAPROCKI, J. Doença mental e estigma. Em: **Revista Médica de Minas Gerais**, n. 25. pág. 590–596, 2015. Disponível em: <https://rmmg.org/exportar-pdf/1876/v25n4a19.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Burn-out an "occupational phenomenon": International Classification of Diseases**. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/28-05-2019-burn-out-an-occupational-phenomenon-international-classification-of-diseases#:~:text=%E2%80%9CBurn%2Dout%20is%20a%20syndrome,related%20to%20one's%20job%3B%20and>. Acesso em: 04 fev. 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Constitution**. Disponível em: <https://www.who.int/about/accountability/governance/constitution>. Acesso em: 04 fev. 2024.

SINODALIDADE E NOVAS GERAÇÕES: A ESPERANÇA DESPONTA JÁ!

Pe. Josky Menga Makanda, IMC¹
Fr. Alisson Mesquita de Souza, OFM Conv.²

Resumo: Este texto visa fazer uma recordação reflexiva do projeto das Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada e do V Congresso. Ele quer contribuir a guardar na memória e na consciência as principais palavras, gestos e os simbolismos da Vida Religiosa Consagrada, no intuito de facilitar, para os jovens religiosos consagrados/a, perseverar, estar sempre motivados na caminhada e de serem fieis naquilo que é essencial na vida e vocação, que é o seguimento de Jesus Cristo, a exemplo da experiência de cada fundador/a.

Palavras-Chaves: Novas Gerações; Sinodalidade; Esperança; Identidade.

Introdução

O projeto Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada (NG's) foi principiado em 2005 em nível nacional e em nível latino-americano em 2008. Essa iniciativa

foi impulsionada pela priorização da juventude pela Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR) em 1997 e pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)

¹ Missionário da Consolata. Assessor para as Novas Gerações da CRB Nacional. Endereço para contato: josky.menga@crbnacional.org.br

² Frade Menor Conventual. Endereço para contato: alisson.mesquita.souza@gmail.com

em 1999. O pano de fundo foram as transformações constatadas e as novas problemáticas emergentes, entre elas o ativismo, a superficialidade espiritual, as motivações vocacionais pouco claras, a interculturalidade, as lacunas formativas, as saídas de jovens consagrados/as e as novas tecnologias da comunicação.

O projeto NG's objetiva fomentar dinamicamente a vivência de uma experiência autêntica com Deus, baseada nos valores da Vida Consagrada, do próprio carisma e da herança institucional, em íntima união com os irmãos. Nesse intuito, as atividades são desenvolvidas por meio de pequenos grupos de vivência, nos quais os membros partilham suas realidades e desafios e buscam, escutando-se mútua e ativamente, aprender com o que está sendo apresentado. Além disso, são promovidos momentos de espiritualidade, recreativos e congressos regionais, nacionais e internacionais. Os membros das NG's são todos os religiosos e religiosas consagrados/as desde o primeiro ano de votos temporários até o décimo ano de votos perpétuos ou solenes, independentemente da idade cronológica.

O V Congresso Nacional

O V Congresso Nacional realizado em Itatinga, na Região Metropolitana de Fortaleza, Ceará, de 2 a 5 de novembro de 2023, teve como tema: *Sinodalidade, caminho da esperança* e como lema: *Novas gerações a esperança desponta já*. O objetivo principal foi sonhar juntos o querer de Deus para as NG's do Brasil e da América Latina e Caribe para uma Igreja sinodal.

Depois de três anos de pandemia sem os encontros em nível nacional, o congresso das novas gerações foi um espaço de encontro, de olharmos para nós mesmos e perceber que há esperança neste horizonte e que nosso “sim” a Deus por meio da profissão religiosa, é sinal que deve atrair fortemente todos os membros da Igreja a corresponderem prontamente às exigências da vocação cristã (LG, n. 44). A VRC brilha como um sinal luminoso do reino dos céus (PC, n. 1). Foram dias em que cada um e cada uma pôde expressar sua própria cultura e mostrar a riqueza da diversidade congregacional, mantendo a unidade de fundo, graças ao chamamento idêntico a seguir na busca da perfeita caridade, Jesus Virgem, pobre e obediente (VC, n. 12).

Partilhando Alegria

O viver a experiência de um congresso de VRC Jovem foi muito bom, foi algo renovador da vocação, foi um momento de estreitar os laços de amizade com outros religiosos e religiosas que estão no mesmo caminho, procurando simplesmente ser feliz em um modo atualizado de viver o carisma e a espiritualidade própria de cada Instituto. O viver essa experiência como uma nova geração é colocar-se na dimensão da fraternidade que se constitui em base de um serviço capaz de acolher toda pessoa como um irmão e irmã (OFM Conv, 2001, 0.37). Com isso, foca-se a atenção no ideal de vida, no seguimento a Jesus Cristo, a exemplo de cada fundador e fundadora que um dia foi chamado por Deus, para trilhar um caminho que nos remete a uma experiência concreta de onde nasceu o carisma, ao qual cada congregação, ordem ou instituto religioso se identifica e dá o testemunho de vida por meio da consagração e da vivência dos votos evangélicos.

A VRC, por meio dos votos evangélicos, vive a experiência da Trindade na qual se espelha para constituir-se em comunidade fraterna que se torna unida no louvor de Deus e por uma concreta expe-

riência de comunhão (VC, n. 41). Quando os jovens consagrados de pouco tempo de profissão religiosa se encontram, expressam o sentido de pertença a uma comunidade de amigos que fazem a experiência de plena partilha de carismas e dons refletindo a profundidade da riqueza desse mistério ao qual fomos chamados, nos identificamos e damos testemunho para o mundo (VC, n. 41). O que identifica o ideal de VRC é a vivência da fraternidade no amor, porque é neste amor que há a partilha como sinal de comunhão eclesial, onde a pessoa consagrada cultiva a dimensão do cuidado consigo, com o outro e com o seu próprio instituto religioso (VC, n. 42).

Ser consagrado é viver de modo pleno a radicalidade do batismo. É entregar-se totalmente para a vida de comunidade, deixar-se guiar por ela e deixar que a comunidade fraterna se torne um espaço teológico onde se possa experimentar a presença mística do Senhor Ressuscitado (VC, n. 42). É também a experiência do ser chamado por Deus para ser um cooperador do sagrado que é o próprio Deus. É fazer com que este sagrado se faça presente no meio do povo e o povo vendo essa presença sagrada de Deus, possa ter a coragem de ir ao encontro de Deus, para contemplar a sua face na plenitude.

Falar de uma juventude consagrada é perceber que são homens e mulheres que optaram em viver um estilo de vida e que deixaram-se introduzir na comunhão com o Pai e com o Filho, Jesus Cristo (VC, n. 42). Ser jovem é consolidar o que se descobriu, é sonhar com novos horizontes, é ser corajoso e ter ânimo forte para enfrentar os obstáculos, desafios e as barreiras. Para isso, é preciso fazer o exercício diário da oração e da ascese como um combate espiritual (VC, n. 42), para que a força de Deus, possa lhe sustentar, no seu caminho de perfeição evangélica. A fase da juventude é o período que o jovem tem muitas ideias inovadoras a serem implantadas, cultivadas e vividas. É o período de estabelecer a identidade própria e tomar consciência da necessidade de ser independente.

Na VRC Jovem não é diferente. Nos primeiros anos de votos, tem-se um carinho especial no cuidado dessa vocação. Nesse momento o jovem está consolidando e amadurecendo o seu ideal de vida. Ele toma consciência da necessidade da formação contínua, porque estando na escola de Jesus, todos são discípulos/a do Mestre que exige estar focado no essencial da adesão da fé e do amor a Cristo (OFM Conv, 2001, p. 6). É uma geração que vem com um impulso novo, alegre e dinâmico de viver

bem um carisma e aquilo que o fundador e fundadora nos deixaram.

As Congregações, Ordens e Institutos devem criar espaços propícios para que os religiosos e religiosas com pouco tempo de consagração, tenham relações humanas transparentes onde possam partilhar a vida, as tristezas e as esperanças e assim vivenciar o seu jeito jovial tendo a oportunidade de apresentar propostas inovadoras para fazer com que o Reino de Deus possa crescer e frutificar.

A esperança desponta já!

Na] do congresso tivemos a presença de Irmã Maria Inês, ex-Presidenta da CRB Nacional. Ela abordou o tema central do V Congresso: *Sinodalidade, caminho de esperança*.

Na sua fala ressaltou que os consagrados e consagradas devem estar nas portas do sepulcro para anunciar e testemunhar a esperança para todos. Seu dever é promover a santidade e a conversão, num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente dos mais necessitados (VC, n. 39). E que a responsabilidade de religiosos e religiosas no mundo é de ser sinal vivo da espe-

rança de dias melhores, de poder exteriorizar com o seu carisma a alegria que contagia todas as pessoas, animando-as a caminhar com aquele que é o nosso único tesouro.

Uma VRC para o Reino de Deus tem que aprender a ser mais missionária e ser menos institucionalizada, para que sejamos sinal de esperança para os nossos Institutos. O essencial da VRC é o carisma que implica um encaminhamento para o Filho que conduz a cultivar uma íntima e feliz comunhão de vida, na escola do seu serviço generoso a Deus e aos irmãos (VC, n. 36).

Precisamos redescobrir a arte de escutar os apelos e os sinais de Deus para podermos recriar a centralidade do nosso seguimento e ter um olhar contemplativo da realidade. No discernimento dos sinais e dos apelos de Deus, aprendemos a acolher as propostas da vida, que vem de Deus, para que possamos corresponder profeticamente com o anúncio da esperança da vida para o outro.

Irmã Maria Inês, em sua fala, elencou seis movimentos de ação prática que nos orientam naquilo que fomos chamados:

1. O primeiro se dá rumo à **vida na esperança de se aproximar daquilo que é positivo**, a exemplo das

mulheres da aurora (Lc 24, 1-12) que mergulharam em profunda contemplação para poder dialogar com o mistério da dor, do viver com o sentido da radicalidade e do entusiasmo com a nossa vocação;

2. O segundo se dá rumo ao **essencial do seguimento de Jesus na centralidade das relações**, como uma força da utopia do Reino, em um mundo que se encaminha para uma relação de irmãos e irmãs, fazendo com que se humanize a vida religiosa consagrada buscando a inclusão na diversidade;
3. O terceiro se dá rumo à **dignidade humana e a cultura do cuidado**, que nos faz despertar em nós consagrados e consagradas, essa força de abraçar a ressurreição e de atender aos gemidos das vítimas de todo tipo de abusos e repará-las quanto seja possível e ser capaz de gerar na Igreja relações e mecanismos de cuidado e zelo pelo outro;
4. O quarto se dá ao **abraçar a força da Ressurreição e caminhar em sinodalidade rumo a um novo modo de ser Igreja**, a partir das contribuições para uma iden-

tidade da VRC e de uma reforma da Igreja, um impulso à formação na sinodalidade para gerar dinâmicas de participação nas buscas, nos processos e nas tomadas de decisões, nas comunidades, nos serviços e na Igreja;

5. O quinto se dá em direção à **mudança sistêmica e na incidência social, a partir de uma formação política para desvendar a dimensão mística profética da VRC**, onde se encontra os mais pobres e vulneráveis e possibilite dinâmicas de empoderamento das mulheres, dos leigos e dos jovens e se evidenciem dinâmicas de abuso, clericalismo e verticalidade no interior da Igreja, que impossibilitam viver o modo relacional de Jesus;
6. O sexto, se dá pela **renovada opção pela ecologia integral** desde a consciência da sacralidade da criação e dos direitos das gerações, que nos motiva a sair de si mesmo e buscar o bem comum, que nos entrelaça com o outro e que nos faz participantes das redes de cuidado e defesa da vida, da terra e dos mais pobres e as culturas.

A experiência das oficinas

As oficinas foram uma experiência rica de sentidos e valores onde pudemos perceber temas bem atuais na vivência cotidiana das comunidades. Elas nos ajudaram muito a olhar para o nosso interior de onde podemos tirar muitas coisas boas, que são capazes de nos ajudar na nossa caminhada. Cada um de nós escolheu um mantra pessoal íntimo capaz de nos ajudar no dia a dia da vivência fraterna e que, nos desafios e dificuldades, acalma e nos faz serenos e pacíficos conosco mesmos.

As oficinas também nos ensinaram que os medos, as esperanças e as alegrias que os outros trazem se identificam com as nossas porque somos humanos e precisamos uns dos outros para superar os desafios que a vida nos apresenta. É preciso que os jovens consagrados e consagradas estreitem os laços de amizade e busquem caminhar juntos rumo à perseverança e a felicidade na caminhada vocacional. Isso nos dá a certeza de uma boa qualidade da vida, porque somos consagrados/a, para Cristo e ao serviço de seu Reino testemunhando a fidelidade do seguimento até a cruz (CONGREGAÇÃO..., 2002, n. 9).

Identidade da VRC no Processo Sinodal

Frei Rubens Nunes da Mota, tratando o tema da sinodalidade, ressaltou que a construção da identidade na VRC tem uma dimensão pessoal e outra institucional. É que tudo aquilo que é intuição inspiracional dada por Deus, passa por um processo institucional que implica em podas, abertura e protagonismo de uma consciência sobre si, na relação com o outro, com a instituição religiosa e com a Igreja. A beleza da VRC está em harmonizar a inspiração pessoal com as dinâmicas institucionais e eclesiais.

O processo formativo é o caminho em que a instituição ajuda o rapaz e a moça na formação da sua identidade religiosa consagrada, seguindo as etapas formativas. Os jovens consagrados são formados para viver o espírito comunitário e fraternal em uma vida de oração. Este é o primeiro princípio da identidade do consagrado. As etapas de formação, de modo alegórico, são a gestação e o amadurecimento educacional que a instituição vai despertando e educando o jovem para que ele, no momento certo e na sua idade espiritual, esteja pronto para ser um religioso que testemunhe com sua vida o carisma que lhe foi dado.

No período de animação vocacional, a Congregação, a Ordem ou o Instituto faz a gestação e o nascimento, ou seja, desperta no jovem aquela sensação de ser algo, para aquele instituto religioso. É o primeiro contato, ainda sem a vivência interna, mas motivado pelo encantamento com o carisma do fundador e fundadora.

O período do aspirantado e postulante são os momentos que correspondem à adolescência. Neles o jovem dá seus primeiros passos na VRC na vivência interna com os outros, nas responsabilidades com os estudos e no assumir carisma institucional, fazendo com o jovem conheça e se faça conhecido/a por meio do discernimento.

Depois vem o período do Noviciado. É quando o jovem se torna um membro da instituição e ele deve se acostumar com sua nova identidade de ser religioso consagrado, da responsabilidade de levar o nome e de representar toda uma comunidade fraterna. É a fase que o aproxima da maioria onde o jovem consagrado/a faz um aprofundamento do ideal de vida do fundador e fundadora e se reveste do carisma e da espiritualidade da instituição religiosa.

O período do Juniorato é o tempo em que o jovem vai consolidar a sua vocação e de se preparar

para os votos perpétuos, ou seja, em viver esse carisma por toda a sua vida. É o tempo em que a instituição precisa cuidar muito bem para que o jovem se sinta sempre motivado naquilo que ele almejou tanto: ser um Religioso/a consagrado/a.

O Congresso encerrou com a avaliação dos participantes e de cada região. Foi consenso entre os participantes que o Congresso foi um momento renovador da esperança para a vida religiosa Jovem no Brasil e, nela, da vocação de cada um e cada uma das participantes.

Para conversar em comunidade:

1. Quais são os principais desafios que as novas gerações encontram para viver a sinodalidade na instituição?
2. Quais são as propostas concretas capazes de iluminar os desafios em vista da sinodalidade (caminharmos juntos/as)?
3. Como estamos promovendo a cultura vocacional nas nossas instituições neste ano vocacional?

Referências

DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONGREGAÇÃO para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica. **Partir de Cristo**: um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio. Roma, 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20020614_ripartire-da-cristo_po.html Acesso em: 18 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta encíclica sobre a Amizade Social e a Fraternidade Universal. Brasília: CNBB, 2020.

OFM Conv. **Discipulado franciscano**. Diretório geral da formação. Roma, 2001.

OFM Conv. **A formação na Ordem**: linhas para um compromisso renovado. Roma, 1998.

ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

A revista

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as.

Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. É desejável que sejam textos inéditos. Caso já tenham sido publicados de forma física ou virtual, pede-se seja informado à redação para avaliação.

Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, *Paróquia: comunidade de comunidades*, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evange-

lho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); formação acadêmica; atividade desenvolvida no momento; endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal): Cidade: UF: País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: () E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).